

NÓS NÃO VAMOS SUCUMBIR



Barbara Cristina Lima

NÓS NÃO VAMOS SUCUMBIR:
o acontecimento noventa anos de Elza Soares

Universidade Federal de Minas Gerais
Pós-Graduação em Comunicação Social
Belo Horizonte

2021

Barbara Cristina Lima

NÓS NÃO VAMOS SUCUMBIR:
o acontecimento noventa anos de Elza Soares

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para qualificação de Mestre em Comunicação Social.

Área de Concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de pesquisa: Processos Comunicativos e Práticas Sociais

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte (MG)
2021

301.16 Lima, Barbara Cristina.
L732n Nós não vamos sucumbir [manuscrito] : o acontecimento
2021 noventa anos de Elza Soares / Barbara Cristina Lima. -
2021.
127 f.
Orientadora: Vera Regina Veiga França.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1.Comunicação – Teses. 2. Celebidades -
Teses.3.Soares, Elza, 1937-. I. França, Vera Veiga, 1951-.
II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FOLHA DE APROVAÇÃO

"NÓS NÃO VAMOS SUCUMBIR: o acontecimento noventa anos de Elza Soares"

BARBARA CRISTINA LIMA

Dissertação de Mestrado defendida e aprovada, no dia **09 de setembro de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, constituída pelos(as) seguintes professores(as):

Prof^a. Dr^a. Vera Regina Veiga França (UFMG)

Prof^a. Dr^a. Laura Guimarães Corrêa (UFMG)

Prof^a. Dr^a. Rayza Sarmiento de Sousa (UFV)

Belo Horizonte, 09 de setembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por **Rayza Sarmiento de Sousa, Usuário Externo**, em 10/09/2021, às 10:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 24/09/2021, às 11:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Laura Guimaraes Correa, Professora do Magistério Superior**, em 14/10/2021, às 20:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0947659** e o código CRC **79C300CB**.

À Elza Soares.

Uma pequena homenagem de tantas que ela deveria receber.

Agradecimentos

Insuficiente.

Essa é a palavra que melhor descreve este texto de agradecimento. Isso porque eu venho rascunhando trechos que expressam a minha gratidão ao longo dos últimos três anos e, ao final de todos os rascunhos, sempre me lembro dessa insuficiência. Uma insuficiência de palavras e também da capacidade de traduzir sentimentos grandiosos e desorganizados em frases que façam algum sentido.

Assumo essa insuficiência. É esse texto com palavras insuficientes que irá me lembrar de ser eternamente grata aos que estiverem ao meu lado nesse momento que, sem dúvidas, foi um dos mais intensos da minha vida.

Começo agradecendo, então, à intensa mulher que é a minha mãe. Obrigada por dedicar a sua vida para que eu fosse, sobretudo, uma pessoa feliz. Quando alguém elogia a minha "energia boa" eu me lembro do quanto sempre admirei o seu astral e sua forma animada de levar a vida. É uma honra ser um pouco de você.

Agradeço com a mesma intensidade ao Jenilson. Obrigada por viver ao meu lado, por tanto amor todos os dias e por despertar minhas melhores versões. Seria impossível realizar este trabalho sem um copiloto tão dedicado, companheiro e bonito.

Falando em copiloto, tive a sorte de contar com mais um: o maior fã da Elza Soares que eu conheço. Thadeu, obrigada por tornar esse caminho mais leve e engraçado e por dividir essa paixão pela Elza e pela vida comigo.

À Vera, minha querida orientadora. Obrigada por segurar a minha mão e não desistir da minha teimosia. Agradeço pela generosidade de dividir um pouco de você comigo. Me sinto muito honrada em seguir a vida sendo um pouco Vera França.

Agradeço à Rafa por ter sido a minha amigona de sempre mesmo nos momentos em que eu estava mais irreconhecível. Me dá um abraço rápido aqui, amiga!

À Cecília e à Chloé, meu agradecimento vem acompanhado de um recado: o mestrado acabou, mas seguirei na cola de vocês pra sempre. Obrigada por tanto cuidado, amor e pela fé que construímos juntas.

Por falar em fé, agradeço à vida por ter me feito neta da Dona Raimunda. Vó, a vida seria bem mais difícil sem o seu acolhimento e o do Vô Daniel e sem as suas rezas.

Do outro lado, agradeço ao Afonso, que não aparenta ter muita fé mas me ajudou, religiosamente, a ter momentos mais leves em meio ao caos. Obrigada também pela revisão deste trabalho.

À Malu, por ser sempre tão disponível e atenciosa nas minhas dúvidas acadêmicas.

Agradeço à Laura e à Rayza, pelas contribuições na banca de qualificação, pelo cuidado e por aceitarem novamente o convite para a defesa.

À Júlia e ao Vitinho, pelos momentos divertidos que vivemos e seguiremos vivendo juntos e por me darem o título – com merecimento questionável, é claro – de prima mais legal da família.

Agradeço também à Ci, Vera, Rômulo, Tânia, Rui, Luana, Lorena e Lucas por me fazerem acreditar que eu conseguiria tudo que quisesse na vida. Agradeço também à Tê, Vovô Davi e Ronan por olharem por mim lá de cima.

Como a família é grande, a lista de agradecimentos também se estende: muito obrigada, Baiana, Ceni, Cira, Nica, Gunga, Glaúcia, Thiago, Déia, Monique, Stéfani, Duda, Keila, Lelé, Matheus, Daniel, Lída, Duda, Aninha, Vânia, Vanete, Milena, Viviane, Gabi, Isabella, Betinha, Adilson, Marcos, Ramon, Camila, Hamilton, Barbara, Rosilene, Íris, Julinho, Zica, Alisson, Juninho, Érica, Eliene, Eltinho, David, Denise, Wellington, Jéssica e Leandro.

Às minhas queridas amigas e amigos, Hanna, Joana, Tati, Lincoln, Léo, Adriel, Dani, Wesley, Bruna, Artur, Nico, Déborah e Pâmmela: muito obrigada por me ajudarem tanto, mesmo que sem saber, a atravessar esse período tendo a certeza que teria bons abraços me esperando na volta.

Agradeço à Capes pela bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa. Sem esse incentivo, certamente tudo seria mais difícil – e, até mesmo, impossível.

Ao Orientação Afirmativa também agradeço pela viabilidade desse trabalho. O apoio de vocês foi fundamental. Obrigada, Mayra, Lucianna, Pâmela, Ester, Deize, Alessandra, Breno, Elaine, Nana, Vivian, Cláudio e Olívia.

Às professoras e professores – em especial às que me deram aula: Laura, Paula, Simone, Vanessa e Regiane – e demais funcionários da UFMG que me auxiliaram em vários momentos da minha trajetória de mestrado. Ao Gris, GrisLab e AMST pelos momentos transformadores.

Aos amigos da Link por tanto companheirismo.

Agradeço também à Fernanda Rodrigues pela linda capa deste trabalho.

Por fim, agradeço a Deus, a todas as forças que me sustentaram até aqui e à Elza Soares por transformar a minha vida por meio da sua.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é investigar como o aniversário de noventa anos da cantora Elza Soares descortina momentos da sua trajetória que dão a ver a sua construção enquanto celebridade, bem como os valores da sociedade brasileira. Para tanto, acionamos os conceitos de celebridade, interseccionalidade e acontecimento para amparar nossa discussão teórica. Tomamos como *corpus* uma matéria do programa “Domingo Espetacular”, um episódio do podcast “G1 Ouviu”, uma entrevista do programa “Metrópolis” e o desfile do ano de 2020 da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Outro elemento central é o vasto repertório musical de Elza, que nos ajudou na estruturação das discussões e na recontagem da história da cantora a partir do marco dos seus noventa anos. Desse material, construímos nosso desenho metodológico. Primeiro, uma análise de conteúdo nos permitiu identificar e organizar nossa empiria em quatro eixos temáticos dominantes (Trabalho, Tempo, Fé e Voz). Em seguida, usamos as possibilidades analíticas oferecidas pelo conceito de acontecimento. Os achados da nossa pesquisa revelam uma Elza injustiçada e oprimida em muitos níveis, mas que encontrou, como tantos outros brasileiros, uma forma de seguir dando a volta por cima.

Palavras-chave: Celebidades, interseccionalidade, acontecimento, Elza Soares.

ABSTRACT

The objective of this research is to investigate how the ninety-year anniversary of singer Elza Soares reveal moments in her trajectory that show us her construction as a celebrity, as well as the values of Brazilian society. Therefore, we use the concepts of celebrity, intersectionality and event to support our theoretical discussion. We took as our *corpus* a segment from the TV program “Domingo Espetacular”, an episode of the podcast “G1 Ouviu”, an interview from the program “Metrópolis” and the 2020 carnival parade of Mocidade Independente de Padre Miguel. Another central element is Elza's vast musical repertoire, which helped us to structure the discussions and recount the singer's story from the milestone of her nineties. From this material, we build our methodological design. First, a content analysis allowed us to identify and organize our empiricism in four dominant thematic axes (Work, Time, Faith and Voice). We then use the analytical possibilities offered by the concept of event. The findings of our research reveal that Elza has been wronged and oppressed on many levels, but that she has found, like so many other Brazilians, a way to keep going back on top.

Keywords: Celebrities, intersectionality, event, Elza Soares.

Lista de figuras

Figura 1 - Elza Soares no meio das pernas do pai acompanhada da mãe das e irmãs (1933) (CAMARGO, 2014, p. 31)	33
Figura 2 - Elza Soares e sua mãe, Dona Rosária, em Água Santa, Rio de Janeiro (1950) (CAMARGO, 2014, p. 55)	34
Figura 3 - Elza Soares cantando em um programa de rádio (1960) (CAMARGO, 2014, p. 69)	37
Figura 4 - Reencontro de Elza Soares e Ary Barroso (1963) (Revista Continente).....	38
Figura 5 - Elza posando com seus discos "Se acaso você chegasse" e "O samba é Elza Soares" (1961) (CAMARGO, 2014, p. 123).	40
Figura 6 - Elza Soares e Garrincha com faixa e troféu da Copa de 1958 (1962) (Site Catraca Livre)	41
Figura 7 - Elza Soares e Garrincha em Roma (1971) (Site BuzzFeed).....	43
Figura 8 - Elza Soares careca (1976) (Perfil do Facebook "Elza Soares").....	46
Figura 9 - Elza, Garrincha e Garrinchinha (1977) (Perfil do Instagram "Elza Soares")	47
Figura 10 - Elza Soares e Caetano Veloso cantando a música "Língua" (1986) (CAMARGO, 2014, p. 286).....	48
Figura 11 - Foto de divulgação do clipe da música "Comportamento Geral", composta por Gonzaguinha e parte do 33º álbum de Elza Soares, "Planeta Fome". O cenário da obra apresenta um clima pós-apocalíptico e o figurino de Elza, carregado de alfinetes, remete à sua apresentação no programa de Ary Barroso (2019) (G1)	51
Figura 12 - Elza Soares no carro "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar" do desfile da Mocidade (2020) (G1).....	52
Figura 13 - O trabalho de carregar água em uma d'água na cabeça é representado na comissão de frente do desfile da Mocidade (2020) (G1)	70
Figura 14 - Elza Soares em show Operária Brasileira, Rio de Janeiro (2010) (Revista Caras).....	72
Figura 15 - Cena do filme "My Name Is Now" - Elza reflete sobre o tempo em frente ao espelho (2014) (Agenda BH).....	76
Figura 16 - Colar com medalha de São Jorge sobre o colo de Elza Soares, foto da contracapa do livro "Elza", escrito por Zeca Camargo (2014)	79
Figura 17 - Flávio Renegado, parceiro de Elza na música "Negão Negra", representando o orixá Exu no carro "Laroyê Ê Mojubá - Minha fé quem faz sou eu" do desfile da Mocidade (2020) (G1).....	81

Figura 18 - Virna Soares, neta de Elza, representando a cantora em sua apresentação no programa de Ary Barroso no carro "Nasce uma estrela", do desfile da Mocidade (2020) (G1)	85
Figura 19 - Lateral do carro "O circo da vida - apanhou à beça mas é dura na queda", do desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel, com denúncias que ecoam na voz de Elza (2020) (G1).....	88
Figura 20 - Capa do disco "Se acaso voccê chegasse" (1960) (IMMuB).....	92
Figura 21 - Capa do disco "Pilão + Raça = Elza" (1977) (IMMuB)	93
Figura 22 - Capa do disco "Vivo Feliz" (2007) (IMMuB)	94
Figura 23 - Traseira do último carro da escola Mocidade Independente de Padre Miguel - "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar" (2020) (G1).....	97

Sumário

Introdução	13
1. Sobre interseccionalidade	16
1.1. Origem	16
1.2. Mas, afinal, o que é interseccionalidade?	20
1.3. Interseccionalidade: uma vertente feminista?	22
2. Sobre celebridades	24
2.1. Retomada histórica	25
2.2. Celebridade e interseccionalidade	28
3. Elza Soares: uma história que transforma histórias	31
3.1. Um louva-a-deus que não roubou a fé	32
3.2. Deus nos acuda	36
3.3. Não é Deus uma mulher?	44
4. Sobre acontecimento	53
4.1. Que acontecimento é esse?	54
5. Metodologia	60
5.1. Corpus	62
5.2. Procedimentos	65
6. Análise: Os 90 anos de Elza Soares	68
6.1. Trabalho	68
6.2. Tempo	73
6.3. Fé	77
6.4. Voz	83
Considerações finais	99
Referências	105
ANEXO A: Descrição da matéria do programa <i>Domingo Espetacular</i>	109
ANEXO B: Descrição do episódio do podcast <i>G1 Ouviu</i>	114
ANEXO C: Descrição da entrevista do programa “Metrópolis”	117
ANEXO D: Descrição do desfile da Mocidade	120
Primeiro setor: "Com lata d'água na cabeça: nasce uma estrela"	121
Segundo setor: "Credo - Minha fé quem faz sou eu"	123
Terceiro setor: "Credo - A metamorfose da deusa: as muitas faces de Elza"	123

Quarto setor: "Quero ser a pioneira - É samba que corre na veia"	124
Quinto setor: O circo dos horrores - Sentindo na pele a opressão do machismo e do preconceito	125
Sexto setor: "Resistência, arte e engajamento: essa nega tem poder!"	126

Introdução

Uma ideia de pesquisa pode surgir de formas variadas. A que apresentaremos aqui teve origem em uma inquietação pessoal: fui comparada à cantora Elza Soares duas vezes. A primeira foi em 2008, quando eu tinha dezoito anos e decidi, depois de dez anos mantendo os cabelos alisados, deixar os fios naturais para uma festa de *réveillon*. A comparação me ofendeu imediatamente, afinal, não sabia muita coisa sobre Elza, só que ela era uma mulher que muita gente usava como referência quando queria falar que alguém era feio¹. A segunda comparação aconteceu em 2017, quando conversava com um amigo sobre algumas dificuldades que eu havia vivido enquanto mulher negra, de origem pobre e que cresceu tendo que conviver com o alcoolismo de uma pessoa muito próxima. Nessa época, eu já sabia um pouco mais sobre Elza Soares e a comparação teve outro sentido: serviu de impulso para que eu me interessasse em investigar o poder que emanava dessa figura que insistia em cruzar novamente meu caminho.

A partir dessa segunda experiência e com a empiria em mãos, fui em busca de perspectivas teóricas e conceitos trabalhados no campo da comunicação que pudessem me auxiliar na construção de uma problemática de pesquisa. Me aproximei dos estudos acerca das celebridades que tinham como base um viés praxiológico e, em paralelo, comecei a observar o esvaziamento que o termo “empoderamento” sofria, principalmente nas redes sociais, sendo usado, até mesmo, como argumento de venda por parte de algumas empresas. Algo como: “seja uma mulher empoderada, compre seu próprio carro”. Entendi, então, que uma possibilidade de pesquisa poderia ser o uso da trajetória de Elza Soares para entender mais sobre empoderamento e sobre o fato de algumas celebridades femininas serem tidas como empoderadas e outras não.

Porém, o primeiro movimento que fizemos no nosso trabalho (pesquisar a fundo a vida de Elza Soares, olhando, especialmente, para os acontecimentos que sobressaem dela) nos deu alguns indícios de que o caminho era outro. Elza Soares é uma sobrevivente. Uma sobrevivente de um país estruturado para eliminar — ou, pelo menos, deixar sem muitas alternativas de vida — pessoas negras, mulheres, pobres e tantos outros grupos. Ou seja, nesse sentido, um ponto que já notamos nesse momento foi que a história da cantora é também a de tantas outras pessoas como ela. Por outro lado, na mesma medida em que sua trajetória se aproxima da de várias pessoas, ela também se afasta e se faz única. Isso porque, contrariando um destino que insistia

¹ O programa humorístico Pânico na TV, exibido pela emissora RedeTV de 2003 a 2012, criou um "Selo Elza Soares" para usar de comparação sempre que queriam dizer que uma pessoa era feia. O "selo" aparecia com frequência no programa quando o ponto alto da piada era mostrar que alguém era tão feio quanto Elza Soares.

em se desenhar para Elza, a cantora conquistou, pelo seu trabalho, fama, dinheiro e reconhecimento.

E é justamente esse contraponto — de ser como tantos e, ao mesmo tempo, diferente de todos — que nos moveu ao entendimento de que mais que apenas um bom exemplo para falar sobre empoderamento, a história da Elza é, por si só, reveladora ao apontar traços estruturais e estruturantes da sociedade brasileira.

Portanto, a problemática que irá orientar essa pesquisa de dissertação tem a figura de Elza Soares como centro. Em vez de partir de alguns conceitos e encontrar, em seguida, pontos de conexão com a empiria, escolhemos partir da própria empiria e deixar que ela indicasse os melhores operadores teóricos e metodológicos para analisá-la. Sendo assim, a nossa pesquisa foi orientada pela seguinte investigação: *como o aniversário de noventa anos de Elza Soares descortina momentos da trajetória da cantora que dão a ver a sua construção enquanto celebridade, bem como os valores da sociedade brasileira?*

Para tanto, iniciamos o trabalho por uma discussão sobre interseccionalidade. A motivação para começar a partir desse viés é romper com possíveis olhares universais que, por ventura, pudessem nos cegar nas demais reflexões. Neste capítulo inicial, faremos uma exposição sobre a origem do termo, sua delimitação enquanto conceito e suas distinções e aproximações com o feminismo.

No segundo capítulo, falaremos sobre celebridades, dedicando um primeiro momento à retomada dos estudos já desenvolvidos sobre a temática e encerrando com uma discussão sobre celebridades em um viés interseccional.

Após estarmos alicerçados nesses dois conceitos, de interseccionalidade e celebridade, trataremos então, no terceiro capítulo, o coração da nossa pesquisa: a trajetória da cantora Elza Soares. Dividimos sua história em três momentos. O primeiro, que chamamos de “Um louva-a-deus que não roubou a fé” em referência a um triste episódio que resultou em um casamento forçado da pequena Elza, com apenas 13 anos de idade, reúne fatos da infância difícil e do amadurecimento precoce de uma mulher negra, nascida pobre, periférica, com fome e, ainda assim, cheia de esperança.

O segundo momento, que chamamos de “Deus nos acuda”, apresenta as inúmeras tentativas de Elza para se firmar enquanto artista. O último momento é intitulado “Não é Deus uma mulher?”, em referência tanto à famosa frase de Sojourner Truth, “Não sou eu uma mulher?”, quanto ao 33º álbum de Elza, “Deus é Mulher”. Nessa fase, reunimos os tão sonhados momentos de glória da cantora, que começou a ser reconhecida quando voltou da Itália, em 1971, onde morou por um tempo após sair do Brasil sob ameaças e perseguição política.

No quarto capítulo, após tomarmos conhecimento acerca dos diversos fatos que marcaram a carreira de Elza, achamos necessário fazer também uma passagem pelo conceito de acontecimento, que nos serviu tanto para as discussões teóricas quanto para o amparo metodológico.

Nosso caminho metodológico foi construído a partir de três frentes: uso das possibilidades de análise oferecidas pelo conceito de acontecimento, análise de conteúdo e costura musical. Partindo do acontecimento noventa anos de Elza, começamos a busca pelos materiais que melhor nos ajudariam na leitura desse marco. Os insumos escolhidos foram: matéria do programa “Domingo Espetacular”; episódio do podcast “G1 Ouviu”; entrevista do programa “Metrópolis” e desfile da Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel. Seguimos então para a análise de conteúdo desse material. Essa análise nos apontou quatro temas dominantes (Trabalho, Tempo, Fé e Voz), que, à medida que iam se repetindo, foram evocando diversos acontecimentos ao longo da vida de Elza e recontando a história da cantora a partir do marco dos seus noventa anos.

Por fim, como as músicas foram muito valiosas em todo o nosso trabalho, criamos uma playlist² com as canções que nos ajudaram nesse percurso. Sugerimos que ela acompanhe a leitura das próximas páginas.

² LIMA, Bárbara. “Nós não vamos sucumbir!”. Lista de músicas criadas na plataforma de streaming sonoro Spotify. Spotify, 11 de agosto de 2021. Disponível em: <https://spoti.fi/3AEUg4G>. Acesso em: 16 de agosto de 2021.

1. Sobre interseccionalidade

*A vida tem sido água
Fazendo caminhos esguios
Se abrindo em veios e vales
Na pele leito de rio*

*Contemple o desenho fundo
Dessas minhas jovens rugas
Conquistadas a duras penas
Entre aventuras e fugas*

*Observe a face turva
O olhar tentado e atento
Se essas são marcas externas
Imagine as de dentro*

Na Pele¹

(Composição: Pitty / Interpretação: Elza Soares)

1.1. Origem

"Nossos passos vêm de longe" é uma frase muito utilizada por intelectuais e militantes negras e negros para ressaltar algo valioso a eles e aos que lutam por uma sociedade mais justa e igualitária: reconhecer o que foi feito anteriormente é, mais que um exercício de gratidão, uma forma de construir um futuro que não seja somente uma releitura do passado. A escritora mineira Cidinha da Silva aborda a importância da valorização das produções passadas para a construção do futuro: "É salutar que se crie o novo, sem ignorar que o conhecimento configura

¹ A música "Na Pele" foi composta pela cantora Pitty durante a produção de seu álbum *SeteVidas*, lançado em 2014. A cantora conta que deixou a letra de fora do trabalho porque sentia que a música não era dela. Mais tarde, em 2017, Pitty enviou a canção para Elza Soares e as duas gravaram juntas. A compositora faz questão de pontuar que "cada palavra dessa letra na boca dela adquire um significado maior e mais profundo; eu escrevi essa música exatamente para Elza, eu só não sabia disso no momento em que a compus." (Cf. "ELZA Soares e Pitty lançam parceria inédita 'Na pele'. Rolling Stone, 4 de agosto de 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3jUDKF5>. Acesso em: 7 mai. 2020). Podemos entender a interpretação de Elza Soares dessa canção como um convite a conhecê-la em sua complexidade, como mulher, de pele preta e enrugada.

repositório disponível a toda a humanidade, capaz de eliminar esforços físicos e mentais desnecessários, além de potencializar voos mais seguros" (SILVA, 2018, p. 253).

A expressão apresentada foi eternizada no texto "Saúde das Mulheres Negras: Nossos Passos Vêm de Longe" (2009), em que a médica Jurema Werneck² reuniu reflexões de mulheres negras brasileiras e estadunidenses sobre saúde, acesso à educação, preconceitos, abuso sexual e outros temas. Assim como extrapolou as páginas da obra e vem sendo usada como uma espécie de lema do feminismo negro, a frase de Werneck nos parece uma boa forma para introduzir a temática da interseccionalidade.

Embora venha conquistando lugar de prestígio nas reflexões de pesquisadores ligados às Ciências Sociais nos últimos anos, o conceito de interseccionalidade já existe — de maneira fundamentada e reconhecida por muitos grupos acadêmicos — há mais de três décadas. Essa primeira sistematização formal foi feita pela autora e jurista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw (1989), no artigo “*Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*”. Antes disso, no entanto, como pontuado por Pâmela Guimarães-Silva (2020) e Emanuelle Goes (2019), na década de 1970, intelectuais negras brasileiras, como Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Edna Roland e Luiza Bairros, já vinham desenvolvendo reflexões acerca da posição da mulher negra na sociedade, passando, inclusive, pela noção de interseccionalidade. Como não usaram exatamente esse termo nem encaixaram suas discussões nos formatos aceitos pelos espaços tradicionais de conhecimento, tais produções não foram devidamente reconhecidas como foi feito com a esquematização de Crenshaw, feita em um primeiro momento em 1989 e revisitada outras vezes pela jurista ao longo dos anos. Crenshaw (2002) conceitua a interseccionalidade como:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

² Nascida em Morro dos Cabritos, periferia localizada na zona sul do Rio de Janeiro/RJ, Jurema Pinto Werneck Jurema é graduada em medicina pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestre e doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrou o Grupo Assessor da Sociedade Civil da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres Brasil e o Comitê Técnico de Saúde da População Negra do Ministério da Saúde. Em 1992, fundou a ONG Criola e em 2017 assumiu a Direção Executiva da Anistia Internacional Brasil. (Cf. SILVA, Adriana Ferreira. “Jurema Werneck: a voz da resistência”. Geledés, 14 de abril de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/313eJJj>. Acesso em: 7 mai. 2020).

Como a discussão sobre interseccionalidade passa pelo entendimento de múltiplas opressões, é importante entender também o que é a opressão. Para tanto, compartilhamos da definição da socióloga estadunidense Patricia Hill Collins: "Opressão é um termo que descreve qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade" (COLLINS, 2019, P. 33).

Regressando ainda mais na história, encontramos outras vozes que já atentavam para a questão central do debate sobre o que mais tarde seria chamado de interseccionalidade. Em “Mulheres, Raça e Classe”, Angela Davis (2016) resgata um valioso episódio que reforça o fato de que as diversas opressões que perpassam os indivíduos pode ser algo observado por mulheres negras há mais tempo do que temos registro. Em 1851, aconteceu, na cidade de Akron, localizada no estado de Ohio, Estados Unidos, a Convenção dos Direitos da Mulher. Embora o evento fosse composto exclusivamente por mulheres brancas e por homens do clero, foi Sojourner Truth³, uma mulher negra — que Davis (2016, p. 136) faz questão de frisar que talvez não tenha sido convidada, mas apareceu no evento por iniciativa própria — que transformou o encontro em um verdadeiro acontecimento.

Davis (2016) relata que os cléricos presentes na convenção zombavam com hostilidade das reivindicações das mulheres, sob o argumento de que os homens eram superiores, já que as mulheres não conseguiam sequer passar por uma poça ou embarcar em uma carruagem sozinhas. Com uma voz firme e arregaçando as mangas de sua roupa para mostrar a força de seus braços, Truth começou o discurso que, mais tarde, a eternizaria como uma das maiores vozes do movimento feminista negro:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (TRUTH *apud* DAVIS, 2016, p. 137).

O discurso de Truth é potente não somente por ir contra à ideia colocada, de que os homens eram superiores às mulheres, mas por confrontar também as mulheres brancas dali, que desconsideravam, de forma racista, as mulheres negras nas pautas da luta feminista.

³ "Sojourner Truth nasceu escrava em Nova Iorque, sob o nome de Isabella Van Wagenen, em 1797. [...] Tornou-se uma pregadora pentecostal, ativa abolicionista e defensora dos direitos das mulheres. Em 1843 mudou seu nome para Sojourner Truth (Peregrina da Verdade). Na ocasião do discurso já era uma pessoa notória e tinha 54 anos." (Cf. TRUTH, Sojourner. “E não sou uma mulher?”. Geledés, 8 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/2Eyx00e> Acesso em 25 ago. 2020.)

Isso posto, o exercício que faremos aqui parte, primeiramente, do reconhecimento e da valorização de todos os passos que construíram essa "sensibilidade analítica pensada por feministas negras" (AKOTIRENE, 2018, p. 18), que é o conceito de interseccionalidade.

Ao pontuar a interseccionalidade como sendo uma "sensibilidade", Akotirene (2018) nos conecta a outro conceito, cunhado por Collins (2016). A socióloga estadunidense defende que mulheres negras são *estrangeiras de dentro*, e que isso lhes proporciona a habilidade de “ver padrões que dificilmente podem ser percebidos por aqueles imersos nas situações” (COLLINS, 2016, p. 100). Isto mostra como o fato do conceito de interseccionalidade ter partido de pensadoras negras não é aleatório. Por serem entendidas ora como mulheres, ora como negras, não tinham suas reivindicações contempladas plenamente nem pelo feminismo tradicional nem pelo movimento antirracista. Essa inadequação aos dois movimentos, feminista e antirracista, é um dos pontos de partida da discussão sobre a urgência de se moldar uma nova teoria feminista, feita pela intelectual estadunidense bell hooks:

As mulheres brancas e os homens negros têm as duas condições. Podem agir como opressores ou ser oprimidos. Os homens negros podem ser vitimados pelo racismo, mas o sexismo lhes permite atuar como exploradores e opressores das mulheres. As mulheres brancas podem ser vitimizadas pelo sexismo, mas o racismo lhes permite atuar como exploradoras e opressoras de pessoas negras. Ambos os grupos têm liderado os movimentos de libertação que favorecem seus interesses e apoiam a contínua opressão de outros grupos. O sexismo masculino negro prejudicou a luta para erradicar o racismo, assim como o racismo feminino branco prejudica a luta feminista. Enquanto definirem a libertação como a obtenção de igualdade social com os homens brancos da classe dominante, esses dois grupos, ou qualquer outro, terão um grande interesse na exploração e opressão continuada de outros (HOOKS, 2014, p. 207).

Foram as mulheres negras que sentiram na carne a dupla exclusão e a dupla opressão: "Ela é o ‘outro do outro’, uma dupla alteridade resultante de uma dupla antítese, da branquitude e da masculinidade" (CORRÊA *et al.*, 2018, p. 150). Ou a tripla alteridade, pois, como mulheres negras trabalhadoras pobres, se viam ainda mais oprimidas e exploradas em suas relações de trabalho e em sua convivência social. É também a inobservância das questões específicas das mulheres negras que denuncia Lélia Gonzalez, ao refletir sobre racismo e machismo na cultura brasileira: “o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira [...] e sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular” (GONZALEZ, 1983, p. 224).

Portanto, a reflexão sobre a interseccionalidade surge para dar conta das experiências específicas de mulheres negras (CRENSHAW, 1989), mas isso não significa que seja uma ferramenta de análise apenas desse grupo. E este é o primeiro equívoco comumente feito ao

falar de interseccionalidade: achar que, por ter sido cunhada por intelectuais negras e ser mais presente nas pesquisas e falas desse grupo, a interseccionalidade seria um conceito exclusivo para mulheres negras. Ora, a interseccionalidade parte da experiência e da construção intelectual desse grupo, mas pode ser uma ferramenta para compreender diversas opressões e entrecruzamentos sociais.

O segundo equívoco que frequentemente envolve a discussão do conceito pode ser ilustrado a partir de um episódio da vigésima edição do Big Brother Brasil, reality show da Rede Globo. Babu Santana, um ator negro com diversos trabalhos artísticos, mas, até então, pouco conhecido, e Thelma Assis, uma médica negra da cidade de São Paulo, foram os protagonistas de discussões nas redes sociais que, a princípio, pareciam ser sobre interseccionalidade. Acontece que o que era para ser um debate sobre a importância de se pensar sobre a simultaneidade da ação das opressões de gênero, raça, classe e outras na experiência do indivíduo virou uma disputa para eleger se era mais difícil ser mulher ou ser negro. Aproveitando-se da forma como o público estava lidando com o fenômeno fora da casa do BBB, o apresentador do programa, Tiago Leifert, usou dessa "eleição da pior opressão" no discurso de eliminação do paredão em que Babu e Thelma se enfrentaram. O apresentador disse que a edição contava com duas grandes histórias e colocou Thelma como a representante da primeira história, de luta das mulheres, e Babu como o representante da outra história, de luta dos negros. Ao final do discurso, Leifert disse que "só uma dessas histórias chegou à final"⁴ e, em seguida, eliminou Babu. Thelma foi para a final e venceu o programa. A pergunta que fica, retomando a fala de Leifert, é: sendo Thelma mulher e negra, só a parte mulher de Thelma foi para a final? Infelizmente a abordagem de Tiago Leifert sobre a situação apresentada não é um caso isolado e é por isso que se faz tão necessária uma discussão mais aprofundada sobre o assunto.

1.2. Mas, afinal, o que é interseccionalidade?

Em uma palestra no evento *Technology, Entertainment and Design (TEDWomen)*, Crenshaw (2016) conta que a primeira vez que se deu conta da urgência de um pensamento interseccional foi quando conheceu uma mulher chamada Emma DeGraffenreid, cuja história estava descrita em uma revista de Direito. Emma era uma mulher afro-americana e deu início a uma ação judicial após ter sofrido discriminação racial e sexista no processo seletivo de uma

⁴ “TODOS os discursos do Tiago Leifert nos paredões do BBB20”. GQ, 27 de abril de 2020. Disponível em <https://glo.bo/2EgUzLr>. Acesso em 25 ago. 2020.

empresa. Ela estava convencida de que havia sido impedida de dar continuidade ao processo seletivo por ser uma mulher negra. Porém, o juiz responsável pela ação rejeitou sua petição dizendo que a empresa não poderia ter cometido tal discriminação, uma vez que era um hábito desse empregador a contratação de afro-americanos e mulheres.

O real problema, entretanto, que o juiz não estava disposto a reconhecer e que Emma estava, na verdade, tentando dizer é que os afro-americanos contratados, comumente para trabalhos industriais e de manutenção, eram todos homens. E todas as mulheres contratadas, comumente como secretárias ou recepcionistas, eram todas brancas (CRENSHAW, 2016).

A autora pontua que somente se o juiz e o restante do tribunal fossem capazes de entender como as duas opressões levantadas por Emma, de gênero e raça, atuam juntas, o resultado do processo seria favorável à candidata. Outro ponto levantado por Crenshaw (2016) é o fato de o tribunal não ter permitido que Emma entrasse com as duas ações simultaneamente, alegando que, se permitissem isso, a vítima teria um tratamento especial, uma dupla oportunidade em relação a homens afro-americanos e mulheres brancas.

Crenshaw (2016) questiona a atitude do tribunal em que Emma deu entrada ao processo dizendo que, em vez do caso servir como força motivadora para o alargamento dos padrões, de forma a incluir mulheres afro-americanas, a petição foi simplesmente desconsiderada. A autora pontua que tal atitude lhe pareceu uma "injustiça organizada".

Justamente por ser feminista, antirracista e uma estudiosa das leis antidiscriminação é que Crenshaw (2016) conta ter se sentido tão afetada por esse caso. Emma e outras várias mulheres afro-americanas duplamente discriminadas têm que lidar com o fato de suas queixas não terem validade jurídica – e nem mesmo um nome. "E todos sabemos que, quando os problemas não têm um nome, não os enxergamos e, quando não os enxergamos, não podemos resolvê-los."(CRENSHAW, 2016). A autora completa alegando que, anos mais tarde, conseguiu entender que a situação enfrentada por Emma era um problema de enquadramento: faltava um "quadro de sentido" que fornecesse inteligibilidade (tornasse visível) à experiência de exclusão dupla por ela vivida. E foi então que Crenshaw decidiu buscar novas narrativas que dessem conta da especificidade de situações como essa.

Visando ilustrar a noção de interseccionalidade, Crenshaw (2016) faz um paralelo didático com um tipo de interseção bem conhecido: o cruzamento das ruas. Para construir um novo entendimento acerca de situações como a de Emma, a autora sugere que imaginemos a vida como uma situação em que os sujeitos estariam posicionados em ruas, como em uma cidade. O tráfego que passa por essas ruas seriam as representações das identidades, como gênero, raça, classe, sexualidade etc. O ponto crucial dessa metáfora é entender que alguns

sujeitos estão posicionados justamente no cruzamento de algumas dessas ruas e que, portanto, sentem simultaneamente o impacto de mais de um tráfego.

1.3. Interseccionalidade: uma vertente feminista?

Em uma pesquisa rápida nos principais buscadores digitais e nas redes sociais é possível perceber que não raramente o conceito de interseccionalidade aparece como sendo uma vertente das lutas e teorias feministas, assim como as vertentes liberais, radicais e outras. Um verdadeiro cardápio de feminismos se encontra à disposição nas plataformas online e, com frequência, testes seguindo o estilo "qual é o seu tipo de feminismo?"⁵ viralizam nas redes sociais.

Se, por um lado, é possível entender tal propagação como uma forma de ampliar debates tão importantes e urgentes do feminismo, por outro, essa simplificação nos traz a seguinte questão: por ser uma temática tão relevante socialmente, não é preciso mais cuidado com a forma com que essas informações são abordadas?

Uma preocupação surge justamente porque a noção de interseccionalidade acaba sendo esvaziada ao ser apresentada apenas como uma das vertentes do feminismo. Essa associação quase imediata entre interseccionalidade e feminismo, de fato, possui fundamento, se considerarmos que ambos os movimentos foram agenciados por mulheres. Porém, a escolha por começar este trabalho entendendo a noção de interseccionalidade e ter esse conceito como uma linha que vai costurando as demais epistemologias é exatamente por acreditar que sua potência vai além do cruzamento com as teorias e lutas feministas, que também são muito potentes. Entendemos a interseccionalidade como uma lente teórica que nos ajuda na análise das experiências dos sujeitos, uma vez que essa abordagem nos permite entender a especificidade de indivíduos que ocupam lugares onde estruturas políticas e ideológicas produzem distintas formas de opressões. No caso de mulheres negras, por exemplo, um olhar interseccional pode nos ajudar a entender os "nãos" que muitas vezes têm mais a dizer que os "sins": quais são as questões específicas que perpassam a vida de um sujeito que não é uma mulher branca e nem um homem negro?

Outro ponto importante sobre o uso da interseccionalidade como uma teoria da prática é que, embora o conceito tenha sido cunhado e mais amplamente utilizado por pensadoras negras, isso não significa que ele só faça sentido na análise da situação de mulheres negras. Uma visão interseccional nos ajuda a entender, por exemplo, as nuances das desigualdades

⁵ “QUIZZ: Qual é o seu tipo de feminismo?”. Site Superdela, 28 de março de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3jIzBo>. Acesso em 25 ago. 2020.

regionais do Brasil, ou ainda os episódios de violência policial, em que homens negros são os mais vulnerabilizados, e os casos de violência sexual, onde as mais vulnerabilizadas são as mulheres e, com mais intensidade, as mulheres negras⁶.

A interseccionalidade é uma ferramenta teórica e metodológica que estilhaça o espelho da mulher universal, transformando em prismas de mulheres no universo, que como um abebê de Oxum permite que todas as mulheres, qualquer mulher, sejam vistas diante do reflexo. Pela lente da interseccionalidade, termo cunhado por feministas negras, ninguém fica de fora (GOES, 2019, p. 5).

Portanto, como pontuado por Goes (2019), além de ser um conceito em que "ninguém fica de fora", a interseccionalidade é contextual. E essa é uma boa forma de introduzir a discussão que será feita a seguir, sobre celebridades, que também, como veremos, têm no contexto um ponto forte de suas construções. Caminhamos então no vasto terreno dos estudos sobre celebridades e usaremos a lanterna da interseccionalidade para iluminar nosso caminho e nos orientar por um percurso que considere aspectos como raça, gênero e classe como constituintes na formação das celebridades. Além disso, agora que firmamos nosso olhar em uma base interseccional, a discussão sobre celebridades se faz ainda mais importante: Elza Soares não é uma mulher negra periférica qualquer, é uma mulher negra periférica que se tornou celebridade.

⁶ O estudo 'A cor da violência: Uma análise dos homicídios e violência sexual na última década', realizado pela Rede de Observatórios da Segurança, da Universidade Federal da Bahia (Ufba), analisou dados de 2009 a 2017 do Sistema Único de Saúde (SUS) e apontou que mulheres negras sofrem 73% dos casos de violência sexual registrados no Brasil, enquanto mulheres brancas representam 12,8%. (Cf. REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA. "A cor da violência na Bahia - Uma análise dos homicídios e violência sexual na última década". Documento online, 5 de março de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ZiFLmF>. Acesso em 05 ago. 2020).

2. Sobre celebridades

*Bambeia
Cambaleia
É dura na queda
Custa a cair em si
Largou a família
Bebeu veneno
E vai morrer de rir*

*Vagueia
Devaneia
Já apanhou à beça
Mas para quem sabe olhar
A flor também é
Ferida aberta
E não se vê chorar*

*O sol ensolará a estrada dela
A lua alumiará o mar
A vida é bela
O sol, estrada amarela
E as ondas, as ondas, as ondas, as ondas*

*Dura na queda¹
(Composição: Chico Buarque / Interpretação: Elza Soares)*

Ter uma pesquisa que possui uma celebridade como o cerne da investigação é um desafio cheio de decisões a serem tomadas. Isso porque questões do tipo "como se estuda uma celebridade?", "o que exatamente é uma celebridade?" ou ainda "como os estudos já existentes ajudarão a olhar especificamente para *esta* celebridade?" não possuem respostas simples, que podem ser encontradas em uma busca rápida no Google, ou universais, que nos ajudam a entender o fenômeno das celebridades independentemente do caso a ser estudado. No entanto, tal complexidade não se apresenta como um entrave para as reflexões que apresentaremos nas próximas páginas. Pelo contrário, se estudar as celebridades é algo tão complexo, e o nosso objetivo é justamente ver, por meio de uma celebridade, as complexidades sociais e

¹ Dura na Queda é uma música composta por Chico Buarque e eternizada na voz de Elza Soares. Em várias interpretações da canção, a cantora coloca um traço pessoal trocando "O sol ensolará a estrada dela" por "O sol ensolará a estrada d'Elza". Não é possível saber ao certo o que leva Elza a cantar dessa forma, mas conhecendo sua história podemos entender essa troca despreziosa como um grito involuntário da alma de quem tanto lutou para ter sua estrada iluminada.

comunicacionais, tal caminho nos parece bastante adequado. Tomamos a Elza como celebridade não somente por suas aparições midiáticas ou por seu inquestionável talento vocal, mas também porque, ao inseri-la nesse campo de estudo, temos o privilégio de poder ver o mundo a partir dela. Se uma celebridade pode nos ajudar na leitura dos contextos, uma celebridade que é mulher, negra e de origem periférica é uma lente valiosa para ler esses contextos em um país como o Brasil.

Sendo assim, para falar sobre celebridades, dedicaremos um primeiro momento à retomada dos estudos já desenvolvidos sobre a temática e, em seguida, passaremos para uma discussão sobre celebridades em um viés interseccional.

2.1. Retomada histórica

Existem diversos caminhos possíveis para realizar um resgate histórico dos estudos sobre celebridades. O que escolhemos aqui parte de um dos principais objetivos desta dissertação: queremos que as reflexões apresentadas, desde o debate teórico até as análises, sejam de fácil compreensão tanto para quem está acostumado com leituras acadêmicas, quanto para quem não está. Tal escolha não parte da ideia de que as pessoas que estão fora do ambiente da academia não possuem capacidade de entendimento da linguagem acadêmica, mas porque entendemos a linguagem como uma potência, que pode agregar ou segregar pessoas. Nesse sentido, escolhemos seguir com o poder de agregação da linguagem e, para isso, em vez de buscar amparo somente na literatura clássica sobre celebridades (que é, em sua maioria, escrita por homens e com uma linguagem bastante formal), escolhemos nos amparar também nas leituras desenvolvidas por algumas pesquisadoras do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS), no qual esta pesquisa está inserida.

As celebridades tematizam assuntos em diversas áreas há bastante tempo. Elas estão presentes em conversas entre amigos, jantares em família, programas noticiários e de fofoca, *trending topics* no Twitter e discussões acaloradas no Facebook. Até os que acham as celebridades mais populares um assunto fútil reforçam seus argumentos usando reflexões de autores e outras figuras que, de certa maneira, também são célebres. Tamanho interesse de pessoas comuns por pessoas célebres fez ainda com que outro âmbito voltasse seus olhares a esse fenômeno: as pesquisas acadêmicas.

Em sua tese de doutorado, Lígia Lana (2012), que investigava a presença de personagens públicas tanto na mídia quanto em nossa vida cotidiana, a partir das trajetórias da modelo Gisele Bündchen e da apresentadora Luciana Gimenez, fez um levantamento sobre os

estudos de personagens públicas na mídia para entender as diferenciações e aproximações entre as noções de ídolo, celebridade e estrela. Embora tais concepções não sejam o principal interesse do trabalho proposto aqui, o caminho percorrido pela autora nos ajuda a resgatar as raízes históricas dos estudos das celebridades. Ela cita dois importantes e iniciais registros de estudos de celebridades, ambos nos EUA, que retomaremos aqui.

Primeiramente, nos anos 1940, Leo Lowenthal, um sociólogo alemão, atentou para o aumento das publicações de biografias de pessoas públicas em revistas estadunidenses. Para ressaltar a relevância da temática e contextualizar seu fenômeno de investigação, ele elaborou um breve histórico acerca de publicações desse tipo de conteúdo, as biografias de personagens célebres, o que nos mostra que o interesse dos estudiosos por tais figuras o antecede. Mais tarde, em 1956, o sociólogo Charles Wright Mills investigou a forma de funcionamento social da elite do poder nos Estados Unidos e usou, pela primeira vez, o termo "celebridade" em uma pesquisa científica. Já na década seguinte, em 1962, Daniel Boorstin, escreveu sobre as celebridades, dessa vez, como um fenômeno devidamente *midiático*.

É a partir da década de 1970, no entanto, que os estudos acerca das celebridades ultrapassam o registro midiático desse fenômeno — onde e qual mídia aparecem — e começam a investigar o contexto social em que as figuras célebres estão inseridas e os sentidos que suas aparições convocam. E é aí que nascem, no seio dos Estudos Culturais estadunidenses, os chamados *celebrity studies*, que são, até os dias atuais, a “organização” com maior concentração de investigações no que diz respeito às celebridades.

Em sua dissertação de mestrado, Maria Lúcia Afonso (2019) investigou os valores que despontam da performance de Andressa Urach antes e depois de sua quase-morte e conversão religiosa. Vejamos o resgate feito por Afonso (2019) da trajetória dos *celebrity studies* e, em seguida, seu apontamento de certa limitação dessa linha de pesquisa.

Afonso (2019) aponta que os *celebrity studies* trouxeram grandes contribuições para o campo da comunicação no que diz respeito à categorização das celebridades. Outro dos precursores desses estudos foi o professor de cinema Richard Dyer, com sua primeira obra sobre a temática publicada em 1979. Dyer (1979 *apud* AFONSO, 2019) se dedica a uma análise das estrelas do cinema hollywoodiano e elabora uma distinção entre as noções de estrela e celebridade. Segundo ele, as estrelas tiveram grande contribuição social, diferentemente das celebridades, que, para o autor, são meras fabricações midiáticas.

Outro expoente dos *celebrity studies* foi o sociólogo Chris Rojek (2008), que defende a ideia de que pessoas célebres são criações culturais, um status que depende fundamentalmente

de uma mediação midiática. Ou seja, só a partir dessa mediação as celebridades conseguem atrair atenção coletiva para os atributos de um rosto público.

Afonso (2018) destaca a importância dos *celebrity studies*, mas alerta para as limitações de uma análise acerca das celebridades que reduz o fenômeno apenas ao aspecto da mediação midiática. Compartilhamos do ponto levantado pela autora e nos atentamos ainda para o que Vera França (2014) chama de “mistura de ingredientes”:

A agregação de vários elementos ao processo de construção de uma celebridade não pretende minimizar o papel da mídia e da visibilidade midiática; atende antes à necessidade de complexificar o fenômeno, e apontar a existência de um leque diversificado de fatores atuando em conjunto para explicar o porquê da posição de destaque conquistada por algumas pessoas, em certos momentos (FRANÇA, 2014, p. 23).

Além da limitação apontada por Afonso (2019), outra questão chama nossa atenção nos *celebrity studies* e em outros estudos sobre a temática: o tratamento universal dado às celebridades, desconsiderando, muitas vezes, aspectos como racismo, machismo e preconceito de classe — forças estruturantes da sociedade brasileira e, portanto, presentes na construção das celebridades do nosso país.

Ao fazer um paralelo com as inquietações que surgiram em sua tese, ao analisar as carreiras da modelo Gisele Bündchen e da apresentadora Luciana Gimenez, Lana (2016) faz um resgate importante sobre as diferenças entre o processo de celebração experimentada por homens e por mulheres. A autora relembra que, por muitos anos, os homens tinham exclusividade de acesso aos espaços públicos. Mulheres tinham sua vida restrita ao âmbito doméstico e não podiam sair de casa desacompanhadas de seus maridos. Ou seja, se mal podiam ser vistas na rua, construir uma carreira de celebridade era quase impossível. É a partir das revoluções da modernidade, entre os séculos XVII e XVIII, que essa maneira masculina de configuração dos espaços públicos começou a ser questionada e as mulheres puderam ocupar as ruas e, conseqüentemente, algumas conseguiram conquistar a fama.

Em outro trabalho, Lana (2016) nos apresenta um importante marcador social da diferença que implica diretamente na construção das celebridades: o gênero. Ela evidencia que, além dos aspectos universais que compõem uma celebridade, as mulheres célebres têm que enfrentar obstáculos específicos relacionados à opressão de gênero. Ou seja, se ser uma celebridade é, em si, um processo cheio de peculiaridades, ser uma celebridade feminina é carregar, além dessas particularidades, outras que dizem respeito a como o gênero é tratado em nossa sociedade.

Tal apontamento nos faz retomar algo que pontuamos anteriormente como sendo o cerne deste trabalho, a interseccionalidade. Além das especificidades de uma celebridade feminina, quais outras carregam uma celebridade que, além de mulher, é negra? E se além de mulher e negra, ela for também de origem pobre e periférica? Será que é possível pensar em uma forma de entender as celebridades que seja interseccional?

2.2. Celebridade e interseccionalidade

Assim como o processo de formação das celebridades sofreu inúmeras modificações ao longo do tempo, as formas de abordagem dos estudos de pessoas célebres também vêm se modificando, principalmente em função da midiaticização. Simões (2013) discute três das perspectivas adotadas nas análises das celebridades: a estruturalista, a subjetivista e a pós-estruturalista. Entender essas abordagens — principalmente a pós-estruturalista — nos ajudará a entender se é possível, em alguma medida, considerar as especificidades interseccionais que dificultam ou facilitam a ascensão à fama de alguns indivíduos.

O viés estruturalista parte dos pensadores da Escola de Frankfurt e se insere na Teoria Crítica, que nasce juntamente ao desenvolvimento e crescimento dos meios de comunicação de massa. Para Rojek (2008), sob essa perspectiva,

as celebridades são conceitualizadas como um dos meios com os quais o capitalismo alcança os seus fins de subjugar e explorar as massas. [...] Essa identificação das massas com as celebridades é sempre falsa, visto que celebridades não são consideradas reflexos da realidade, mas invenções planejadas para realçar o domínio do capital. (ROJEK, 2008, p. 37, *apud* SIMÕES, 2013, p.111).

Ou seja, a limitação do pensamento estruturalista é desconsiderar o poder das celebridades em si próprias e no contexto social, entendendo-as apenas como mais um dos vários mecanismos de dominação do capitalismo.

Já a perspectiva subjetivista, de forma resumida, é a que define as celebridades justamente por suas características pessoais, ou seja, as habilidades e o talento da pessoa que ascende à fama. Nesse viés se insere a discussão sobre carisma, feita por Weber (1979 *apud* SIMÕES, 2013). É Rojek (2008) quem nomeia essa segunda perspectiva dos estudos sobre as celebridades de subjetivismo, mas Simões (2013) ressalta que é preciso cuidado ao reduzir os debates acerca do carisma apenas a um viés pessoal do indivíduo, encaixando-o somente em um pensamento subjetivista. De acordo com a autora, o próprio Weber, ao discutir o conceito de carisma, resgata importantes aspectos sociais do que seria essa dimensão carismática. Em

todo caso, a perspectiva subjetivista avança em relação à estruturalista ao incorporar elementos do próprio indivíduo como constituintes de sua ascensão à fama, mas ainda assim segue limitada ao não considerar a outra ponta desse processo: os meios de comunicação.

Se temos, portanto, de um lado um pensamento que desconsidera as individualidades das celebridades (o estruturalismo) e, do outro, um que considera somente essas individualidades (o subjetivista), um caminho do meio nos parece mais adequado. Este caminho, proposto por Rojek (2008), é denominado de perspectiva pós-estruturalista e seu avanço está justamente em propor que as celebridades sejam pensadas a partir do que Simões (2013, p. 116) chama de "jogo intertextual". A autora conclui que, a partir do pensamento pós-estruturalista e dos ensinamentos e limitações das demais perspectivas, é preciso ter um olhar mais global para as celebridades:

Um olhar atento às próprias celebridades e ao modo como elas configuram sua face pública, mas ao mesmo tempo atento às relações entre elas e os sujeitos ordinários. Um olhar que se volte para os diferentes discursos que edificam os ídolos na sociedade midiaticizada, a partir de emoções, sentimentos e afetos que se manifestam a partir deles. Um olhar que perceba as celebridades como produtos de seu tempo, que revelam traços e valores da sociedade que permite sua emergência. Um olhar que possa dar conta das complexas relações entre o público e o privado, entre a intimidade e a exposição, entre o célebre e o ordinário, entre o econômico e o cultural, cujas fronteiras vêm se diluindo na cena midiática hodierna. Um olhar, portanto, relacional, que compreenda as celebridades como fenômenos comunicativos construídos a partir de múltiplas interações. (SIMÕES, 2013, p. 117)

Ao falar sobre a importância de um olhar global sobre as celebridades, Simões (2013, p. 117) ilumina o paralelo que nos propusemos a fazer inicialmente entre celebridade e interseccionalidade. Quando a autora fala que as celebridades são "produtos de seu tempo" e que "revelam traços e valores da sociedade que permite sua emergência", isso nos remete às opressões sociais que podem atravessar esse caminho e, em vez de somente permitir a emergência de certas celebridades, muitas vezes, dificulta a emergência de outras.

Um duplo atravessamento do papel das celebridades foi observado por França e Simões (2020) e nos ajuda a caminhar nessa discussão: "Tomamos as celebridades como 'sintomas' de uma sociedade, atuando como sinalizadores, mas também como mecanismo de atualização (ora reforçando, ora transformando) do quadro de valores de uma sociedade" (FRANÇA; SIMÕES, 2020, p. 52). Partindo desse ponto, será que, na mesma medida em que uma celebridade ora reforça, ora transforma o quadro de valores de um contexto social, o próprio contexto social também não atua como uma força reflexiva, ora favorecendo, ora desfavorecendo, em maior ou

menor intensidade, a ascensão de alguns indivíduos à fama? É aqui que acreditamos se encaixar a noção de interseccionalidade para a análise das celebridades.

Portanto, pensar na cantora Elza Soares como celebridade nos ajudará na missão de investigá-la em sua totalidade, considerando tanto o que sua ascensão diz sobre os valores da sociedade brasileira, quanto o que as dificuldades que ela encontrou pelo caminho dizem das especificidades do processo de celebrização de mulheres negras e de origem pobre e periférica. Nos interessa, além dos momentos de glória, os outros tantos momentos que construíram a carreira da cantora e que talvez sejam menos visíveis nos espaços tradicionais de mídia. Retomando a canção que trouxemos no início deste capítulo, as próximas páginas servirão como um exercício para que possamos saber olhar a flor, mas também a ferida aberta.

3. Elza Soares: uma história que transforma histórias

Brasil

Enfrente o mal que te consome

Que os filhos do planeta fome

Não percam a esperança em seu cantar

Ó nega!

Sou eu que te falo em nome daquela

Da batida mais quente

O som da favela

É resistência em nosso chão

Se acaso você chegar

Com a mensagem do bem

O mundo vai despertar

Deusa da vila Vintém

Eis a estrela

Teu povo esperou tanto pra revê-la

Elza Deusa Soares¹

*(Composição: Sandra de Sá, Igor Vianna, Dr. Marcio, Solano Santos,
Renan Diniz, Jefferson Oliveira, Prof. Laranja e Telmo Augusto /
Interpretação: Wander Pires)*

"Olha o que a Elza fez por nós"². Essa foi a frase que um senhor com os olhos lacrimejando e a voz rouca me disse na saída do sambódromo da Marquês de Sapucaí no dia 24

¹ No ano em que Elza Soares comemorou seu nonagésimo aniversário, a escola de samba da qual ela é torcedora declarada e que está presente em várias de suas interpretações a homenageou com o samba-enredo intitulado "Elza Deusa Soares". Fundada em 1955, a Mocidade Independente de Padre Miguel é a sétima maior vencedora do Carnaval das Campeãs do Rio de Janeiro e levou para a avenida em 2020 o que alguns jornalistas chamaram de "enredo-desabado": um desfile que destacava tanto o talento musical de Elza quanto as lutas da cantora contra o racismo, a censura e o preconceito (Cf. MENDONÇA, Alba Valéria. "Mocidade independente vai exaltar a força e brilho de Elza Soares em um 'enredo-desabado'". G1, 14 de fevereiro de 2020. Disponível em <https://glo.bo/3jtsSgH>. Acesso em: 26 out. 2020).

² Ao pesquisar trabalhos anteriores que tiveram Elza Soares como objeto de estudo, a tese de João Carlos Lopes, intitulada "Elza Soares: vida e obra sob o olhar da Fonoaudiologia", foi um dos primeiros achados. Antes de escrever este capítulo eu já havia lido o trabalho de Lopes (2018) pois, embora as áreas de conhecimento sejam distintas, queria entender como a cantora estava presente em sua análise. Quando terminei de escrever e voltei para dar um título, resgatei novamente a tese de Lopes (2018) e a forma com que ele agradece à Elza me chamou a atenção de um jeito que não havia acontecido antes: "A essa grande mulher Elza Soares, que mudou a minha

de fevereiro de 2020. Como sou apaixonada por carnaval e, justo no ano da escrita da minha dissertação, seria Elza Soares o tema da Mocidade, eu viajei até o Rio de Janeiro para acompanhar o desfile³, que será tratado à frente.

A relação das comunidades com as escolas de samba é algo que merece uma análise mais profunda do que as percepções que eu tive nessa experiência emocionante. Mas trago a fala daquele homem, que ficou martelando na minha cabeça por alguns dias: “Olha só o que a Elza fez por nós”. Eu sabia que ele estava se referindo ao desfile espetacular que acabara de acontecer, mas, como a cada passo que eu dava em direção à história da Elza era como se eu caminhasse para dentro da minha própria história, preferi entender aquela fala como uma espécie de profecia. Escrever as páginas que virão a seguir me fez ter vontade de voltar nesse senhor dos olhos marejados e dizer que agora, sim, eu entendo o que a Elza fez por nós.

3.1. Um louva-a-deus que não roubou a fé

No dia 23 de junho de 1930⁴, nasceu em Padre Miguel, bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, Elza Gomes da Conceição — o sobrenome Soares viria mais tarde, após o primeiro casamento. Pouco tempo após o nascimento, Elza se mudou com a família para a favela carioca de Moça Bonita (atual Vila Vintém), para ficarem mais perto do trabalho do pai, Avelino Gomes, operário da conhecida Fábrica de Tecidos Bangu — onde atualmente fica o Bangu Shopping. Rosária Maria da Conceição, mãe de Elza, era lavadeira.

história com a sua história" (LOPES, 2018, p.7). Ao me aproximar da história da Elza, a minha própria história, enquanto mulher, negra e de origem pobre, também foi sendo revisitada e transformada. Foi então que eu decidi colocar isso no título. Acredito que, mais que uma biografia, a história da Elza é uma potência transformadora de outras histórias.

³ A mudança da escrita para a primeira pessoa do singular é uma pausa para o compartilhamento de uma experiência pessoal bastante específica.

⁴ A idade é um assunto que Elza prefere deixar, propositalmente, em aberto: “Não sei a idade que tenho: há dias que é como se eu nem tivesse nascido; noutros me sinto com 100, com 20, às vezes 50... Não ligo pra idade e vou vivendo...”. (Cf. SILVA, Adriana Ferreira. “Aos 80 anos, Elza Soares diz não saber a idade que tem: ‘O palco me alimenta’”. Marie Claire, 28 de novembro de 2017. Disponível em <https://glo.bo/3nU77KG>. Acesso em: 31 mar. 2020). Como em sua biografia autorizada, escrita pelo jornalista Zeca Camargo e utilizada como fonte principal dos dados que apresentaremos aqui, a cantora também não revela essa data, tomamos como parâmetro a fala da própria Elza na introdução do documentário *"My name is now"*: "Meu nome é Elza da Conceição Soares. Elza Soares. Nasci num vinte e três. Vinte e três do sete de trinta. Trinta dias do mês eu comi o pão que o diabo amassou com os pés".

Figura 1 - Elza Soares no meio das pernas do pai acompanhada da mãe das e irmãs (1933) (CAMARGO, 2014, p. 31)



Aos quatro anos de idade, enquanto a pequena Elza brincava na rua, uma vaca, conhecida por todos pela braveza, se soltou e correu enfurecida na direção da menina. Todos ao redor entraram em desespero, mas, quando a vaca se aproximou de Elza, só lhe deu algumas lambidas. "A situação era perigosa, mas só para quem olhava de longe" (CAMARGO, 2014, p. 19). A pequena Elza não sentiu medo e continuou brincando normalmente após o acontecido. Mais tarde, a cantora disse que entendeu a "língua" como uma benção e o primeiro dos vários "chamados" que receberia ao longo da vida.

Um ponto de reflexão que esse episódio nos trouxe é como esse traço de serenidade em meio ao caos é uma característica que acompanharia Elza ao longo dos anos e que perpassa também a história de tantas outras mulheres pretas e pobres como ela. Passar com tranquilidade por uma situação que quem vê de fora julga como perturbadora é uma habilidade desenvolvida muito cedo por quem não tem a opção de ter medo.

Elza teve uma infância dura, marcada pela pobreza e por uma tarefa diária que, mais tarde, seria eternizada em suas canções: acordar por volta das cinco horas da manhã, colocar uma lata na cabeça e ir até o poço buscar água para a rotina da casa. Ao ser questionada sobre o peso da lata d'água para uma criança de apenas cinco anos, Elza tem uma fala que, mais uma vez, se faz valiosa para além do resgate de sua história: "No começo parecia impossível carregar

aquilo, mas a gente aprendeu logo que era só fazer um rodilho com o lenço no alto da cabeça, achar um ponto de equilíbrio e ir em frente" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p.30). Não seria "achar um ponto de equilíbrio e ir em frente" um resumo de uma das formas mais comuns de se levar a vida em um país como o Brasil? O preto, o pobre e tantos outros talvez tenham feito como Elza e "dado um jeito no lenço" para tentar se acostumar com o peso da vida.

Figura 2 - Elza Soares e sua mãe, Dona Rosária, em Água Santa, Rio de Janeiro (1950) (CAMARGO, 2014, p. 55)



Também em 1935, quando tinha cinco anos, Elza disse ter recebido uma visita de São Jorge, durante uma oração em que pedia ao santo que fizesse seu pai lhe bater menos. Ela se surpreendeu com a resposta de São Jorge, que respondeu que a garota ainda apanharia muito da vida. “Mal sabia eu que ele queria dizer que eu iria apanhar mais da vida do que do meu pai” (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 20).

Em sua biografia, Elza conta que, em uma tarde como tantas outras, logo após o sol baixar um pouco, saiu de casa para levar café para seu pai na pedreira. No meio do caminho, a pequena Elza viu um louva-a-deus e se abaixou para ouvir o barulho que o inseto fazia. Observar aquele "zumbido gostoso que fica no ouvido da gente" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 38) era uma das diversões da garota enquanto cumpria sua tarefa diária. Estava tudo

como de costume. O que fugiu à regra foi que, quando Elza estava abaixada, um menino um pouco mais velho a agarrou por trás. A garota, conhecida pelas brigas com os meninos do bairro, não poupou esforços para se defender e atirou o bule com café quente na cabeça do atrevido, dando início a uma luta com Lourdes Antônio Soares, que todos chamavam de "Alaordes". Embora aquela cena fosse comum na rotina da briguenta Elza, ela conta que sabia, instintivamente, que o que estava acontecendo ali parecia outra coisa. Essa "outra coisa" a cantora diz que até hoje não consegue dizer, com certeza, se foi uma tentativa de estupro ou não. Entretanto, essa falta de certeza com relação ao ocorrido não acometeu seu Avelino, pai de Elza, que, após ver a garota com o vestido rasgado, entendeu que "outra coisa" era essa que havia acontecido e obrigou os dois a se casarem para "limpar" a honra da filha⁵.

Já casada com Alaordes, quando Elza tinha apenas 14 anos, deu à luz ao seu primeiro filho, João Carlos, o Carlinhos. Preocupada com as dificuldades que havia passado para cuidar de Carlinhos, logo após o nascimento de Raimundo, seu segundo filho, aos 15 anos, Elza começou a trabalhar em uma fábrica de sabão para complementar o salário que Alaordes recebia como operário. Em meio ao cenário de extrema pobreza, ela sonhava em ficar rica. Falava sobre isso desde muito cedo com sua avó, Dona Rosária, que lhe dizia ser impossível ficar rica tendo conhecido somente a miséria (CAMARGO, 2014, p. 51). Mas Elza não desistia da ideia e entendia que para ser rica supostamente teria que trabalhar muito, afinal via sua mãe lavando e passando roupas por horas e horas para ganhar alguns trocados. Com dois filhos para cuidar e crente de que se trabalhasse bastante alcançaria a riqueza, Elza deu início a uma intensa rotina de trabalho:

Se olhar bem aqui na minha pele ainda encontro alguma cicatriz desse tempo, que foi muito duro. Eu só pensava em carimbar sabão, pois cada sabão carimbado era somado à cota do funcionário, e juntar aquelas escovas. Ia fazendo automaticamente, só calculando o que eu iria ganhar lá no fim do mês, na comida que eu poderia comprar para os meus filhos com o resultado do meu trabalho (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 49).

O problema era que quanto mais se dedicava ao trabalho, mais tempo passava longe dos filhos. Um dia chegou em casa e Mundinho estava com muita febre. Como tinha que trabalhar, pediu à mãe, dona Rosária, que o levasse ao posto médico no dia seguinte. O menino foi diagnosticado com pneumonia, chegou a tomar os remédios prescritos, mas faleceu antes de completar um ano. Embora dizia ter nascido com um "instinto" maternal — que Elza alegava ter seguido a vida toda, agindo como "mãe" de várias pessoas próximas — a cantora conta que

⁵ Embora já tivesse realizado a cerimônia religiosa do casamento com Aladores, foi somente aos 18 anos, em 1948, que o casal oficializou a união. Elza Gomes da Conceição passa então a assinar Elza da Conceição Soares.

só entendeu o verdadeiro peso que era ter filhos quando viu Raimundo morrer. Antes, ela entendia a maternidade quase como uma brincadeira de criança. É como se a morte reconfigurasse, de forma forçada, o que Elza entendia como vida até então. E essa reconfiguração forçada se repetiria algumas vezes ao longo de sua história.

Ainda traumatizada pela perda de Mundinho, em 1946, Elza dá à luz a mais uma criança que morreu minutos depois de nascer e, por isso, não chegou nem a ser batizada.

Antes de completar vinte anos de idade, Elza já havia dado à luz a seis crianças e enterrado duas. Além de Carlinhos, havia também Gérson, Dilma e Gilson para cuidar. Ela não queria passar novamente pelo desespero que passou com Mundinho e percebeu que somente trabalhando na fábrica nunca teria dinheiro suficiente para uma vida melhor. Começou então a separar uma parte pequena do que ganhava para fazer apostas no jogo do bicho que, às vezes, até rendiam alguma coisa, mas nada relevante. Certo dia, encontrou um papel com alguns números anotados, fez o jogo e tirou a sorte grande. Na verdade, não era tão grande, afinal o valor do prêmio era baixo, mas foi o suficiente para cuidar melhor dos filhos por um tempo.

Com apenas um ano de idade, em 1950, a única filha mulher, Dilma, foi sequestrada por um casal tido como sendo da confiança de Elza, que cuidava da menina enquanto ela trabalhava. Foram trinta anos de busca. Elza só reencontrou a filha já adulta e Dilma não sabia de nada. Mesmo sofrendo muito com a situação, Elza conta que perdoa os sequestradores de sua filha, já que eles cuidaram muito bem de Dilma por tanto tempo.

3.2. Deus nos acuda

A música sempre foi muito presente na rotina da família de Elza, desde o som arranhado que saía do radinho velho do pai até as animadas rodas de samba que aconteciam no quintal de sua casa. Vez ou outra, o pai de Elza falava que a menina era afinada e, embora a família fosse bastante musical, essas conversas sobre a afinação da menina não rendiam muito. Como sempre gostou de cantar e já havia percebido que precisaria de mais do que o trabalho convencional para dar uma vida melhor a seus filhos, Elza reacendeu a pequena chama que trouxera da infância e começou a pensar que o “bilhete premiado” de sua vida talvez pudesse estar na música:

Eu não falava com ninguém – meus pais não iriam entender e Alaordes era totalmente contra a ideia. Mas eu sabia o que queria: era só eu ouvir uma estação de rádio qualquer, em casa ou na rua, que eu começava a pensar como eu iria fazer para um dia estar lá, fazendo o que eu mais gostava. (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 59)

Figura 3 - Elza Soares cantando em um programa de rádio (1960) (CAMARGO, 2014, p. 69)



Como o dinheiro do jogo do bicho havia acabado e a situação financeira em casa só piorava, Elza deu um dos filhos, Gérson, para a adoção. O menino cresceu sob os cuidados dos padrinhos.

Com dois filhos mortos, uma filha perdida pelo sequestro, e ainda carregando a culpa de ter dado um terceiro para a adoção, vendo Carlinhos com a saúde frágil, foi nas ondas do rádio que Elza viu uma fagulha de esperança. A ideia era se tornar uma estrela do rádio — um sonho comum nos anos 1950 — mas um sonho que ainda lhe parecia muito distante da realidade. Foi então que, em 1953, Elza ficou sabendo que quem tirasse a nota máxima no programa “Calouros em desfile”, apresentado por Ary Barroso na Rádio Tupi, levava um prêmio em dinheiro para casa. Elza não pensou duas vezes e decidiu participar sem saber que essa história seria um importante marco na sua futura carreira de cantora. Sem o apoio dos pais ou do marido, ela disse que viajaria para visitar Gérson, seu filho que estava no cuidado dos padrinhos. Pegou uma roupa emprestada da mãe — que tinha o dobro do seu peso —, pois entendia que precisaria vestir algo especial para se apresentar para o "seu Ary" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 64):

Eu saí pregando alfinetes naquela saia, improvisando com todos os que consegui pegar na casa de minha mãe. E o cabelo ficou como eu sempre o penteava quando queria parecer um pouco arrumada, aquele cabelão duro não tinha muito jeito, era fazer duas bolinhas e amarrar com um lacinho. (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 62)

A tentativa de Elza em parecer mais arrumada não deu muito certo e, ao subir no palco para se apresentar, foi recebida com gargalhadas debochadas da plateia e de Ary Barroso, que perguntou num tom de ironia: “De que planeta você veio, minha filha?”. Ela respondeu: “Do mesmo planeta que o senhor, Seu Ary. Do planeta fome” (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 67). Neste dia, o apresentador engoliu seco pela primeira vez. A segunda viria em seguida. Ao ouvir a voz rouca de Elza interpretando a música “Lama”, de Paulo Marques e Alice Chaves, o apresentador interrompeu a apresentação, declarou que o concurso estava encerrado, anunciou que o prêmio era de Elza e completou entusiasmado: “Senhoras e senhores, nesse exato momento acaba de nascer uma estrela”.

Figura 4 - Reencontro de Elza Soares e Ary Barroso (1963) (Revista Continente)⁶



⁶ NASCIMENTO, Débora. “A guerreira do fim do mundo”. Revista Continente, 1 de abril de 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/244/a-guerreira-do-fim-do-mundo>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

A jovem cantora pegou o dinheiro do prêmio e foi embora. "Dava para cobrir a dívida com o médico de Carlinhos, fazer uma boa compra de comida e sonhar, quem sabe, com uma roupa melhor para a próxima vez que ela fosse se apresentar no rádio" (CAMARGO, 2014, p.73).

Apesar de um início promissor — afinal, tirar a nota máxima naquele concurso de rádio era um feito e tanto naquela época e colocava os calouros sob os olhos atentos das principais gravadoras —, a realidade de Elza não mudou imediatamente após sua apresentação no "Calouros em desfile". "Depois do programa do Ary Barroso, eu achava que minha carreira não ia dar em nada, porque eu não tinha onde cantar" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 75). A cantora começou então a se oferecer para cantar nos clubes de calouros, mesmo sem a certeza se ganharia algum dinheiro com isso. Elza faz questão de lembrar que "tinha clube que era racista" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 79) e, embora não conseguisse elaborar muito bem o que isso significava na época, entendia que o caminho para o sucesso que tanto sonhava seria atravessado por diversos fatores que estavam além de seu controle.

Aos trancos e barrancos, Elza ia conseguindo um trocado aqui e outro ali e, a partir de meados dos anos 1950, já conseguia cuidar dos filhos somente com o dinheiro que ganhava com a música. Em 1958, ela integrava oficialmente o espetáculo "É Tudo Juju-frufu", sucesso nos teatros cariocas. Por causa desse trabalho, foi convidada para participar de uma turnê por Buenos Aires com vários outros músicos. Foi nesse ano, em um hotel argentino, que Elza dormiu pela primeira vez em um colchão.

Acontece que a turnê estava longe de ser o tão sonhado estouro de Elza. Ela levou um calote e, para não voltar ao Brasil sem nenhum dinheiro, ficou um tempo na Argentina fazendo pequenos shows. Foi nesse período que ela recebeu a notícia de que seu pai havia falecido. Enquanto a cantora ainda estava numa verdadeira caça a lugares em que pudesse se apresentar, uma cena marcou o fim do casamento com Alaordes, que não aceitava ver a mulher seguindo a carreira artística — afinal, isso era algo mal visto na época: "Ninguém me respeitava no começo, nem minha mãe — e muito menos meu marido" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 137).

Alaordes estava internado há bastante tempo, tratando uma pneumonia crônica e Elza não tinha notícias dele desde a viagem para a capital da Argentina. No dia do aniversário da filha Dilma — que continuava desaparecida após o sequestro — e, em um raro dia de melhora de sua saúde, Alaordes foi ao encontro de Elza na casa onde moravam. Sem muita conversa, ele disse somente que ficou sabendo da vida que ela estava levando como cantora de rádio e clubes. Puxou a arma e deu dois tiros em direção a Elza. Um passou raspando no braço e o outro não a acertou. Ela foi levada imediatamente ao hospital e desde então nunca mais teve

contato com Alaordes. "Se eu já não gostava dele, ali então eu tomei pavor. Nunca mais vi o Alaordes até ele morrer" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 139).

Em agosto de 1959, Elza ficou sabendo que ex-marido havia falecido e disse que a única coisa que conseguiu sentir foi alívio. Neste mesmo ano, ela esteve pela primeira vez em um estúdio de gravação e conta que foi recebida com um farto café da manhã. Só pensava em como levar algo para casa e dividir com os filhos.

Já em 1960, Elza lançou seu primeiro disco, "Se acaso você chegasse"⁷, e, logo em seguida, no mesmo ano, gravou também "A bossa negra". Ainda na mesma década, Elza conta que se envolveu com diversos artistas e começou um namoro com o músico Milton Banana. "O Samba é Elza Soares" foi o terceiro disco gravado pela cantora, em 1961.

Figura 5 - Elza posando com seus discos "Se acaso você chegasse" e "O samba é Elza Soares" (1961) (CAMARGO, 2014, p. 123).



A Copa de 1962 foi palco de um dos acontecimentos mais marcantes da vida de Elza: o romance com o jogador Mané Garrincha. Ela já era considerada a nova estrela da música brasileira e, por isso, foi convidada para ser madrinha da seleção brasileira de futebol. Acompanhou o time até o Chile, onde cantaria o hino nacional. Foi neste dia que Elza chamou a atenção de Louis Armstrong, um dos maiores cantores de jazz do mundo. Ele disse que a

⁷ Os dados da discografia de Elza Soares foram extraídos do site do Instituto Memória Musical Brasileira. (Cf. INSTITUTO MEMÓRIA MUSICAL BRASILEIRA (IMMuB). "Elza Soares", página na Internet, no site do IMMuB, sem data. Disponível em: <https://immub.org/artista/elza-soares>. Acesso em: 02 mar. 2020).

cantora tinha um saxofone na garganta. Se de um lado a estrela de Elza brilhava na música, do outro, o desempenho de Mané Garrincha em campo também reluzia. O jogador era aclamado pelo público devido aos dribles desconcertantes que dava durante as partidas e que faziam a alegria da torcida, o que lhe rendeu títulos como “anjo das pernas tortas” e “a alegria do povo”. Elza e Garrincha se apaixonaram e começaram o romance durante a Copa, enquanto o jogador ainda era casado com outra mulher e pai de sete filhas. A situação tematizou desde as principais matérias dos jornais da época até as conversas mais corriqueiras. Elza foi tachada de aproveitadora e inimiga do lar.

Figura 6 - Elza Soares e Garrincha com faixa e troféu da Copa de 1958 (1962) (Site Catraca Livre)⁸



Após um ano juntos, Elza e Garrincha decidiram investir em uma alternativa que, na percepção deles, poderia acalmar os ânimos daqueles que os difamavam: Garrincha iria fazer um desquite amigável – única forma possível de separação na época – de sua esposa Nair Marques. Desquite feito, mas nada dos boatos cessarem. Pelo contrário, manchetes como “Um homem no coração de duas mulheres – todo o Brasil acompanha o dilema de Garrincha” (CAMARGO, 2014, p. 212), da Revista do Rádio de 1963, eram cada vez mais comuns. Elza conta que as pessoas mandavam cartas e faziam ligações para sua casa com frequência:

⁸ “ELZA e Garrincha: a união romântica do futebol e do samba”. Catraca Livre, 5 de junho de 2014. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/samba-em-rede/elza-e-garrincha-a-uniao-romantica-do-futebol-e-samba-2/>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

“Me chamavam de tudo, coisas pesadas, racistas”, conta ela sobre os xingamentos que ouvia e que tinham a intenção explícita de humilhá-la. “Pra piorar as coisas, me convenceram a gravar uma música que falava justamente sobre uma amante... Não sei onde eu estava com a cabeça, quando topei fazer isso. Alguém da Odeon achou que seria uma boa ideia aproveitar o que se dizia na imprensa. Não foi, deu merda!” (CAMARGO, 2014, p. 212).

A canção "Eu sou a outra" soou como uma provocação de Elza ao público e o cenário só piorou. Como protesto, vários apresentadores de rádio quebravam o disco de Elza durante os programas. Elza e Garrincha tiveram de prestar queixas na polícia várias vezes porque sofreram, além de difamação pública e de ataques físicos, tentativas de extorsão por parte dos repórteres e apresentadores. Mesmo em meio ao cenário caótico, ainda em 1963, Elza lançou dois discos, "Na roda do samba" e "Sambossa".

Durante muitos anos, Elza foi perseguida por conservadores, que, mesmo após o desquite de Garrincha, a tinham como "inimiga do lar"; por idealistas políticos, já que a cantora mantinha uma amizade com o ex-presidente João Goulart, deposto no Golpe de 1964; e pelos torcedores do Botafogo, que entendiam Elza como a responsável pelo fim da carreira do jogador, e, principalmente, pelo alcoolismo de Garrincha (a cantora relata que ele bebia uma garrafa de cachaça pelas manhãs; durante o tempo que estiveram juntos, ele agrediu fisicamente Elza diversas vezes).

As fofocas e a rejeição pública não impediram Elza de continuar sua produção musical na segunda metade da década de 1960. Elza lança o disco "Um show de Elza", em 1965 e, dois anos depois, lança "O máximo em samba" e "Elza, Milton e Samba", uma parceria com Milton Santos de Almeida, cantor carioca. Em 1968, lança mais dois discos: "Elza Soares - Bateria: Wilson das Neves", em parceria com o guitarrista, cantor e compositor carioca Wilson das Neves, e o segundo volume de "Elza, Milton e Samba".

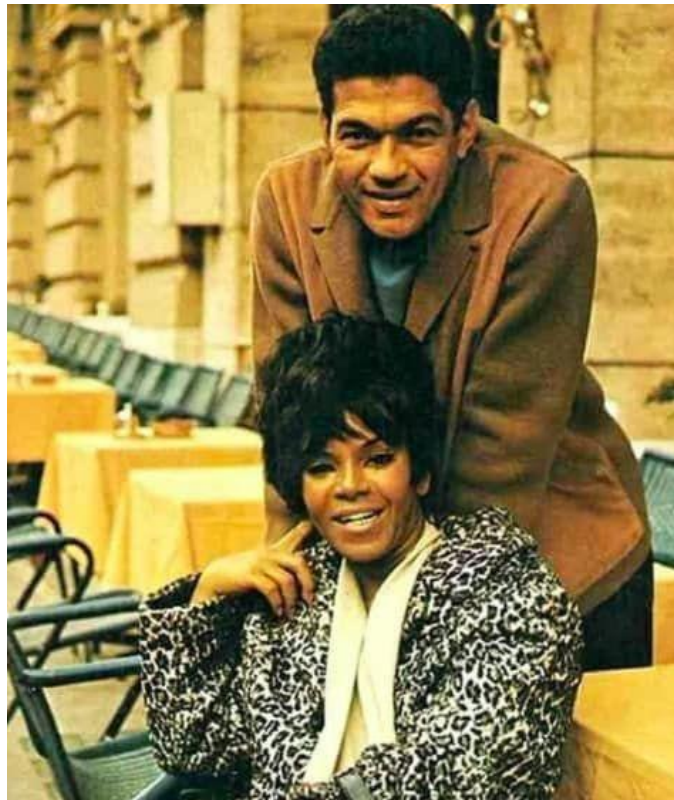
Em 1969, Garrincha sofreu um grave acidente na Rodovia Presidente Dutra, enquanto dirigia um carro alcoolizado. Dona Rosária, mãe de Elza, foi arremessada para fora e morreu na hora. Além de Garrincha, Sara, filha que o casal acabara de adotar, também estava no carro, mas sobreviveu.

Minha mãe era tudo para o Mané e eu podia ver o que estava acontecendo dentro dele. O homem que eu amava tinha matado a minha mãe, e eu não conseguia sentir raiva. Parecia que eu tinha uma pedra de gelo dentro de mim. Eu só lembrava da história do Mané, de tudo que já tinha acontecido na vida dele, tanta tragédia, tanta coisa que tinha dado errado e agora mais essa. Eu é que não ia condenar ele por isso!” (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 219)

Depois do acidente, Garrincha entrou em depressão e chegou a tentar suicídio.

Durante a Ditadura Militar, em 1969, Elza e Mané Garrincha viveram verdadeiros momentos de guerra: “Nossa casa foi metralhada e tivemos 24 horas para deixar o país. Fiquei marcada porque participei de um show do Geraldo Vandré, que era visado por ser um artista de esquerda. Fomos para Roma, onde moramos durante mais de dois anos”⁹.

Figura 7 - Elza Soares e Garrincha em Roma (1971) (Site BuzzFeed)¹⁰



Neste mesmo ano, em meio a tantos acontecimentos, Elza lança mais dois discos: "Elza, Carnaval & Samba" e o terceiro volume de "Elza, Milton e Samba". No ano seguinte, ela produz seu décimo quarto disco: “Sambas e mais sambas”.

Frente a tantas ameaças, golpes e até mesmo uma tentativa de sequestro, Elza e Garrincha embarcam para a Itália em 23 de janeiro de 1970. Eles foram recebidos pelo cantor Chico Buarque e pela atriz Marieta Severo, que viviam em Roma nesta época. Os filhos de Elza

⁹ TIEPPO, Marcelo. “Elza Soares: ‘Garrincha era o médico e o monstro’”. Terra, 14 de novembro de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2IooT8g>. Acesso em 08 mar. 2020.

¹⁰ NASCIMENTO, Victor. “30 coisas sobre a vida de Elza Soares que talvez você não saiba”. BuzzFeed, 12 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/30-coisas-sobre-a-vida-de-elza-soares-que-talvez-voce-nao-saiba#.baoMPPWzO>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

embarcaram em seguida e a viagem, que duraria apenas algumas semanas, se estendeu por quase dois anos.

Mané Garrincha não foi convocado para a copa de 1970, e isto fez com que ele afundasse ainda mais na depressão que vinha encarando e bebesse cada vez mais. Nesse momento, e em praticamente todos os outros — afinal, um jogador de futebol não ganhava tanto dinheiro naquela época — era o trabalho de Elza que sustentava Mané e os filhos, dela e dele.

3.3. Não é Deus uma mulher?

Embora tenha conseguido se manter na Itália, fazendo algumas apresentações pontuais — muitas com o apoio de Chico Buarque —, Elza sonhava em voltar para o Brasil e tentar construir sua carreira em seu país. Foi no final de 1971 que o empresário Abelardo Figueiredo convidou Elza para retornar ao Rio de Janeiro e ser a protagonista do espetáculo que ele estava produzindo, o *Brazil Export Show*. Ela aceitou de imediato, e, como não tinha nem o dinheiro para as passagens, fez uma vaquinha entre os amigos e conseguiu chegar no aeroporto do Galeão em dezembro de 1971.

Elza encontrou, no Brasil, um cenário bem diferente de quando havia partido para a Itália. Em vez de ser recepcionada com notícias escandalosas e olhares desconfiados, que era o que ela esperava, poucos dias depois de sua chegada recebeu o título de “Embaixadora do Samba”, do conselho do Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Ela tinha voltado da Itália decidida a não se curvar mais diante de todas as exigências que as gravadoras faziam. Logo que chegou ao Brasil, foi até a Odeon, que tinha produzido todos os seus discos até então, para retomar as gravações. Chegando lá, uma surpresa: várias músicas que tinham sido compostas para Elza foram transferidas para a cantora Clara Nunes, grande aposta da Odeon naquele momento. A veterana se espantou porque Clara era sua amiga e frequentava sua casa. Ela a achava muito talentosa, mas não imaginava que sua carreira começaria "tomando" o seu lugar.

Decidiu contornar a situação e, como não tinha mais repertório, impôs à gravadora que lançaria seu novo disco com a participação de Roberto Ribeiro, um cantor sem muito prestígio até então e que a Odeon insistia em desqualificar:

Eles diziam que ele era muito feio, mas eu já desconfiava que fosse preconceito. Até que eu ouvi um diretor dizendo: ‘Não quero esse nego feio e sujo na capa!’ Aí fiquei maluca! Entrei naquele escritório dizendo: ‘Se ele é um nego feio, o que eu tô fazendo aqui, então?’ Se eles queriam que eu continuasse lá, tinha que ser com ele também. (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 245)

Depois de muito esforço, o disco saiu e Elza conta que "Sangue, suor e raça" foi uma das obras que ela mais gostou de fazer. O LP vendeu bastante e Roberto Ribeiro ganhou, enfim, o reconhecimento que Elza lutou para que ele tivesse. Também em 1972, ela lançou o disco "Elza pede passagem". No ano seguinte, veio a primeira versão do disco "Elza Soares" e, em 1974, uma segunda edição do mesmo. O ano de 1975 também é quando ela lança o disco "Nos braços do samba".

Neste ano, as filhas de Garrincha foram morar com o pai depois que a primeira esposa do jogador faleceu. Elza conta que, apesar do dinheiro que a família de Garrincha ganhou na justiça do pai — e que havia saído do bolso da própria Elza —, as meninas e a mãe, agora falecida, levavam uma vida simples e chegaram à casa do casal com roupas muito velhas, cabelos despenteados e um olhar de muito desconfiança em relação à cantora que, segundo a própria, seria vista como perversa. Elza, no entanto, investiu tempo e dinheiro nos cuidados com as enteadas e, aos poucos, foi ganhando a confiança delas.

Em mais uma das inúmeras tentativas de fazer Garrincha parar de beber, Elza recorre a uma promessa religiosa e raspa todo o cabelo em 1976. Em sua primeira aparição careca, a mídia logo tratou de colocar o novo visual de Elza como sendo um ato provocativo da cantora para causar polêmica. Elza desmente, diz que não teve nenhuma intenção para além da promessa, mas, ao se olhar no espelho sem nenhum cabelo e, ainda sim, se achar bonita, gostou da ideia e, de certa forma, acabou encarnando o personagem provocativo apresentado pela mídia. Nesse ano, Elza lançou o disco "Lição de vida".

Figura 8 - Elza Soares careca (1976) (Perfil do Facebook "Elza Soares")¹¹.



Como a promessa não tinha surtido efeito e Garrincha não havia parado de beber, Elza partiu para mais uma tentativa:

Eu estava muito desesperada e achei que essa cartada seria definitiva. A cena aconteceu mesmo, não é invenção: eu cheguei depois de um dia em que a gente tinha brigado demais e perguntei se ele seria capaz de me prometer que, se eu lhe desse um menino, um filho homem, ele largaria a bebida – e ele respondeu que sim (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 260).

Em 1977, mesmo ano do lançamento de "Pilão + Raça = Elza", vigésimo primeiro disco da cantora, depois de alguns tratamentos médicos, Elza engravidou e deu à luz a Manoel Francisco dos Santos Júnior, o Garrinchinha. Apesar da enorme felicidade pelo filho que acabara de nascer, a estratégia não fez o homem parar de beber: “A reação dele quando soube que, finalmente, era pai de um menino? Tomou um pileque!” (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 260).

¹¹ Publicação na rede social digital Facebook, na página “Elza Soares”. Facebook, 16 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/elzasoaresoficial/photos/a.328827217189111/3491303687608099/?type=3>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Figura 9 - Elza, Garrincha e Garrinchinha (1977) (Perfil do Instagram "Elza Soares")¹²



No final dos anos 1970, o casamento de Elza e Garrincha, que já vinha com muitos problemas devido ao alcoolismo do jogador, entrou, de vez, em colapso. A cantora conta que a gota d'água para o fim do casamento com o jogador foi um dia em que Garrincha estava, como sempre, muito bêbado, e pegou Garrinchinha por uma perna em uma brincadeira fingindo que jogaria o garoto escada abaixo. Elza conta que sabia que era apenas uma brincadeira, mas a cena foi o ponto final que ela precisava: "Foi o limite! Eu percebi que cuidava de dois bebês e finalmente disse: 'Chega! Vou cuidar de um só!'" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 267). Além de ser o ano de separação do casal, 1979 foi também o ano de lançamento do disco "Senhora da terra".

Em 1980, Elza lançou o disco "Negra Elza, Elza Negra" e começou a perceber que, junto com o seu casamento, sua carreira também parecia que estava indo embora. Os discos não vendiam como antes e as dívidas começaram a aparecer. Elza teve que se mudar da mansão onde morava para uma casa simples e procurar novas formas de ganhar dinheiro; tentou, inclusive, emprego em uma creche para que pudesse deixar Garrinchinha enquanto trabalhava.

¹² Publicação na rede social digital Instagram, perfil "elzasoaresoficial". Instagram, 9 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COqJiHohZo1/>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

No dia 20 de janeiro de 1983, morre Mané Garrincha, aos 49 anos de idade, vítima de cirrose hepática. Elza conta que viveu um luto terrível, uma vez que tinha que se manter forte perante os filhos e indiferente diante da sociedade, e entendia que a morte de Garrincha talvez pudesse enterrar de vez a sua carreira, já que via suas últimas forças indo embora com mais esse golpe da vida.

É então que, já há quatro anos sem gravar e vivendo praticamente no anonimato, o cantor Caetano Veloso estende a mão à Elza e a convida para gravar a música "Língua", sua mais recente composição:

Eu acho que Caetano já fez parte dessa música pensando em mim, porque a força daquela letra era exatamente o que eu estava precisando pra dar aquele impulso e voltar. Gravei, foi um sucesso enorme, e as portas começaram a se abrir de novo. Acabou creche, acabou tristeza, acabou fase ruim. Eu podia olhar de novo para o meu filho e ter certeza de que eu poderia cuidar dele. Olhei mais uma vez no espelho e disse: “Voltei. Elza Soares, toma vergonha na cara, teu lugar é aqui!” E aí tudo começou a mudar. (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 287)

Figura 10 - Elza Soares e Caetano Veloso cantando a música "Língua" (1986) (CAMARGO, 2014, p. 286)



Em entrevista ao jornal O Globo, Caetano Veloso comenta sobre o caso: “Ela é uma potência criadora. É um esteio para o Brasil. Desde que apareceu, já apareceu com aquela afirmação do talento, da personalidade, com uma visão de mundo aguda. Então, poxa, isso não se joga fora”¹³.

¹³ LISBOA, Adriana. “Elza Soares e o lado obscuro do paraíso”. Red Bull, 11 de setembro de 2018. Disponível em: <https://win.gs/3o2FSgN>. Acesso em 10 mar. 2020.

Em 1985, ano seguinte ao recomeço que teve ao lado de Caetano, a cantora lança o disco "Somos todos iguais". A vida parecia ter dado uma trégua a Elza. Em 1986, sua carreira ia bem, a vida pessoal também, os filhos bem cuidados; tudo certo. Até que mais uma tragédia, que, infelizmente, não era nenhuma novidade na vida de Elza, começou a se desenhar. Para homenagear a data da morte de Garrincha, Garrinchinha e os amigos combinaram uma partida de futebol em Magé, região metropolitana do Rio de Janeiro. O garoto acordou cedo e o motorista de Elza pegou a estrada levando Garrinchinha e seus amigos para a Baixada Fluminense. Na volta para casa, o motorista, que dirigia bêbado, perdeu o controle do carro e foi em direção ao rio Imbariê. No momento da queda, a porta do carro se abriu e Garrinchinha foi lançado no rio. Os bombeiros passaram a noite procurando pelo garoto, que só foi encontrado na manhã seguinte, sem vida.

No dia da morte do filho, Elza tinha um compromisso agendado com o cantor Lobão. Ela gravaria com ele. O cantor, obviamente, já não contava com a presença de Elza, quando ela chega ao estúdio: "É um compromisso que eu tenho comigo mesma. A dor era só minha e era eu que tinha que resolver. Era uma coisa que eu deveria enfrentar – eu comigo mesma. E o jeito que eu achei para fazer isso naquele momento foi me curar com música" (SOARES *apud* CAMARGO, 2014, p. 295). Lobão relembra o episódio dizendo que nunca presenciou ou presenciará algo tão forte em sua vida quanto ouvir Elza cantar naquele dia.

Depois de algum tempo sem gravar, mas fazendo diversas apresentações para sustentar seus filhos e o vício em drogas que acometeu Elza durante um período após a perda de Garrinchinha, em 1988, a cantora lança o disco "Voltei".

Nos anos seguintes, ela morou por um tempo nos Estados Unidos e chegou até a se casar por lá para tentar conseguir o *green card*. Mas conta que nesse período tudo que fazia não tinha muito sentido para ela. A cantora voltou ao Brasil e lançou, em 1997, o disco "Trajetória".

Em 1999, Elza lançou o disco "Carioca da Gema - Elza ao vivo". Foi nesse ano que recebeu também o título de "melhor cantora do milênio", pela BBC de Londres. Em setembro desse mesmo ano Elza sofreu um acidente¹⁴ em um show na Barra da Tijuca, zona oeste do Rio de Janeiro. A queda do palco lhe causou uma fratura em uma das vértebras e a cantora passou a ter que conviver com 16 parafusos¹⁵ na coluna.

¹⁴ "ELZA Soares cai de palco no Rio". Folha de S. Paulo, 8 de setembro de 1999. Disponível em: <https://bit.ly/35aqgzl>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

¹⁵ BITTENCOURT, Carla. "Elza Soares: 'A música é a medicina da alma'". Jornal A Tarde, 18 de novembro de 2014. Disponível em: <https://bit.ly/34aXmQl>. Acesso em: 10 de abr. 2020.

Depois do acidente, Elza começou a sentir muitas dores. Como fez em vários momentos de sua vida, encontrou na música um remédio. Em 2002, ela lançou o disco "Do cóccix até o pescoço", uma referência à posição dos parafusos em sua coluna vertebral. Em 2003, lançou "Vivo feliz" e, em 2007, lançou o disco "Beba-me - Elza Soares ao vivo".

No início de 2014, Elza foi submetida a mais uma cirurgia numa tentativa de minimizar as dores decorrentes do acidente de cinco anos atrás.

Em julho de 2015, a cantora perdeu seu quarto filho, Gilson, aos 59 anos de idade, vítima de complicações de uma infecção urinária. No mesmo ano, após 55 anos de carreira, Elza lançou seu primeiro disco composto exclusivamente de canções originais. "A Mulher do Fim Do Mundo" é o trabalho mais premiado da cantora.

Em 2018, Elza lançou o disco "Deus é mulher". Em 26 de maio de 2019, a cantora recebeu, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o título de doutora *Honoris causa*. Em 2019, Elza lançou também seu mais recente trabalho, o disco "Planeta fome".

Figura 11 - Foto de divulgação do clipe da música "Comportamento Geral", composta por Gonzaguinha e parte do 33º álbum de Elza Soares, "Planeta Fome". O cenário da obra apresenta um clima pós-apocalíptico e o figurino de Elza, carregado de alfinetes, remete à sua apresentação no programa de Ary Barroso (2019) (G1)¹⁶



Em 2020, a Escola de Samba Mocidade Independente de Padre Miguel, muito presente nas canções e falas de Elza, homenageou a cantora com o samba-enredo "Elza Deusa Soares". A agremiação do coração de Elza terminou na terceira colocação.

¹⁶ “ELZA Soares mostra figurino de turnê ‘Planeta fome’, inspirado na estreia dela há 66 anos”. G1, 2 de setembro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/09/02/elza-soares-mostra-figurino-de-turne-planeta-fome-inspirado-na-estrela-dela-ha-66-anos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Figura 12 - Elza Soares no carro "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar" do desfile da Mocidade (2020) (G1)¹⁷



Elza Soares deu à luz a sete filhos e enterrou quatro deles. Casou-se algumas vezes e também já enterrou alguns de seus ex-maridos. Já quis desistir da carreira e já teve que desistir mesmo sem querer. Lançou 33 discos, tem sua voz gravada em mais de 120 álbuns e ao longo dos seus quase 70 anos de carreira já fez parceria com dezenas de artistas, brasileiros e internacionais. A vida de Elza é um verdadeiro acontecimento, marcada por vários acontecimentos. E é justamente esse conceito que iremos debater a seguir.

¹⁷ “DESFILE da Mocidade; veja fotos”. G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

4. Sobre acontecimento

Quando eu nasci veio um santo
Preto e pobre como eu
Me rezou contra quebranto
Me beijou e me benzeu
E me traçou um caminho que meu pai obedeceu
Graças a este caminho é que hoje eu sou mais eu
E pra chegar ao ponto que eu cheguei
Como lutei!

Como lutei

(Composição: Nei Lopes e Wilson Moreira / Interpretação: Elza Soares)

Ao falar sobre acontecimento, o filósofo pragmatista George H. Mead ressalta que ele “cria com sua unicidade um passado e um futuro” (1932 p. 23) e isso faz com que um acontecimento seja, ao mesmo tempo, “uma história e uma profecia” (1932, p. 23). É interessante perceber como Elza Soares carrega também essa lógica de conceber no presente, seu passado e futuro. Na canção "Como lutei", composta por Nei Lopes e Wilson Moreira, as palavras, mais uma vez, ganham novos sentidos ao serem interpretadas por Elza e toda a sua história. A cantora repete diversas vezes que seu nome é *agora*, mas, ao mesmo tempo, resgata frequentemente o passado de luta que vislumbra o futuro, também de luta, que será amanhã o que já está se tornando hoje.

Acontecimento é uma palavra muito presente no nosso cotidiano e, por isso, ao acionarmos esse termo, é comum a impressão de já entendermos, em totalidade, do que se trata. Acontecimento, nesse sentido, seria nada mais que um sinônimo para fato. Nessa linha do que é apreendido imediatamente sobre a noção de acontecimento, Queré (2005) aponta que temos — quase instintivamente — uma percepção sobre alguns dos vários tipos de acontecimento. Notamos, por exemplo, que existem os acontecimentos que se dão independentemente da nossa vontade e os que ocorrem a partir da nossa própria provocação. Percebemos ainda que alguns são cotidianos e nos passam despercebidos e outros recebem um peso especial (QUERÉ, 2005, p. 59).

Assim como é presente no nosso dia a dia, acontecimento é também um conceito muito popular entre os pesquisadores das áreas de comunicação e ciências humanas, que buscam nessa ideia uma ferramenta para discutir e investigar tipos diversos de problema de pesquisa. Portanto, o esforço que faremos aqui será de delimitar a noção de acontecimento que iremos abordar tanto nesse primeiro momento, teórico, quanto nas próximas etapas analíticas.

4.1. Que acontecimento é esse?

No II Encontro da Rede de Acontecimentos e Figuras Públicas¹, a pesquisadora e orientadora deste trabalho, Vera França, usou uma metáfora para explicar o conceito de acontecimento que acredito ser um ponto de partida valioso para entendermos sobre a noção que iremos falar. França pediu que os presentes imaginassem uma bolinha, dessas que quicam bastante, sendo jogada com força na sala. Partindo daí, ela disse que se congelarmos o momento exato em que a bolinha está no auge do seu pulo, conseguiríamos ter, nesse instante, elementos que dizem de como o pulo se formou, como a bolinha chegou no alto, como se dará a queda, quão alto será o próximo pulo, como foram os pulos anteriores etc. Ela continua dizendo que, por meio desse recorte, talvez fosse possível saber até mesmo qual é a situação do chão da sala, como está a temperatura, dentre várias outras coisas. França finaliza dizendo que isto é, em resumo, o acontecimento: algo que se sobressai e tem o poder de carregar consigo elementos poderosos sobre o contexto em que emergiu. A análise do acontecimento parte de um quique (o auge do pulo) para recompor a trajetória e prever os movimentos seguintes.

É dessa ideia de acontecimento que compartilhamos e, partindo do que é proposto por Simões (2014), precisamos, antes de tudo, entender quais são as raízes desse pensamento. O pragmatista Dewey (1980 *apud* Simões, 2014) traz uma importante contribuição para a construção do conceito de acontecimento a partir da lógica da experiência. Para o autor, retomado por Simões (2014), experiência é algo que se caracteriza pela transação entre dois corpos, em que cada um é afetado pelo outro. Um indivíduo inicia uma ação, mas sofre, ao mesmo tempo, uma reação consequente dessa ação.

¹ O II Encontro da Rede Interinstitucional de Acontecimentos e Figuras Públicas foi realizado pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) nos dias 2 e 3 de maio de 2019. O evento contou com a participação de pesquisadores de dez instituições de ensino, que discutiram os avanços nos estudos dos conceitos de acontecimento e figura pública. (Cf. “II ENCONTRO da Rede Interinstitucional de Acontecimentos e Figuras Públicas”. Página na Internet, UFMG, sem data. Disponível em: <https://bit.ly/3mJw75Q>. Acesso em 31 de out. de 2020).

[...] toda experiência é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive. Um homem faz algo; levanta uma pedra, por exemplo. Em consequência padece, sofre alguma coisa: o peso, a resistência, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim sofridas determinam o agir subsequente. A pedra é excessivamente pesada ou muito angulosa, ou não é suficientemente sólida; ou, ainda, as propriedades sofridas mostram que ela é adequada para o uso para o qual foi pretendida. O processo continua até que emerja uma adaptação mútua do eu e do objeto, e então tal experiência específica alcança um término. (DEWEY, 1980, p. 95-96 *apud* SIMÕES, 2014, p. 174)

É especificamente desta lógica da experiência, como algo marcado por um processo de interação entre os interlocutores, que parte o conceito de acontecimento, defendido por Dewey (1980 *apud* Simões 2014). Para o pragmatista, o acontecimento, que atravessa nossa experiência, se instaura seguindo uma dinâmica de continuidade; ele ocorre no presente, mas leva consigo traços do passado e do futuro, de acordo com o contexto que está inserido. Nesse sentido, Mead (1932 *apud* Simões, 2014) ressalta que o acontecimento é, ao mesmo tempo, "uma história e uma profecia".

Quéré (2012) também parte do conceito de experiência para falar sobre o acontecimento — mais especificamente sobre sua dupla vida — mas sob um ponto de vista de rompimento. Para o autor, o acontecimento rompe com a continuidade do cotidiano (da normalidade) e instaura novos sentidos; trata-se de uma nova experiência. Ele elabora seu conceito sob a perspectiva da construção social da realidade, recusando, no entanto, um construtivismo radical, que entende o acontecimento como um produto da mídia, seguindo ao pé da letra a máxima que diz: se não saiu na mídia, não aconteceu. Na perspectiva de Quéré, o acontecimento é antes de tudo aquilo que é sentido e vivido pelo sujeito (primeira vida); sua segunda vida é sua transformação em linguagem (a narrativa do acontecimento), como falaremos adiante.

Portanto, a noção de acontecimento que compartilhamos é esta: um operador teórico-metodológico que serve como instrumento de revelação. Um acontecimento revela valores e formas de ser das sociedades em determinado momento, nos fornece pistas de quais foram os caminhos que levaram ao acontecido e incita novas organizações a partir de então. É importante ressaltar que, compartilhando do que defende França (2017) e Simões (2014), embora o conceito não tenha um lugar especial junto às clássicas Teorias da Comunicação, a noção de acontecimento é um importante instrumento teórico-metodológico para uma análise comunicacional da sociedade. Isso porque sua lógica segue a mesma linha do modelo praxiológico da comunicação (QUÉRÉ, 2018), que vê as práticas comunicativas como processos que, em interação, revelam condutas e valores sociais.

Compartilhando das inquietações levantadas por França e Lopes (2017), em vez de apresentar de forma prematura quais seriam as ferramentas mais adequadas para uma leitura analítica do nosso objeto, tendo em mãos as discussões de celebridade e interseccionalidade, o aprofundamento na história de Elza Soares e uma releitura sobre a dimensão teórica do conceito, partimos então para uma exploração das possibilidades oferecidas pelo conceito de acontecimento no âmbito metodológico.

a) O poder hermenêutico

O poder hermenêutico do acontecimento diz da capacidade de revelação que os acontecimentos carregam e de seu poder de fazer convergir passado, presente e futuro. O conceito, enquanto operador metodológico, ajuda na busca dos sentidos e valores compartilhados em distintas temporalidades e enquadramentos. Quando falamos sobre o poder de revelação dos acontecimentos, nos referimos ao fato de que, ao acontecer, determinada questão pede uma explicação para os elementos que a cercaram e, ao mesmo tempo, explica, a partir de si, tais elementos. Ao levantarmos a coexistência de temporalidades característica do poder hermenêutico do acontecimento, estamos falando do que Mead (1932 *apud* SIMÕES, 2014) chamou de “história e profecia”: mesmo acontecendo no hoje, tais fenômenos carregam elementos do ontem e nos apresentam perspectivas do amanhã.

Se tratando de Elza Soares, essa possibilidade do conceito de acontecimento, o poder hermenêutico, nos ajudará na leitura das falas e dos posicionamentos da cantora sobre os momentos que marcaram sua vida e carreira. Além de entender o que dizem sobre a Elza, queremos analisar o que tais informações dizem sobre as questões por ela vividas - a pobreza, o racismo, a sua condição de mulher. .

b) A passibilidade

Quando faz sentido para a problemática da pesquisa analisar as experiências, afetações e formação de públicos, a dimensão da passibilidade do acontecimento pode ser bastante relevante. França e Lopes (2017) ressaltam que essa é a dimensão que Quéré (2005) chama de "poder de afetação". Se pegarmos o significado da palavra contrária, notamos que impassível é algo que não é susceptível do padecer, do sentir ou do sofrer. Logo, passível é aquilo que é suscetível de sentir e experimentar as sensações boas ou ruins.

O destaque aqui é dado ao fato de o acontecimento gerar afetação em alguém, provocar experiência. Partimos aqui da noção de experiência dos pragmatistas, especialmente Dewey (2010), quando entendem a experiência como fruto da interação dos sujeitos com o mundo e entre si, no sentido de que uma ação sempre gera outra ação em consequência, em um processo não linear e transmissivo, mas sim de mútua afetação (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 78).

Ou seja, a passibilidade dos acontecimentos pode auxiliar na análise das afetações mútuas que moldam as interações e as experiências comunicativas; nos ajuda a ter um olhar atento em como os eventos evocados por Elza atravessam sua experiência e vão construindo também as experiências dos que cruzam seu caminho (artistas parceiros, pessoas que a ajudaram e foram ajudadas por ela em diversos momentos etc), assim como seus fãs e o público em geral.

c) A dupla vida

Se o problema de pesquisa apontar para a necessidade de uma investigação tanto das dimensões existenciais quanto simbólicas dos acontecimentos, a dupla vida, que para França e Lopes (2017) é um dos fundamentos primordiais da concepção de acontecimento sob um viés pragmatista, pode ser uma boa ferramenta de análise. Para explicar essa dimensão do acontecimento, Quéré (2012) aponta para a existência de dois tipos de acontecimentos em um mesmo acontecimento: o que se dá no campo existencial e o que se dá na significação. França e Lopes (2017) reforçam que a primeira vida é o que difere essa concepção das demais, justamente por evidenciar "o momento de erupção e irrupção do acontecimento, sua forma vivenciada na experiência, a maneira como afeta o cotidiano coletivo e a sensibilidade dos sujeitos" (2017, p.79).

Em um sentido parecido com o do poder hermenêutico, de nos ajudar na leitura dos posicionamentos de Elza para além do que é dito por ela, a dupla vida do acontecimento também será um valioso instrumento ao nos possibilitar a leitura tanto dos elementos existenciais dos eventos evocados por Elza (momentos por ela vividos) quanto da maneira como tais elementos foram articulados em narrativas.

d) A espetacularização

Acontecimentos midiáticos podem ter suas abordagens analíticas inscritas na perspectiva da espetacularização. França e Lopes (2017) reforçam que essa forma de enxergar

determinados acontecimentos parte das discussões de Guy Debord (1997 *apud* FRANÇA; LOPES, 2017) sobre a sociedade do espetáculo — entendendo como os acontecimentos seguem a lógica do consumo e são espetacularizados pela mídia e "transformados em mais uma mercadoria a serviço da alienação" (p. 81) — e da linha dos chamados *media events*, que, resumidamente podem ser entendidos da seguinte maneira:

De um lado, ela marca uma ênfase específica na análise da comunicação de massa, privilegiando a cobertura de grandes momentos, de acontecimentos marcantes. Por outro, ela destaca a qualidade nova que ganham os acontecimentos quando midiáticos: tornam-se grandes espetáculos e cumprem funções sociais (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 81).

Sabendo que os acontecimentos que marcaram a carreira e a vida de Elza Soares foram amplamente narrados pela mídia, a espetacularização nos será especialmente útil na leitura da forma sensacionalista com que tais eventos foram e são tratados.

e) A individualização

A singularização dos acontecimentos, ou seja, suas particularidades, também são uma rica fonte de análise. Essa dimensão metodológica tem como objetivo entender o que torna um acontecimento específico diferente dos demais. Isso é relevante porque, ao identificar esses pontos de diferenciação, de singularidade, conseguimos entender também sobre o contexto social em que o acontecimento emergiu: "os sentidos do acontecimento resultam de suas particularidades, mas são também iluminados e tensionados pelos significados do conjunto no qual estão inseridos" (FRANÇA; LOPES; 2017, p. 82).

Uma cantora negra e de origem pobre chegar aos 90 anos famosa já é algo que individualiza esse acontecimento ao diferenciá-lo de outros. Mas a individualização nos será útil para além disso: partiremos dela para entender quem é Elza Soares e em que sua história se mostra singular.

Retomando a metáfora de França (2019) sobre as bolinhas, em que o auge do pulo nos ajuda a recompor sua trajetória e prever os movimentos seguintes, o quique escolhido neste trabalho, o aniversário de 90 anos de Elza Soares, nos servirá de lente para ler os tantos quiques da cantora ao longo de sua história e vislumbrar os que ainda estão por vir.

Falar em quiques nos parece oportuno ao tratar de Elza Soares, uma vez que sua trajetória, como em uma sequência de quiques, possui muitos altos e baixos. De uns anos pra cá, Elza se mantém somente no auge do pulo, sem "cair", mas é possível perceber que esse momento é sustentado pelas tantas quedas já sofridas, como em uma espécie de força propulsora

acumulada. Além disso, antes do lançamento de "A Mulher do Fim do Mundo", em 2015, Elza não gravara nenhum disco desde 2007 e, neste período de quase 10 anos, não realizou muitos shows e teve poucas aparições na mídia. Foi a força de trabalho da cantora que possibilitou um novo quique. Depois dessa volta, em 2015, a cantora já emplacou mais dois discos e pelo menos um single novo foi lançado a cada ano. Ou seja, se a cantora se mantém desde 2015 no topo, não é por nada além de muito trabalho.

5. Metodologia

Um dos vários aprendizados trazidos por esta pesquisa foi que é possível extrair ensinamentos valiosos das mais diversas situações. No exercício de mergulhar profundamente no nosso objeto e nos materiais que selecionamos para sua leitura, um desafio insistia em se colocar repetidas vezes no nosso caminho: Elza Soares não fala muito. Foram dezenas de entrevistas lidas e assistidas, dias de busca pela "fala perfeita" e horas de angústia por achar que nenhuma citação da cantora a representava em sua complexidade.

Foi então que no dia 2 de fevereiro, assistindo a um episódio do programa Big Brother Brasil 21, uma cena foi particularmente reveladora. Um dos participantes, o ator e ex-MC, Lucas Penteado, vinha sendo excluído e humilhado por vários outros participantes do programa após algumas atitudes equivocadas. O peso desproporcional do julgamento sobre a conduta de Lucas fez com que ele adotasse uma postura bem diferente da que tinha no início do programa. O ator, que era extrovertido, falante e tinha um sorriso largo como marca registrada, passou a andar de cabeça baixa, visivelmente triste, e até mesmo com dificuldade de se comunicar por medo de ser mal-entendido. Acontece que, no episódio em questão, o Lucas retraído voltou por alguns instantes ao seu estado normal de alegria ao ser convidado para improvisar uma rima em uma brincadeira entre os participantes. O ex-MC, que há pouco não conseguia se expressar nem para pedir desculpas, cantou:

Irmão, faz uma cota que não sou MC
 É vinte e um anos que passou eu nunca pensei em tá aqui
 Irmão, eu vou pensando assim devagarinho
 Quando ele me escolheu, o que pensou Boninho?
 Irmão, é muito orgulho tá aqui presente
 Tem tanta gente firme e forte aqui na minha frente

Falando da discórdia, sabe o que eu pensei?
 Que era muito fácil assumir que eu errei
 Mas irmão, eu pensei no mó proceder
 É fácil atacar alguém que te atacou, mas vou perguntar procê:
 Quem nunca atacou você?
 Como cê ataca alguém que teve um mal proceder?

Isso que não é legal
 Falar mal de alguém em rede nacional
 Em pleno BBB
 Irmão, segura o freio!
 Olha bem o teu jogo, é um milhão e meio

É o sonho de cada um, é muito coração
 É tanta convicção e o Brasil inteiro

Irmão, eu gosto de geral aqui
Mas o meu sonho grandão é terminar como o primeiro.¹

(*Composição e interpretação: Lucas Penteado*)

Essa cena suscitou algo que o comediante carioca Yuri Marçal resumiu muito bem em poucas palavras: "O artista fala através da arte!"². A cena do Lucas Penteado, dizendo o que gostaria em forma de música, e a frase do Yuri Marçal serviram como uma virada de chave no trabalho de leitura do objeto: mais do que procurar pela Elza em suas falas, era preciso procurá-la também em sua arte. Essa questão, somada aos esforços teóricos do percurso de pesquisa, foram fundamentais para a construção da nossa metodologia e das reflexões que traremos a seguir.

Partindo do principal objetivo deste trabalho, de refletir sobre como o aniversário de 90 anos de Elza Soares descortina momentos da trajetória da cantora que dão a ver a sua construção enquanto celebridade, bem como os valores da sociedade brasileira que transparecem no tratamento de Elza, seguimos então para a operacionalização, ou seja, para o apontamento do caminho e das ferramentas que melhor contemplem nossa problemática de investigação em sua complexidade. Tendo a perspectiva praxiológica (FRANÇA, 2003) como base, nossa análise não se dará a partir da separação dos elementos presentes no processo comunicacional (emissor, receptor, mensagem, etc.), mas buscará entender, em uma mirada multifocal, a interação presente nos materiais selecionados, em que todas as partes atuam como interlocutoras.

Nosso primeiro operador analítico foi o conceito de acontecimento, que, como apontado anteriormente, "refere-se a uma ocorrência, um fato concreto do cotidiano com grande poder de afetação, que suscita inquietações, demanda escolhas e provoca ações, este fato convoca e revela sentidos, que dizem da sociedade na qual ele ocorre." (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 73). Tal conceito será empregado como um operador teórico-metodológico e aproveitaremos o privilégio que ele nos oferece tanto para alicerçar nossas discussões, o "*o quê?*", quanto para viabilizar nossa análise, o "*como?*" (FRANÇA; LOPES, 2017). Portanto, visando dar conta do processo comunicativo apresentado aqui, seguimos para as escolhas metodológicas desta pesquisa.

¹ MARÇAL, Yuri. Vídeo publicado na rede social Facebook, 2 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3yjcqIJ>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

² *Ibid.*

5.1. Corpus

Orientado assim pelo conceito de acontecimento, nosso estudo tomou como ponto de partida o aniversário de 90 anos de Elza Soares; esse foi o acontecimento nucleador, que fez vir à tona os diversos outros momentos (acontecimentos) da vida de Elza. Várias homenagens e programas foram produzidos para comemorar o aniversário, e, dentre eles, selecionamos quatro materiais: a) Matéria apresentada pelo programa “Domingo Espetacular”, da Record TV, no dia 09/08/2020; b) Episódio número 98 do podcast “G1 Ouviu”, da Rede Globo de Televisão, que foi publicado no dia 19/07/2020; c) Entrevista do programa “Metrópolis”, exibido pela TV Cultura, que foi ao ar no dia 01/08/2020 e d) Desfile da escola de samba carioca Mocidade Independente de Padre Miguel, que aconteceu no dia 24/02/2020. A descrição detalhada dos materiais se encontra em anexo.

Entendemos tais materiais como relevantes porque são capazes de nos oferecer uma visão ampla do nosso objeto a partir de diferentes ângulos.

a) Matéria do programa “Domingo Espetacular”³

O “Domingo Espetacular” é um programa dominical — no formato de revista eletrônica — produzido e exibido pela Record TV desde 2004. Atualmente é apresentado pelo jornalista Eduardo Ribeiro e pela atriz Carolina Ferraz. A escolha da matéria do programa em homenagem a Elza como parte do *corpus* parte das controversas sensações evocadas ao longo do programa. Em alguns momentos, o clima da entrevista é de total devoção e gratidão pela participação de Elza. Já em outros o rumo da conversa nos remete aos momentos em que Elza era hostilizada pela mídia brasileira. Além disso, mais uma contradição nos interessa nesse material: a participação de alguém como Elza Soares — que é o oposto do conservadorismo — em um programa de uma emissora tradicional comandada pelo bispo evangélico Edir Macedo.

b) Episódio do podcast “G1 Ouviu”

Durante a pandemia da Covid-19, os podcasts, um formato de conteúdo que já vinha crescendo muito no Brasil, caíram ainda mais no gosto do público. Muitas empresas aderiram

³ Ver Anexo A.

à febre e passaram a criar conteúdos também em áudio. É o caso do “G1 Ouviu”⁴, um podcast sobre música de propriedade da Rede Globo de Comunicação. Escolhemos o episódio sobre os 90 anos de Elza Soares para aproveitar as especificidades de um conteúdo em áudio — como não temos nada visual, é preciso interpretar o que é dito somente a partir da própria fala. Além disso, diferente da maioria das demais entrevistas, os apresentadores do episódio, Bráulio Lorentz e Gabriela Sarmiento, trazem para a roda de conversa a temática da pandemia e da situação do Brasil. Por fim, outro ponto que chamou nossa atenção no programa foi o fato de ele ser dividido em duas partes, uma primeira dedicada à entrevista e uma segunda com comentários sobre os discos da cantora feitos por um crítico de música. Entendemos que uma passagem pelas obras da Elza é sempre relevante para este trabalho e nos conecta ao aprendizado de que "o artista fala através da arte!", nas palavras de Marçal.

c) Entrevista do programa “Metrópolis”⁵

O programa “Metrópolis” é exibido diariamente pela TV Cultura e aborda assuntos relacionados à arte e à cultura. Escolhemos a entrevista em homenagem ao aniversário de 90 anos de Elza feita pelo programa porque o tom amoroso da conversa nos chamou a atenção. A cantora foi entrevistada pela jornalista Adriana Couto, que é mulher e negra como Elza. Nesta entrevista, a cantora, que costuma dar respostas mais curtas e sem demonstrar grande envolvimento com os temas colocados pelos jornalistas, se mostrou paciente e carinhosa. Em alguns momentos da conversa é possível notar, inclusive, que as respostas da Elza são direcionadas especificamente à apresentadora, quase como um conselho de quem já trilhou um longo caminho profissional sendo mulher, negra e trabalhando — direta ou indiretamente — com a mídia no Brasil.

d) Desfile da Mocidade⁶

Uma relação de verdadeira devoção entre artista e escola de samba não é exclusividade de Elza Soares e a Mocidade Independente de Padre Miguel. Vários sambistas e cantores da Música Popular Brasileira são integrantes e admiradores declarados de escolas de samba, do Rio de Janeiro, de São Paulo e, até mesmo, de outras cidades do Brasil. Comumente essa

⁴ Ver Anexo B.

⁵ Ver Anexo C.

⁶ Ver Anexo D.

relação, em algum momento, acaba se transformando em tema dos desfiles das escolas e isso é algo muito aguardado pelo público que acompanha o Carnaval e, principalmente, pelos integrantes das comunidades das escolas.

A cantora Beth Carvalho, que já foi enredo de escolas de samba cinco vezes, afirma que “Não existe no mundo nada mais emocionante do que ser enredo de uma escola de samba. É a maior consagração que um artista pode ter”⁷. Outro exemplo é o desfile de 2016, da escola carioca Estação Primeira de Mangueira, que conquistou seu 19º título com o enredo em homenagem aos 50 anos de carreira da cantora Maria Bethânia⁸, fã da escola. Temos ainda a emocionante participação do sambista Arlindo Cruz que, mesmo com muitas sequelas do AVC que havia sofrido há dois anos, chegou de ambulância e cadeira de rodas para participar do desfile de 2019 da escola X-9 Paulistana, cujo enredo homenageava os 60 anos do cantor⁹.

Nascida e criada no mesmo bairro que a escola carioca Mocidade, Padre Miguel, a relação de Elza Soares com a verde e branco existe há bastante tempo e já rendeu algumas participações da cantora nos desfiles. Embora esses momentos tenham sido muito marcantes, um desfile inteiro em homenagem à cantora era algo esperado por aqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com o carnaval. Em 2020, ano em que Elza completou 90 anos de idade, o presente veio: a Mocidade Independente de Padre Miguel levou para a avenida o enredo "Elza Deusa Soares", composto por Sandra de Sá, Igor Vianna, Dr. Marcio, Solano Santos, Renan Diniz, Jefferson Oliveira, Prof. Laranjo e Telmo Augusto, e interpretado por Wander Pires.

Lá vai menina
Lata d'água na cabeça
Vencer a dor, que esse mundo é todo seu
Onde a água santa foi saliva
Pra curar toda ferida que a história escreveu

É sua voz que amordaça a opressão
Que embala o irmão
Para a preta não chorar
Se a vida é uma aquarela
Vi em ti a cor mais bela
Pelos palcos a brilhar

É hora de acender
No peito a inspiração

⁷ “BETH Carvalho já foi enredo de escola de samba 5 vezes”. UOL/Setor 1, 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Qhe4cx>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

⁸ “MANGUEIRA celebra 50 anos de carreira de Bethânia com luxo e muitos artistas”. G1, 9 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://glo.bo/3ghx19K>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

⁹ REGADAS, Tatiana. “Arlindo Cruz desfila na X-9 Paulistana com a família e acompanhado por enfermeiros”. Disponível em: <https://glo.bo/32obOTx>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

Sei que é preciso lutar
 Com as armas de uma canção
 A gente tem que acordar
 Da lama nasce o amor
 Quebrar as agulhas que vestem a dor

Brasil
 Enfrenta o mal que te consome
 Que os filhos do planeta fome
 Não percam a esperança em seu cantar

Ó nega!
 Sou eu que te falo em nome daquela
 Da batida mais quente
 O som da favela
 É resistência em nosso chão

Se acaso você chegar
 Com a mensagem do bem
 O mundo vai despertar
 Deusa da Vila Vintém
 Eis a estrela
 Teu povo esperou tanto pra revê-la

Laroyê é mojubá liberdade
 Abre os caminhos pra Elza passar
 Salve a Mocidade
 Essa nega tem poder
 É luz que clareia
 É samba que corre na veia¹⁰

Escolhemos o desfile por sua relevância, tanto para Elza e o que a homenagem significa para uma artista brasileira, quanto para a própria Mocidade. Para narrar a história de vida e artística da cantora, a Escola de Samba levou para a avenida um espetáculo dividido em seis setores e vinte e oito alas. Todos os detalhes compuseram a narrativa da trajetória de Elza e várias alas e carros contaram com a participação de amigos, familiares e admiradores da cantora.

5.2. Procedimentos

Como apresentado no capítulo sobre acontecimento, a dimensão metodológica do conceito nos oferece uma série de possibilidades analíticas. Entendendo que a "operacionalização do conceito se faz em função daquilo que ele deve ajudar a responder" (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 76), partimos da seguinte questão: tendo em mãos a base teórica

¹⁰ PIRES, Wander. "Elza Deusa Soares". In: MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL. "Sambas de enredo das escolas de samba 2020". Rio de Janeiro: Universal Music, 2019.

evocada pelo objeto, o marco de 90 anos de Elza Soares e os materiais selecionados como pontos de leituras, quais ferramentas devemos utilizar na análise da nossa problemática?

O conceito de acontecimento aponta alguns desdobramentos metodológicos que se mostraram elucidativos para nosso trabalho.

A primeira, entre as possibilidades analíticas oferecidas pelo conceito de acontecimento, é seu poder hermenêutico, que nos incita a indagar sobre os sentidos evocados pelo aniversário, bem como à temporalidade que ele convoca, abrindo janelas para o passado e resgatando possibilidades de futuro. Acontecimentos carregam uma capacidade de revelação e fazem convergir passado, presente e futuro, dando a ver tendências e mudanças da sociedade. Que passado o acontecimento aniversário convoca? Olhando – e interpretando – as narrativas que se construíram em torno dele, pudemos acionar outros acontecimentos da vida de Elza.

A passabilidade é outra dimensão inerente aos acontecimentos e, por dizer sobre o grande poder de afetação desses eventos, nos ajudou a entender os valores acionados. Ou seja, ao serem afetados pela Elza e pelas situações que a envolvem, que normas sociais se manifestam no comportamento dos públicos?

Outra possibilidade importante na nossa análise foi a espetacularização que alguns dos acontecimentos alcançaram. Tal dimensão nos ajuda a entender o que a mídia – e a sociedade de cada época – considerou relevante para ganhar visibilidade e se transformar em "espetáculo".

Portanto, para operacionalizar a análise, começamos fazendo uma descrição densa do aniversário e dos demais acontecimentos evocados.

Descrição densa é o nome de um método de observação criado pelo antropólogo estadunidense Clifford Geertz (1978), cujo objetivo é possibilitar a compreensão das estruturas significantes implicadas na ação social observada. Para falar sobre a definição de cultura, Geertz parte da premissa de que "O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu" (GEERTZ, 1978, p. 15) e tais significados são dados às ações e a si mesmos. O antropólogo reforça que, em seu entendimento, a cultura é justamente essas teias, e sua leitura não deve ser um experimento pautado nas leis, mas algo interpretativo que busca significados. O método da descrição densa é, portanto, a parte primária do processo de análise da ação observada e deve servir de apoio para a próxima etapa, onde os fatos descritos devem ser interpretados e recheados de significados.

Como proposto por Geertz (1978), assim o fizemos. A primeira etapa de análise do material selecionado foi dedicada à descrição — rica em detalhes que pudessem nos ser úteis posteriormente — dos materiais selecionados para a leitura dos 90 anos de Elza Soares como

acontecimento: a matéria apresentada pelo programa “Domingo Espetacular”, o episódio número 98 do podcast “G1 Ouviu”, a entrevista do programa “Metrópolis” e o Desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel. Como pontuado anteriormente, tais descrições seguem como anexo ao final da pesquisa.

Essa descrição deu a ver alguns temas dominantes: 1) Trabalho; 2) Tempo; 3) Fé e 4) Voz (que se desdobra em mais dois temas: a) Raça e b) Gênero).

A segunda parte da nossa análise consiste na interpretação do material descrito. Para isso, contaremos tanto com o que foi levantado até então sobre a vida e carreira de Elza Soares quanto com novos elementos que possam ser evocados pelo material. Para isto, nos apoiamos sobretudo na produção musical de Elza (músicas interpretadas por ela).

Em resumo, a operacionalização da nossa análise se dá em três frentes (uso metodológico do conceito de acontecimento, análise de conteúdo e costura musical) e usaremos a metáfora da construção de uma casa para explicar seu encadeamento. Partimos do acontecimento dos noventa anos, nosso alicerce. Seguimos, então, para o levantamento do material (matéria do *Domingo Espetacular*, episódio do podcast *G1 Ouviu*, entrevista do programa *Metrópolis* e Desfile da *Mocidade Independente de Padre Miguel*), que, mantendo a analogia, são as nossas vigas de sustentação. A análise de conteúdo desse material, por sua vez, nos apontou para os temas dominantes (Trabalho, Tempo, Fé e Voz), que foram conectando as vigas e dando forma às paredes. Por fim, a estruturação dos temas dominantes, partindo das músicas de Elza, é o telhado da nossa construção. Esse telhado, de forma mais direta em alguns casos e mais indireta em outros, estabelece contato com todos os outros elementos da obra (alicerce, vigas e paredes).

6. Análise: Os 90 anos de Elza Soares

A descrição densa do material escolhido para nos ajudar na leitura dos 90 anos de Elza Soares como acontecimento foi importante tanto para enxergar narrativas que não aparecem tão facilmente em uma leitura rápida, quanto para desbloquear alguns sentidos dominantes, temas centrais que costuraram a trajetória de Elza. Esses sentidos são aberturas no presente que dão vista para episódios de toda a vida da cantora e reforçam a capacidade dos acontecimentos de evocar sentidos. São eles: 1) Trabalho; 2) Tempo; 3) Fé e 4) Voz (que se desdobra em: a) Raça e b) Gênero). Portanto, depois da descrição, o primeiro passo foi levantar os episódios que puderam ser vistos a partir desses sentidos e analisá-los. O resultado vem a seguir.

6.1. Trabalho

Em 1961, Elza Soares gravou a música Cantiga do Morro, uma composição de Hianto de Almeida e Pascoal Macedo. A canção fala de um assunto que a cantora ainda abordaria muitas vezes ao longo de sua trajetória, o trabalho. Elza percebeu cedo as controvérsias que envolvem o trabalho da maior parte da população no Brasil. Embora trabalhe muito, o fruto do seu trabalho não é colhido na mesma proporção. É muito trabalho para pouca recompensa. E Elza, aos 31 anos de idade, já havia percebido isso e expressou sua indignação em forma de música: "O morro está cansado de trabalhar e não ter".

Vem aqui meu senhor, venha ver
Minha gente do morro sofrer
E a nossa dor ninguém quer entender

Só vê o que há de ruim

Vê bandido em qualquer morador
Não vê pai, não vê mãe, nem avô
Ninguém nos vê como gente e assim
Só vê o que há de ruim

O morro está cansado
De trabalhar e não ter

Vem ver meu senhor, venha ver
Sem nem culpa esse povo morrer
E a nossa dor resolvemos deixar
Nas mãos do senhor, meu senhor

Vem ver meu senhor, venha ver
Sem nem culpa esse povo morrer
Vem ver meu senhor, venha ver¹

Nos materiais escolhidos para nossa leitura, Elza também fala algumas vezes sobre trabalho. Para a entrevista do “Domingo Espetacular”, ela comenta, por exemplo, que gosta de ter sempre a agenda cheia, que trabalha muito desde criança e fala sobre o assunto até quando é questionada sobre como tem sido sua quarentena: “A gente vai passando. É chato, mas tem vocês aqui. É chato ficar longe do palco, mas tenho meu palco em casa comigo. Assim a gente vai sobrevivendo”².

A apresentadora do podcast “G1 Ouviu”, Gabriela Sarmiento, também questiona Elza sobre sua quarentena e a cantora, mais uma vez, fala em trabalho: “Eu faço fisioterapia, eu faço música, eu faço tanta coisa, meu Deus do céu, nesse meu silêncio. É um silêncio barulhento, entendeu? Parece que eu estou calada, mas não, eu estou fazendo muita coisa, mas muita coisa mesmo [...]”³.

A temática do trabalho também aparece algumas vezes no desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel. Logo na comissão de frente, as integrantes que representavam Elza traziam uma lata na cabeça, em referência à tarefa diária de Elza desde muito nova. Além disso, a ala “Central do Brasil - A conexão entre o centro e a periferia” traz a representação do cotidiano de trabalho de Elza e de tantos outros cariocas que usam os trens para se locomover. A Mocidade apresenta ainda a dura rotina da cantora quando trabalhava na fábrica de sabão, no manicômio e como empregada doméstica.

Portanto, entendemos o trabalho como um dos elementos que constroem a narrativa de Elza Soares, tanto sobre o quantidade que a cantora trabalhou e trabalha, quanto sobre sua indignação sobre as mazelas que envolvem o tema.

¹ SOARES, Elza. “Cantiga do Morro”. In: SOARES, Elza. “O samba é Elza Soares/Sambossa”. EMI Records Brasil, 1961.

² Ver Anexo A.

³ Ver Anexo B.

Figura 13 - O trabalho de carregar água em uma d'água na cabeça é representado na comissão de frente do desfile da Mocidade (2020) (G1)⁴



E essa indignação não é recente. Em 1964, Elza colocou em sua boca a mensagem da música "Banca de Pobre", composta por Marcos André e Rildo Hora. A canção retrata a rotina dos trabalhadores pobres e fala do que o cantor Emicida, mais tarde, chamaria em uma de suas músicas de "pequenas alegrias da vida adulta" (EMICIDA, 2019). No caso da música cantada por Elza, essas pequenas alegrias são, na verdade, dois grandes eventos aclamados por boa parte da população brasileira, o Carnaval e o futebol.

Banca de pobre é carnaval
 Quando ele se esquece de passar mal
 Entra no bloco para ver passar
 Tudo na vida que não fez
 Tudo na vida que não foi
 Banca de pobre é samba
 Que mexe com o corpo até se acabar

Banca de pobre é a Central
 Quando ele vem, quando vai
 Todo dia para trabalhar

Tudo que um dia a vida lhe negou
 Viu passar nos muitos anos vivos de carnaval

⁴ "DESFILE da Mocidade; veja fotos". G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Banca de pobre é futebol
 Quando ele se esquece de passar
 Entra no campo e é feliz ver fazer um gol
 Gol!⁵

Poucos anos depois, em 1970, Elza gravou a música "Tributo a Martin Luther King", composta por Ronaldo Bôscoli e Wilson Simonal. A canção cruza a questão do trabalho com a luta pela igualdade racial, colocando essa luta como uma espécie de investimento extra que está colocado para as pessoas negras:

Sim, sou um negro de cor
 Meu irmão de minha cor
 O que te peço é luta sim, luta mais
 Que a luta está no fim

Cada negro que for
 Mais um negro virá
 Para lutar
 Com sangue ou não
 Com uma canção
 Também se luta, irmão
 Ouvir minha voz, oh, yeah
 Lutar por nós!

Luta negra é demais
 É lutar pela paz
 Meu irmão, luta mais
 Para sermos iguais⁶

Em 2010, Elza se apresentou no Canecão, Rio de Janeiro, em um show chamado "Operária Brasileira"⁷. Vestida com um macacão laranja, capacete e óculos de proteção, o espetáculo foi inteiramente dedicado aos trabalhadores. Dentre as músicas escolhidas para a ocasião, estavam "Três Apitos", de Noel Rosa, e "Construção", de Chico Buarque.

⁵ SOARES, Elza. "Banca de Pobre". In: SOARES, Elza. "Na roda do samba". EMI Records Brasil, 1964.

⁶ SOARES, Elza. "Tributo a Martin Luther King". In: SOARES, Elza. "Sambas e mais sambas". EMI Records Brasil/This Compilation, 1970.

⁷ "ELZA Soares apresenta o show 'Operária Brasileira' no Rio. UOL Música, 27 de março de 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3weO4xT>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Figura 14 - Elza Soares em show Operária Brasileira, Rio de Janeiro (2010) (Revista Caras)⁸



Outro episódio que diz do posicionamento de Elza Soares quando o assunto é trabalho foi quando a cantora recebeu críticas por mudanças na sua voz. Com o passar dos anos, é comum que a voz de alguns cantores e cantoras mude. Isso não necessariamente representa algo negativo, mas, principalmente se tratando de artistas mulheres, quando a mudança vocal acontece, as críticas logo aparecem também. Em maio de 2020, a cantora Áurea Martins, perto de completar 80 anos, decidiu realizar algumas lives em seu Instagram e sua voz foi duramente criticada. A cantora desabafou:

Estou chegando aos 80 anos. Não esperem de mim a mesma vivacidade de 20 ou 30 anos atrás. Aliás, é totalmente impossível não colher as marcas do tempo. [...] Portanto, não me cobrem nada além do que posso fazer. Não tenho o mesmo frescor na pele como tinha há décadas, não tenho o mesmo fôlego para cantar no mesmo tom de outrora, não faço mais noite – foram 50 anos ininterruptos – nos bares esfumados das noites cariocas⁹.

⁸ “ELZA Soares faz show vestida de operária”. Revista Caras, 28 de março de 2010. Disponível em: <https://caras.uol.com.br/arquivo/elza-soares-faz-show-vestida-de-operaria-adriana-bombom.phtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

⁹ FERREIRA, Mauro. “Cantoras se apresentam com a voz que têm hoje, e é injusto cobrar delas os tons de outrora”. G1, 14 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2020/01/14/cantoras-se-apresentam-com-a-voz-que-tem-hoje-e-e-injusto-cobrar-delas-os-tons-de-outrora.ghtml>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

O jornalista e crítico de música Mauro Ferreira comenta a fala de Áurea e diz que as mesmas críticas já foram destinadas a Gal Costa, Elza Soares, Maria Bethânia e várias outras cantoras. O crítico comenta que "Além de injusta, tal cobrança é cruel porque enxerga na cantora uma máquina de produzir notas afinadas, e não um ser humano que está ali, no palco ou no disco, cantando para amenizar dores próprias e alheias"¹⁰.

Elza nunca deu nenhuma declaração em entrevistas sobre esse assunto, tampouco usou suas redes sociais para falar sobre as críticas que sofreu pela mudança na sua voz. No entanto, em 2016 a cantora lançou o show chamado "A voz e a máquina", uma referência à ideia de que sua voz deveria permanecer intacta ao longo do tempo, como uma máquina. No show, a cantora faz uso de um repertório mais livre e se desobriga a seguir um padrão de músicas pré-determinado. Em alguns espetáculos, Elza revisita sucessos ao longo da carreira, em outros opta por cantar músicas menos populares¹¹.

6.2. Tempo

Em meados de 2018, Elza regravou um sucesso imortalizado na voz do inesquecível Cazuza, "O Tempo Não Para". A canção, escrita pelo próprio cantor em parceria com o músico Arnaldo Brandão, fala das mazelas e da beleza de se pensar no tempo como algo em constante movimento. Ao escolher regravar a canção, Elza reforça: "Cazuza continua vivo, mostrando pro mundo a sua capacidade de ver as coisas lá na frente. Ele viu o futuro repetir o passado. Em dias tão sombrios como hoje, é uma mensagem muito forte, como se ele estivesse escrevendo agora"¹².

Disparo contra o sol
Sou forte, sou por acaso
Minha metralhadora cheia de mágoas
Eu sou um cara

Cansado de correr
Na direção contrária
Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
Eu sou mais um cara

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ "ELZA Soares volta a Curitiba com show 'A voz e a máquina'". RICMAIS/R7, 9 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://ricmais.com.br/entretenimento/elza-soares-volta-a-curitiba-com-show-a-voz-e-a-maquina/>. Acesso em: 8 de agosto de 2021.

¹² "ELZA Soares grava 'O tempo não para' e diz ser mensagem forte em dias tão sombrios". Folha de S. Paulo, 31 de julho de 2018. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/musica/2018/07/elza-soares-grava-o-tempo-nao-para-e-diz-ser-mensagem-forte-em-dias-tao-sombrios.shtml>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

Mas se você achar
 Que eu tô derrotado
 Saiba que ainda estão rolando os dados
 Porque o tempo, o tempo não para

Dias sim, dias não
 Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
 Da caridade de quem me detesta

A tua piscina 'tá cheia de ratos
 Tuas ideias não correspondem aos fatos
 O tempo não para

Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não para
 Não para não, não para

Eu não tenho data pra comemorar
 Às vezes os meus dias são de par em par
 Procurando agulha num palheiro

Nas noites de frio é melhor nem nascer
 Nas de calor, se escolhe, é matar ou morrer
 E assim nos tornamos brasileiros
 Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
 Transformam um país inteiro num puteiro
 Pois assim se ganha mais dinheiro¹³

Ainda se tratando de tempo, em 2020, Elza Soares lançou a sua versão da música "Juízo Final", que, em poucas palavras, fala sobre um futuro esperançoso, em que o sol chega para brilhar para todos e o bem, finalmente, vence o mal:

O sol há de brilhar mais uma vez
 A luz há de chegar aos corações
 O mal será queimada a semente
 O amor será eterno novamente

É o juízo final
 A história do bem e do mal
 Quero ter olhos pra ver
 A maldade desaparecer¹⁴

A canção, composta por Nelson Cavaquinho e Élcio Soares, foi gravada pela primeira vez em 1973. Elza, portanto, joga com o tempo e traz a mensagem para os dias atuais: "Como

¹³ SOARES, Elza. "O tempo não para". In: SOARES, Elza. "O tempo não para". Deck, 2018.

¹⁴ SOARES, Elza. "Juízo final". In: SOARES, Elza. "Juízo final". Deck, 2020.

estamos atravessando esse período drástico no Brasil e no mundo, eu quis gravar essa música, que fala do momento em que o bem vence o mal”¹⁵.

Em um dos materiais de análise deste nosso trabalho, a entrevista do programa “Metrópolis”, a jornalista Adriana Couto questiona Elza sobre o motivo que levou a cantora a trazer de volta a música de Nelson Cavaquinho. Elza responde: "Deixa eu te contar, ela está tão atual. ‘É o juízo final’ é tão atual, entendeu, que dá vontade de você cantar e falar sempre”¹⁶. Em outro momento da mesma entrevista Elza reforça: "Eu gosto de buscar música que, no momento, esteja presente."

Falar sobre tempo é também, em alguma medida, falar sobre vida. Principalmente se tratando de alguém que, tantas vezes, teve a sua colocada em jogo, como quando o primeiro marido de Elza, Alaordes, deu dois tiros em sua direção ou quando a cantora teve sua casa apedrejada no período da ditadura militar. Se já tentaram, outrora, tirar a vida de Elza, agora a cantora faz questão de, aos 90 anos, rejeitar que a coloquem na posição de alguém que está próximo da morte. Na entrevista ao programa “Domingo Espetacular”, ao ser questionada por Fernanda Sanches sobre o que podemos esperar da cantora nas redes sociais, Elza responde com firmeza: "Vida!"¹⁷. Em outro momento, da mesma entrevista, ela reforça seu posicionamento: "Gente, eu tô viva! E muito viva e com muito prazer de fazer tudo isso. Muito ativa, graças a Deus!”.

Em 2009, Elza Soares, que incansáveis vezes disse não se importar com datas, começou a namorar um homem 45 anos mais novo¹⁸. As críticas apareceram de imediato. A imprensa e a opinião pública se encarregaram de julgar o romance como inadequado. Porém, é possível perceber a seletividade desse julgamento quando lembramos que essas vozes vigorosas que condenaram Elza por, aos 79 anos, namorar uma pessoa de 34, mantiveram e mantêm silêncio absoluto em relação ao episódio em que, aos 12 anos de idade, Elza foi obrigada a se casar. Ao ser questionada sobre sua relação com o tempo e a idade, a cantora responde:

Não sei o que é idade. *My name is now*. Você faz aniversário todo dia, mas aí ficam escolhendo uma data. Não tem nenhuma matéria dizendo que eu tenho 50, 30? Isso não me importa. Na hora em que eu começar a usar bengala, ainda vou ser capaz de mentir a idade. Toda mulher mente. Lá no Japão, na China, idade é respeito. Aqui é decadência. Está arriscado você ser vaiado na rua¹⁹.

¹⁵ “ELZA Soares regrava ‘Juízo final’ de Nelson Cavaquinho e Elcio Soares; ouça”. UOL, 26 de junho de 2020. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/06/26/elza-soares-regrava-juizo-final.htm>. Acesso em: 09 de agosto de 2021.

¹⁶ Ver Anexo C.

¹⁷ Ver Anexo A.

¹⁸ “ELZA Soares fala sobre seu relacionamento com um homem mais novo”. EGO/Globo.com, 14 de novembro de 2007. Disponível em: <https://bit.ly/3s48QiS>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

¹⁹ SOUTO, Luiza. “Em temporada no Rival após cirurgia na coluna, Elza Soares avisa: ‘Estou mais gostosa do que nunca’”. EXTRA, 24 de agosto de 2014. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/em-temporada-no->

Figura 15 - Cena do filme "My Name Is Now" - Elza reflete sobre o tempo em frente ao espelho (2014) (Agenda BH)²⁰



Em 2003, Elza gravou a música "Capital do Tempo", composta por Billy Blanco. A canção, que fala sobre a migração de povos de diversos lugares do mundo para o estado de São Paulo, aborda também a questão do tempo. Ao falar que "Na capital do tempo, tempo é ouro e hora", a música abre espaço para uma reflexão importante e que se conecta ao pilar do trabalho, levantado anteriormente: se tempo vale ouro e tantos povos venderam e vendem seu tempo e força de trabalho para construir a riqueza de São Paulo, esse ouro não deveria estar nas mãos calejadas dessas pessoas?

Bastante Italiano, Sírio e Japonês
 Além do Africano, Índio e Português
 Tudo isso ao alho e óleo
 Temperando a raça
 Se tivesse petróleo
 Então nem tinha graça

[rival-apos-cirurgia-na-coluna-elza-soares-avisa-estou-mais-gostosa-do-que-nunca-13686106.html](http://www.agendabh.com.br/my-name-is-now-elza-soares-estrea-nacional-em-salas-de-cinema-01-11/). Acesso em: 10 de agosto de 2021.

²⁰ "MY Name is Now, Elza Soares estreia nacional em salas de cinema 01/11". Agenda BH, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <http://www.agendabh.com.br/my-name-is-now-elza-soares-estrea-nacional-em-salas-de-cinema-01-11/>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Na capital do tempo, tempo é ouro e hora
 Quem vive de espera é juro de móra
 Não tem mais, mais, nem menos, ou é sim ou não
 No máximo se espera pela condução

Nas retas da Rio - São Paulo
 Chegando, chegando eu vim
 E vi o mundo aumentando
 Brasil passando por mim

Paulista, é quem vem e fica
 Plantando família e chão
 Fazendo a terra, mais rica
 Dinheiro e calo na mão²¹

Por fim, embora Elza rejeite falar sobre sua idade, é impossível não destacar o valor de seus 90 anos de vida. A cantora é um ponto fora da curva. Poucas são as mulheres negras que conseguem alcançar o prestígio social pelo seu trabalho no Brasil. Portanto, os 90 anos de Elza Soares são, por um lado, algo para desconsiderar, se levarmos em consideração a vivacidade, a energia e a contínua produção artística de Elza, e, por outro lado, algo para se considerar como muito relevante, já que concretizam uma vida inteira da cantora-fênix, que já teve inúmeros renascimentos.

6.3. Fé

O disco "Lição de vida" foi o terceiro álbum gravado por Elza Soares após romper contrato com a gravadora Odeon, que havia trocado Elza por Clara Nunes como prioridade no segmento de samba. Além de conter a gravação original do aclamado samba "Malandro", composto por Jorge Aragão e Jotabê e que lançou Aragão na cena musical, o álbum traz a música "Deus e Viola". A canção fala de um tema bastante comum entre os brasileiros: a fé cristã em um deus protetor, que abre caminhos e enche de alegria os corações entristecidos. Essa fé é compartilhada por Elza, que já gravou outras músicas seguindo essa linha e, com frequência fala de Deus em suas entrevistas.

Armado, armado de Deus e viola eu vou pela aí
 Abrindo caminho a samba eu vou pela aí
 Armado, armado de Deus e viola eu vou pela aí
 Abrindo caminho a samba eu vou pela aí

Espalho forças blindadas que saem de dentro do meu coração
 E quando encontro tristezas eu não titubeio com meu violão

²¹ SOARES, Elza. "Capital do Tempo". In: SOARES, Elza. "Samba e mais samba Vol. 2". EMI Records/This Compilation, 2003.

Olha eu canto samba, eu mando samba

Se mando samba fica tudo uma beleza
 Foge a melancolia, cai por terra a tristeza
 Minha viola não nega e Deus não me falta
 Que armas melhores poderia ter
 Pras lutas da vida estou bem equipado, só posso vencer

Olha eu canto samba, eu mando samba
 Eu canto samba, eu mando samba²²

Na entrevista ao “Domingo Espetacular”, ao ser questionada por Fernanda Sanches se se considera uma pessoa feliz, Elza responde: "Completamente feliz! Muito feliz! Quem tem Deus no coração tá feliz. Eu sou uma mulher feliz!"²³. Para o podcast “G1 Ouviu”, quando Gabriela Sarmiento pergunta como Elza vê o que está acontecendo conosco enquanto sociedade, a cantora responde:

Meu amor, sinal de Deus. Eu não posso falar nada. São sinais que o ser humano tem que aceitar, ouvir, respeitar, se cuidar, olhar mais um para o outro. A gente tem mania de andar de cabeça erguida, de andar de cabeça baixa e não olhar para o próximo. Está no momento de se olhar para o próximo! Vamos nos olhar, vamos nos ver! É isso que está acontecendo. É um sinal.²⁴

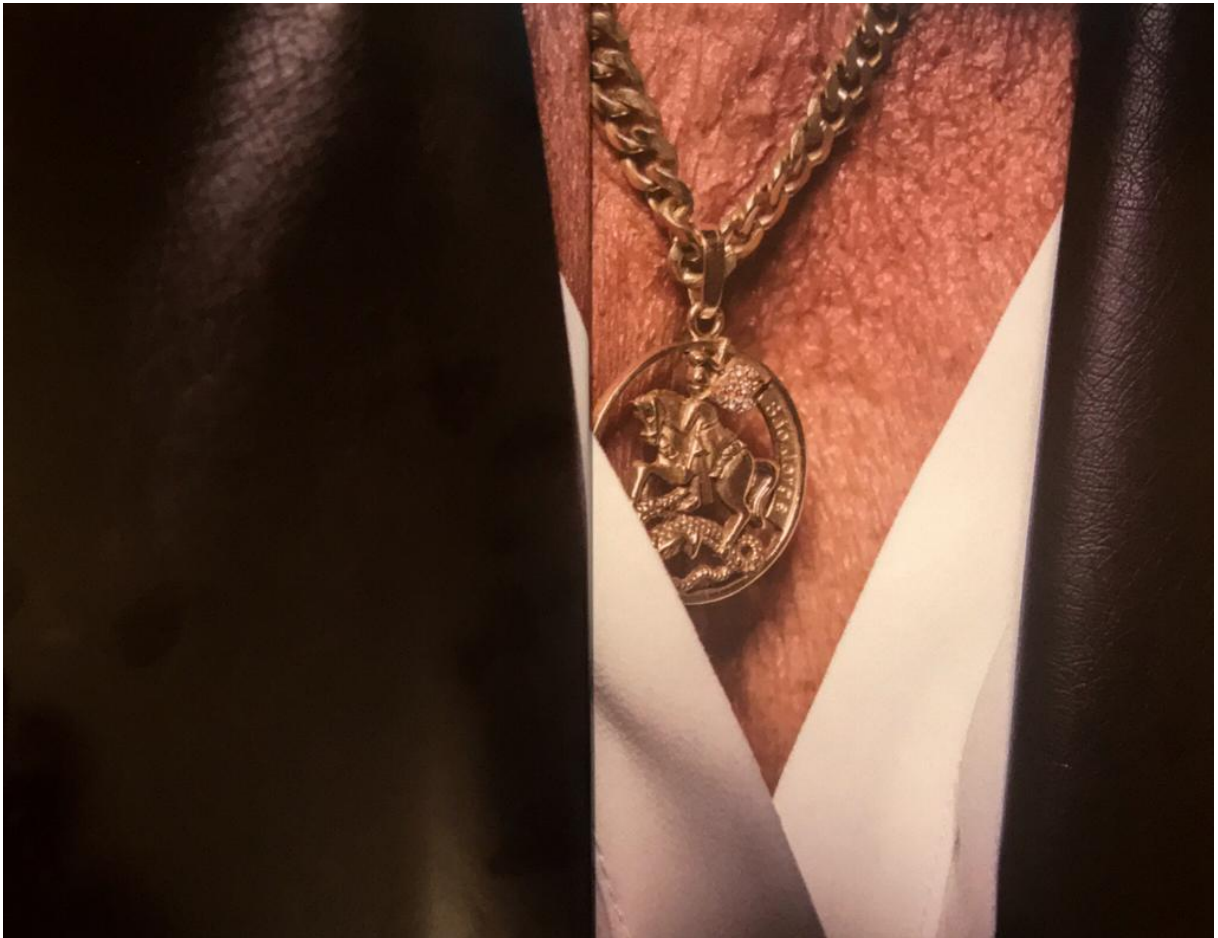
No entanto, a fé de Elza Soares não se resume somente à crença cristã convencional. A cantora conta experiências sobrenaturais que aconteceram com ela ao longo da vida e que partem de matrizes espirituais distintas, indo desde a "lambida abençoada" de uma vaca até a aparição de São Jorge, santo que Elza diz ser seu protetor.

²² SOARES, Elza. “Deus e viola”. In: SOARES, Elza. “Lição de vida”. Tapeçar, 1976.

²³ Ver Anexo A.

²⁴ Ver Anexo B.

Figura 16 - Colar com medalha de São Jorge sobre o colo de Elza Soares, foto da contracapa do livro "Elza", escrito por Zeca Camargo (2014)



A fé plural de Elza extrapola suas experiências pessoais e pode ser vista também em suas músicas. Em 2018, Elza lançou seu trigésimo terceiro álbum, chamado de "Deus é Mulher". Logo na primeira música do disco, "O que se cala", Elza diz a que veio e canta: "Minha voz, uso pra dizer o que se cala". A canção, que fala sobre a importância da voz em um país que tanto silencia, abre caminho para a música que vem em seguida, "Exu nas escolas", composta por Kiko Dinucci e pelo rapper Edgar:

Exu nas escolas

Exu no recreio
 Não é Xou da Xuxa
 Exu brasileiro
 Exu nas escolas

Exu nigeriano
 Exu nas escolas
 É a prova do ano
 É tomar de volta
 A alcunha roubada

De um deus iorubano

Exu nas escolas

Estou vivendo como um mero mortal profissional
 Percebendo que às vezes não dá pra ser didático
 Tendo que quebrar o tabu e os costumes frágeis das crenças limitantes
 Mesmo pisando firme em chão de giz
 De dentro pra fora da escola é fácil aderir a uma ética e uma ótica
 Presa em uma enciclopédia de ilusões bem selecionadas
 E contadas só por quem vence
 Pois acredito que até o próprio Cristo era
 Um pouco mais crítico em relação a tudo isso
 E o que as crianças estão pensando?
 Quais são os recados que as baleias têm para dar a nós
 Seres humanos, antes que o mar vire uma gosma?
 Cuide bem do seu Tcheru
 Na aula de hoje veremos Exu
 Voando em tsuru
 Entre a boca de quem assopra e o nariz de quem recebe o tsunu
 As escolas se transformaram em centros ecumênicos
 Exu te ama e ele também está com fome
 Porque as merendas foram desviadas novamente
 Num país laico
 Temos a imagem de César na cédula e um "Deus seja louvado"
 As bancadas e os lacaios do Estado
 Se Jesus Cristo tivesse morrido nos dias de hoje com ética
 Em toda casa, ao invés de uma cruz, teria uma cadeira elétrica²⁵

A música é um manifesto contra a intolerância religiosa e a doutrina do Movimento Escola sem Partido²⁶ e tem o objetivo de ressignificar a ideia negativa que os brasileiros têm no Orixá Exu, cultuado em religiões de matriz africana. Edgar, um dos compositores da canção, reforça:

Exu está aí e sempre esteve, ele é a transformação, não é uma energia do mal. Ele foi demonizado pelos colonizadores, pela galera que chegou, não entendeu nada do que estava rolando, viu a estátua com a cabeça de falo, sexualizou a parada, e transformou num demônio. Mas ele nunca foi²⁷.

²⁵ SOARES, Elza; EDGAR. "Exu nas escolas". In: SOARES, Elza. "Deus é mulher". Deck, 2018.

²⁶ VIANNA, Luiz Fernando. "Elza Soares brilha com repertório político perfeito para sua voz". Folha de S. Paulo, 18 e maio de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3tXq6Wf>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

²⁷ VIOLA, Kamille. "Música brasileira abre caminho para Exu". Revista Trip, 9 de setembro de 2019. Disponível em: <https://revistatrip.uol.com.br/trip/exu-ganha-destaque-no-trabalho-de-artistas-como-elza-soares-baco-exu-do-blues-edgard-meta-meta>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Figura 17 - Flávio Renegado, parceiro de Elza na música "Negão Negra", representando o orixá Exu no carro "Laroyê Ê Mojubá - Minha fé quem faz sou eu" do desfile da Mocidade (2020) (G1)²⁸



A liberdade religiosa segue sendo uma bandeira levantada por Elza em "Deus é Mulher" e tematiza também a música "Credo", composta por Douglas Germano:

Minha fé quem faz sou eu
 Não preciso que ninguém me guie
 Não preciso que ninguém me diga o que posso, o que não
 Minha crença eu te conto de cor
 Não preciso que ninguém me ensine
 Que o amor é o deus que não cabe na religião
 Minha fé quem faz sou eu
 Não preciso que ninguém me guie
 Não preciso que ninguém me diga o que posso, o que não
 Minha crença eu te conto de cor
 Não preciso que ninguém me ensine
 Que o amor é o deus que não cabe na religião

Credo, credo
 Sai pra lá com essa doutrinação
 Credo, credo
 Eu não quero o medo me dando sermão
 Credo, credo
 Falta sim nessa tua oração
 Credo, credo, credo

A mentira eu conheço tão bem
 Não preciso que ninguém me aponte

²⁸ "DESFILE da Mocidade; veja fotos". G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

O castigo que serve só para vender o perdão
 Mas confesso qual é o meu temor
 Essa é a luz que ofusca limite
 Essa gente que olha pro céu e tropeça no chão
 A mentira eu conheço tão bem
 Não preciso que ninguém me aponte
 O castigo que serve só para vender o perdão
 Mas confesso qual é o meu temor
 Essa luz que ofusca limite
 Essa gente que olha pro céu e tropeça no chão²⁹

Além da vaca sagrada, de São Jorge, do Deus cristão, de Exu e de tantos outros seres, Elza convoca mais uma divindade para compor o seu altar particular de crenças: a figura feminina. Ao ser questionada sobre sua fala de que Deus seria uma mulher, a cantora responde reforçando seu pioneirismo: "Acho que é. Mas Elza não é moda. Eu já nasci gritando que Deus é mulher. Quem está gritando isso agora está me imitando, imitando o meu pedido de socorro."³⁰ (SOARES, 2018). O pedido de socorro levantado por Elza, pode ser visto também na música "Deus Há de Ser", composta por Pedro Luis e que também integra o álbum "Deus é Mulher":

Deus é Mãe
 E todas as ciências femininas
 A poesia, as rimas
 Querem o seu colo de Madona

Pegar carona nesse seu calor divino
 Transforma qualquer homem em menino
 Ser pedra bruta nesse seu colar de braços
 Amacia dureza dos fatos

Deus é Mulher
 Deus há de ser
 Deus há de entender
 Deus há de querer
 Que tudo vá para melhor
 Se for mulher

Deus-há-de-ser

Deus-há-de-ser Fêmea
 Deus-há-de-ser Fina
 Deus-há-de-ser Linda³¹

Elza possui uma fé plural. E esse é um tipo de fé bastante comum entre os brasileiros. Há os que se batizam na igreja católica e pulam ondas na virada do ano, os que não perdem um

²⁹ SOARES, Elza. "Credo". In: SOARES, Elza. "Deus é mulher". Deck, 2018.

³⁰ CORTÊZ, Natacha. "Elza Soares crítica 'país cretino' e diz que tem 'dedo podre' para homem. Universa UOL, 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/33TsYJs>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

³¹ SOARES, Elza. "Deus Há de Ser". In: SOARES, Elza. "Deus é mulher". Deck, 2018.

culto protestante de domingo e, volta e meia, consultam uma cartomante, os que não acreditam em Deus e sopram canela para dentro de casa todo primeiro dia do mês. Essa fé em tudo é algo que descreve bem o povo brasileiro. E uma fé assim, miscigenada, é também, em algum nível, uma fé em si e na vida. O músico Marcelo Yuka, um dos compositores da música "A Carne", fala sobre isso em uma frase de outra composição sua, a música, "O Cristo e Oxalá", gravada pela banda O Rappa: "Minha fé é meu jogo de cintura". Em um país como o Brasil, acreditar em tudo e, principalmente, acreditar no próprio jogo de cintura para lidar com a vida, talvez seja a única forma de seguir andando com fé. E essa, não costuma falhar.

6.4. Voz

Ao falar da voz de Elza Soares é quase impossível não lembrar do seu timbre rouco e das peripécias que a cantora faz com a garganta. O produtor e crítico musical, Sergio Cabral, autor de biografias de diversos artistas, ressalta a singularidade da voz de Elza:

Elza Soares é uma cantora de um ritmo fora do comum, uma voz poderosa. Tem timbre, tem tudo. Sua voz natural alcança notas difíceis e alcança bem. Nunca desafina. Elza tem um potencial de voz tão privilegiado que pode cantar em qualquer tom. Acompanha qualquer modulação. É capaz de, em certos momentos, nem perceber que mudou de tom, pois faz isso naturalmente. Se a modulação for para cima, vai subindo e sai da frente. Ela tem instrumento vocal para cantar, e muito bem³²

Se a voz de Elza, no sentido fisiológico, tem um poder singular, no sentido do que ela representa, esse poder permanece. A cantora já sentiu na pele diversas vezes o que é ter que lutar para não ser silenciada, como quando, ao começar o romance com Garrincha, foi alvo de calúnias vindas da imprensa e da sociedade como um todo sem chance de defesa. As tentativas de silenciamento foram muitas, mas Elza garante que nunca vingaram. Quando a jornalista Adriana Couto, do programa "Metrópolis", pergunta se Elza sente que já foi silenciada ao longo de sua carreira, a cantora responde: "Pelo contrário, eu cheguei aqui lutando e gritando"³³. Ao ser questionada por Gabriela Sarmiento, na entrevista do podcast "G1 Ouviu", sobre como a cantora acredita que construiremos uma sociedade menos racista, machista e homofóbica, Elza responde reforçando a importância da voz: "Agindo, gritando e falando, sempre! Não silenciando. Porque o silêncio, às vezes, é bom, mas tem vez que o silêncio não é tão bom não.

³² BÉLEM DE FRANÇA, Euler. "Elza Soares, a Billie Holiday dos trópicos, 90 anos". Revista Bula, 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2RE3gWK>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

³³ Ver Anexo C.

Você tem que gritar mesmo, tem que falar mesmo, tem que botar a boca no trombone, tem que gritar"³⁴.

Em "O que se cala", música composta por Douglas Germano e que compõe o disco "Deus é mulher", gravado em 2018, Elza resgata sua experiência ao longo dos anos e reafirma que usa sua voz para dizer o que se cala:

Mil nações moldaram minha cara
Minha voz, uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala³⁵

Mil nações moldaram a minha cara
Minha voz, uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz
É força que me embala
O meu país é meu lugar de fala

Pra que separar?
Pra que desunir?
Porque só gritar?
Porque nunca ouvir?

Pra que enganar?
Pra que reprimir?
Por que humilhar?
E tanto mentir?

Pra que negar que ódio é que te abala?
O meu país é meu lugar de fala³⁶

Durante as gravações do seu trigésimo segundo disco, "Mulher do Fim do Mundo", Elza perdeu mais um de seus filhos. Mesmo em luto, a cantora seguiu com o projeto e lançou o álbum. Em entrevista à Uol, a jornalista Natacha Cortêz pergunta para Elza o que a faria parar, já que nem a morte de um filho fez com que ela parasse de vez. Elza responde: "Perder a voz. Só assim"³⁷.

Ao responder que só se perdesse a voz pararia de cantar, Elza se refere à sua voz fisiológica, mas tal resposta segue fazendo sentido se considerarmos a voz simbólica da cantora.

³⁴ Ver Anexo B.

³⁵ Ao contrário do que muita gente pensa, lugar de fala "absolutamente nada tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo." (RIBEIRO, 2017. p. 64). A ideia do conceito, debatido por mulheres negras, indígenas e latinas há mais de 40 anos, não é determinar quem pode falar o que, mas romper com a universalidade dos posicionamentos ao marcar de que lugar cada indivíduo parte ao falar. Ou seja, não é sobre selecionar quem pode falar sobre os assuntos, mas lembrar que, ao falar, sempre partimos do nosso lugar social e, portanto, não devemos falar em nome de outros ou colocar o nosso posicionamento como sendo algo que represente todo o coletivo.

³⁶ SOARES, Elza. "O que se cala". In: SOARES, Elza. "Deus é mulher". Deck, 2018.

³⁷ CORTÊZ, Natacha. "Elza Soares critica 'país cretino' e diz que tem 'dedo padre' para homem. Universa UOL, 17 de maio de 2018. Disponível em: <https://bit.ly/33TsYJs>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

Sendo assim, a voz de Elza Soares que queremos ressaltar é a que ela tanto lutou para fazer ecoar e usa para contar sua própria história — que é também a história de muitos outros brasileiros — e para dar visibilidade a questões que também atravessam a vida de uma grande parcela da população do Brasil.

Sobre contar a própria história, esse é um ponto que se destacou no material escolhido para nos ajudar na leitura dos noventa anos de Elza como acontecimento. É possível perceber que, em muitos momentos, a própria cantora redireciona o viés da entrevista a fim de fazer com que os momentos marcantes da sua história sejam ressaltados. Um exemplo é quando a entrevistadora Fernanda Sanches pergunta para Elza como ela surgiu como cantora. Elza responde relembrando o episódio no programa de Ary Barroso:

Desde criança eu já cantava com meu pai. Eu venho cantando desde pequenininha [...]. Foi surgindo a Elza e foi indo, né? Um dia achei que cantava mesmo e fui no programa do Ary Barroso [...] Ele me perguntou: "De que planeta você veio?". Eu disse "Do mesmo planeta seu, Seu Ary". Ele me disse: "E qual é o meu planeta?". E eu disse: "Planeta fome!"³⁸

Figura 18 - Virna Soares, neta de Elza, representando a cantora em sua apresentação no programa de Ary Barroso no carro "Nasce uma estrela", do desfile da Mocidade (2020) (G1)³⁹



³⁸ Ver Anexo A.

³⁹ “DESFILE da Mocidade; veja fotos”. G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Em seguida, na mesma entrevista, a apresentadora inicia a temática do romance de Elza com Mané Garrincha. Sobre o assunto, Elza comenta sem entrar em muitos detalhes: "Garrincha foi um grande amor na minha vida também"⁴⁰. Fernanda insiste e diz que a relação de Elza e Garrincha foi marcada por episódios de violência doméstica. Elza não concorda nem discorda, apenas reforça sua postura anterior de não render muito o assunto: "Eu não me arrependo de nada. Me arrependo daquilo que eu não fiz. Mas de tudo que eu fiz não me arrependo de nada, nada, nada".

Essa não é a primeira vez que Elza tem esse posicionamento ao ser questionada sobre as violências que sofreu quando foi casada com Garrincha. A princípio, tal postura pode parecer contraditória com os pedidos de Elza para que as mulheres falem, gritem e nunca se calem diante de uma violência. Por outro lado, sendo negra e de origem pobre como Garrincha, Elza sabe bem o que passa um homem negro no Brasil e talvez prefira não encorajar o ódio à memória do jogador.

Ainda sobre contar sua própria história, ao ser questionada por Gabriela Sarmento sobre o que Elza pensa ao ver que o Brasil continua na mesma situação de desigualdade com o passar dos anos, a cantora responde trazendo seu episódio no programa de Ary Barroso: "Planeta Fome, né? Então, eu vim do planeta fome e continuo no Planeta Fome. É um país desigual, é uma coisa horrível. E a gente vive nisso"⁴¹. Ao trazer à tona sua fala de que veio do Planeta Fome e colocá-la nos dias atuais, Elza usa sua voz para falar sobre como vê a situação do Brasil, como fez na música "País do Sonho", faixa do álbum "Planeta Fome":

Eu preciso encontrar um país
Onde a saúde não esteja doente
E eficiente, uma educação
Que possa formar cidadãos realmente

Eu preciso encontrar um país
Onde a corrupção não seja um hobby
Que não tenha injustiça, porém a justiça
Não ouse condenar só negros e pobres

Eu preciso encontrar um país
Onde ninguém enriqueça em nome da fé
E o prazer verdadeiro do crack
Seja fazer gols como Garrincha, obrigada Mané!

Eu preciso encontrar um país
Onde tenha respeito com austero pudor
Qualquer pessoa em pleno direito
Diga adeus preconceito de raça e de cor

⁴⁰ *Ibid.*

⁴¹ Ver Anexo B.

Eu preciso encontrar um país
 Onde ser solidário seja um ato gentil
 Eu prometo que vou encontrar
 E esse país vai chamar-se Brasil⁴²

Ao falar em voz, no sentido em que estamos trazendo aqui, destacamos duas das principais lutas que ganham força na voz de Elza Soares e, não coincidentemente, são parte de sua construção enquanto sujeito: a luta contra o racismo e a luta contra o machismo. Como esses são dois assuntos que contemplam a cantora enquanto mulher negra, apresentamos a seguir uma trama de significados sobre os temas costurados a partir da análise do nosso material.

a) Raça

Embora os últimos álbuns de Elza — A Mulher do Fim do Mundo (2015), Deus é Mulher (2018) e Planeta Fome (2019) — falem mais especificamente sobre questões que estruturam a sociedade brasileira, como racismo, machismo e violência doméstica, tais pautas estão presentes na voz de Elza há bastante tempo, tanto nas músicas que interpreta quanto em posicionamentos fora das canções. Em entrevista à BBC Brasil, Elza comenta sobre a importância do posicionamento político que ela sempre adotou:

Eu já vinha falando sobre isso há muito tempo. Eu falo de política desde que comecei a cantar. De ser mulher, de ser negra. De ser mulher negra. A violência doméstica, por mais que você fale e tente combater, ainda é muito presente. É triste que você ainda tenha a necessidade de fazer músicas falando da violência contra a mulher, que é uma coisa horrível. Isso você vai ter que falar a vida toda? É um câncer, né? A gente fala da negritude, tem que falar da cor de pele, que é uma coisa absurda, né, tem que estar toda hora gritando, "olha!", "olha!", como um pregão, sempre⁴³.

⁴² SOARES, Elza. "País do sonho". In: SOARES, Elza. "Planeta Fome". Deck, 2019.

⁴³ CARNEIRO, Júlia Dias. "Grito muito, mas quero eco", diz Elza Soares sobre combate ao racismo". BBC News Brasil, 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42912224>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

Figura 19 - Lateral do carro "O circo da vida - apanhou à beça mas é dura na queda", do desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel, com denúncias que ecoam na voz de Elza (2020) (G1)⁴⁴



Um exemplo da postura firme da cantora com relação ao racismo foi quando Elza voltou à gravadora Odeon, em 1972, e insistiu que o músico Roberto Ribeiro participasse do seu disco após ouvir um dos diretores dizer que não queria um "nego feio e sujo na capa".

Falando em racismo, "A Carne" é, sem dúvida, uma das músicas mais conhecidas e marcantes da carreira de Elza Soares. A canção foi composta por Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capellette, que, na época, formavam a banda Farofa Carioca. A letra de "A Carne", por si só, já é uma potente denúncia sobre o racismo no Brasil:

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que vai de graça pro presídio
E para debaixo do plástico
E vai de graça pro subemprego
E pros hospitais psiquiátricos

A carne mais barata do mercado é a carne negra

Que fez e faz história
Segurando esse país no braço, meu irmão
O cabra que não se sente revoltado

⁴⁴ "DESFILE da Mocidade; veja fotos". G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Porque o revólver já está engatilhado
 E o vingador eleito
 Mas muito bem intencionado
 E esse país vai deixando todo mundo preto
 E o cabelo esticado
 Mas mesmo assim ainda guarda o direito
 De algum antepassado da cor

Brigar sutilmente por respeito
 Brigar bravamente por respeito
 Brigar por justiça e por respeito
 De algum antepassado da cor

Brigar, brigar, brigar, brigar, brigar

A carne mais barata do mercado é a carne negra
 Na cara dura, só cego que não vê⁴⁵

Antes da gravação de Elza, a versão original de "A Carne", interpretada pelo cantor Seu Jorge, tinha um ritmo suave. Porém, na voz de Elza Soares a canção ganhou uma nova roupagem e uma interpretação única, que marcou a trajetória da cantora e rendeu três diferentes versões ao longo de sua carreira. Na primeira versão de "A Carne", gravada por Elza para o disco "Do cóccix até o pescoço", em 2002, a cantora já faz uma mudança significativa na estrutura da música: no lugar do ritmo suave, Elza canta como se incorporasse uma feirante a vender carne negra em um mercado de rua. Além disso, no trecho "e esse país vai deixando todo mundo preto e o cabelo esticado" Elza alonga a palavra "esticado" como se estivesse de fato esticando um cabelo — sensação que a maioria das mulheres negras brasileiras conhece bem.

A segunda performance de "A Carne" foi apresentada durante a gravação do DVD "Beba-me", em 2007. Na biografia escrita pelo jornalista Zeca Camargo, Elza conta que gravou o DVD ao vivo a pedido de seus produtores, meses depois de sofrer uma queda do palco que lhe rendeu graves problemas na coluna. Já com 77 anos de idade na época da gravação, Elza conta que entendeu o pedido como um desejo de último registro, já que o quadro de saúde da cantora era delicado. A cantora resgata o grito incorporado à canção na primeira versão e acrescenta uma nova mudança: no lugar de "A carne mais barata do mercado é a carne negra", Elza canta "A carne mais barata do mercado é *minha* carne negra". Não é nosso objetivo fazer um julgamento das intenções de Elza Soares com tal interpretação, mas, além de deslocar a discussão para o âmbito pessoal, quando diz que a carne mais barata é a sua própria carne, não podemos deixar de notar que o contexto, somado à interpretação de Elza, resulta em uma fala

⁴⁵ SOARES, Elza. "A Carne". In: SOARES, Elza. "Do cóccix até o pescoço". Maianga/Dubas, 2002.

de protesto até mesmo contra a indústria musical, que, naquele momento, tratava a cantora como uma simples mercadoria, negligenciando sua saúde e bem-estar.

A terceira performance de “A Carne” tem seu início na sequência de shows feitos por Elza a partir do lançamento do disco “Mulher do Fim do Mundo”, em 2015, em que a cantora troca “A carne mais barata do mercado é a carne negra” por “A carne mais barata do mercado foi a carne negra”. O tom de protestos muda de uma fala que retrata a realidade para uma que impõe a urgência de um novo tratamento à temática do racismo. Esse novo caminho trilhado por Elza culmina na gravação de “Não tá mais de graça”, música composta pelo cantor Rafael Mike para o álbum “Planeta Fome”, lançado em 2019:

A perna treme parece vídeo game
É uma poça de sangue no chão e o nego geme

Eu me pergunto onde essa porra vai parar?
Revolução, só Che Guevara de sofá

A carne mais barata do mercado não 'tá mais de graça
O que não valia nada agora vale uma tonelada
A carne mais barata do mercado não 'tá mais de graça
Não tem bala perdida, tem seu nome, é bala autografada

Prepara o coração que eu vou escurecer
pode dar piripaque
Do Big ao Tupac
Marielle Franco, Rosa Parks
Destrava a corrente, sai fora da foice
Mongobe Bernard Ramose

Essa aqui Neymar não dança na hora de meter gol
Mas os pretos avançam, Wakanda forever yo!⁴⁶

Em 1970, como já citamos anteriormente, Elza gravou a música "Tributo a Martin Luther King", originalmente cantada e composta por Wilson Simonal, em parceria com Ronaldo Bôscoli. Em 1966, quando Simonal apresentou a canção pela primeira vez em um programa de televisão, o cantor fez a seguinte introdução:

Eu compus uma música, em parceria com meu amigo Ronaldo Bôscoli, e intitulei "Tributo a Martin Luther King". Martin Luther King é um negro norte-americano. O mérito maior de Martin Luther King é lutar cada vez mais pela igualdade do direito das raças. Essa música, eu peço permissão a vocês, porque eu dediquei ao meu filho esperando que no futuro ele não encontre nunca aqueles problemas que eu encontrei e tenho, às vezes, encontrado apesar de me chamar Wilson Simonal de Castro⁴⁷

⁴⁶ SOARES, Elza; MIKE, Rafael. “Não tá mais de graça”. In: SOARES, Elza. “Planeta Fome”. Deck, 2019.

⁴⁷ “Wilson Simonal canta Tributo a Martin Luther King”. Vídeo publicado na plataforma online YouTube, no canal “Wilson Simoninha”. YouTube, 26 de janeiro de 2008. Disponível em: <https://bit.ly/3vfmccW>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

A canção é uma carta de motivação aos negros, que Elza trouxe para sua voz. Um pedido para que não desistam da luta e que entendam que não estão sozinhos.

Na entrevista ao “Domingo Espetacular”, Fernanda Sanches introduz a temática do racismo para falar do mais recente lançamento de Elza, a música "Negão Negra", uma parceria com o cantor mineiro Flávio Renegado. Elza comenta: "Eu continuo gritando! O racismo está presente na vida de todo mundo, não é só na minha vida não. É na vida de nós todos, brasileiros, que estamos vivos, estamos vendo esse espetáculo horrível"⁴⁸. A música é um verdadeiro manifesto antirracista e foi lançada em comemoração aos noventa anos de Elza, que, mesmo achando absurdo ainda ser preciso falar tanto sobre esse assunto, usa sua voz como arma nessa guerra contra o preconceito racial:

É um trabalho de formiga mesmo. A gente vem lutando para um caminho mais amplo de liberdade. Então eu penso: ainda preciso cantar sobre isso, meu Deus? [...] Enquanto a gente está vivo, a gente está sonhando. Vivo sonhando e buscando sempre o melhor. Meu grande sonho é ver o combate contra o racismo sendo realizado. A gente quer que seja penalizado. [...] A sociedade não mudou e minha voz reverbera nas pessoas porque continuo fazendo meu trabalho. Continuamos trabalhando juntos para acabar com esta palhaçada, esta coisa horrível [racismo]⁴⁹

Nunca foi fácil e nunca será
Para o povo preto do preconceito se libertar
Sempre foi luta, sempre foi porrada
Contra o racismo estrutural⁵⁰, barra pesada

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Fala pro homem cordial e a sua falha engrenagem
Meu corpo é livre, com amor, cor e coragem
Pra cada um que cai, choramos rios e mares
Mas nunca calarão as nossas vozes milenares

Sem gênero ou preceito, humanos em nova fase
Wakanda é o meu mundo, Palmares setor a base
Quem topa esse rolê dá asas à liberdade
No feat filho do rei e a deusa Elza Soares

Todos os dias me levanto

⁴⁸ Ver Anexo A.

⁴⁹ ““AINDA preciso cantar sobre isso, meu Deus?”, questiona Elza Soares sobre racismo”. A Tarde, 15 de setembro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fcUY0Y>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

⁵⁰ Para o advogado, filósofo e professor universitário, Silvio Luiz de Almeida, falar em racismo estrutural não é sobre "um ato ou um conjunto de atos e tampouco se resume a um fenômeno restrito às práticas institucionais; é, sobretudo, um processo histórico e político em que as condições de subalternidade ou de privilégio de sujeitos racializados é estruturalmente reproduzida” (ALMEIDA, 2018). Disponível em: <https://bit.ly/3dkquZo>

Olho no espelho, sempre me encanto
Com o meu cabelo e a cor da pele dos meu ancestrais

Todas as noites no quarto escuro
Peço a Deus e aos orixás
Que a escravidão não volte nunca, nunca, nunca mais⁵¹

A música "Negão Negra" faz coro a um hábito antigo de Elza: se afirmar negra sempre que possível. Desde o lançamento do seu primeiro disco, "Se acaso você chegasse", a cantora já se intitulava como "a bossa-negra", referência à Bossa Nova., um estilo musical bastante valorizado pelo mercado fonográfico nos anos 60 e que dificultou ainda mais a ascensão de Elza, que não cedeu à tendência e seguiu cantando samba.

Figura 20 - Capa do disco "Se acaso você chegasse" (1960) (IMMuB)⁵²



Em 1977 dá a luz a Garrinchinha e lança mais um disco falando sobre o fato de ser negra. "Pilão + Raça = Elza" foi o vigésimo primeiro disco da cantora.

⁵¹ SOARES, Elza; RENEGADO. "Negão Negra". In: SOARES, Elza; RENEGADO. "Negão Negra". Deck, 2020.

⁵² IMMuB (Instituto Memória Musical Brasileira). "Se acaso você chegasse", página no site do IMMuB. Sem data. Disponível em: <https://immub.org/album/se-acaso-voce-chegasse>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

Figura 21 - Capa do disco "Pilão + Raça = Elza" (1977) (IMMuB)⁵³



"Negra sempre foi o meu nome" é uma das fortes frases da música "Lata D'água", composta por Armando Vieira Marçal e Alcebiades Maia Barcellos para o disco "Vivo feliz", lançado em 2003.

Eu quero ver você mandar neguinha
Eu quero ver você mandar por aí

O samba mandou me dizer
Que precisa de tempo pra pensar
Ou mudar a cadência do samba do morro
Ou resolverá mudar o morro de lugar

Lata d'água na cabeça
É o estandarte que representa minha arte
Jogo de cena é a fome
Negra sempre foi o meu nome
Mas digo isso porque
Tenho o samba pra me defender⁵⁴

Embora o disco "Vivo Feliz" seja a casa dessa música que tanto fala sobre a relação de Elza e sua raça negra e da frase que a própria cantora relembra quando é questionada sobre posicionamentos raciais, "Negra sempre foi o meu nome", a capa e o título do álbum não falam

⁵³ IMMuB (Instituto Memória Musical Brasileira). "Pilão + Raça = Elza", página no site do IMMuB. Sem data. Disponível em: <https://immub.org/album/pilao-raça-elza>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

⁵⁴ SOARES, Elza. "Lata D'água". In: "Beba-me Elza Soares Ao Vivo". Biscoito Fino, 2007.

de raça, mas de felicidade. A imagem traz o *black power* de Elza tomado por ilustrações da cidade do Rio de Janeiro, local onde Elza nasceu e morou na maior parte de sua vida. A capa não fala diretamente sobre a temática racial mas não deixa de ser um posicionamento sobre a temática. O fato de uma mulher negra, moradora de uma cidade e de um país marcados pela desigualdade, se dizer feliz é, no mínimo, um ato revolucionário.

Figura 22 - Capa do disco "Vivo Feliz" (2007) (IMMuB)⁵⁵



b) Gênero

Outra bandeira levantada por Elza e que, assim como o racismo, faz parte da sua construção enquanto mulher negra, é o combate ao machismo. Em entrevista à BBC sobre o lançamento do disco "Deus é Mulher", a cantora afirma:

Com "A Mulher do Fim do Mundo" a gente veio denunciar tudo que não presta. Como os problemas não tiveram fim, aliás, é muito difícil acabarem, a gente volta agora com Deus É Mulher. Acho que as mulheres, com o empoderamento todo que têm agora, graças a Deus, elas podem muito bem liderar e pode haver Deus dentro de cada uma de nós. Por que não? Por que Deus não pode ser mulher? Deus é mulher. Eu vim protestando com A Mulher do Fim do Mundo e volto com o mesmo protesto, mas dando mais força às

⁵⁵ IMMuB (Instituto Memória Musical Brasileira). "Vivo Feliz", página no site do IMMuB. Sem data. Disponível em: <https://immub.org/album/vivo-feliz>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

mulheres. Pondo mais a mulher na frente. Nós mulheres sabemos que podemos ficar à frente. Acho que é por aí.⁵⁶

Em 2018, um trecho da música "Maria da Vila Matilde", que compõe o disco "A Mulher do Fim do Mundo" extrapolou a canção e virou uma espécie de grito de guerra contra a violência doméstica. "Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim" foi uma frase utilizada por influenciadoras digitais, jornalistas e artistas para falar sobre a importância da denúncia em casos de violência contra a mulher. No Instagram, a hashtag #CêVaiSeArrependerDeLevantarAMãoPraMim está presente em mais de 500 publicações.

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E jogo água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix...
 Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando o samango chegar
 Eu mostro o roxo no meu braço
 Entrego teu baralho
 Teu bloco de pule
 Teu dado chumbado
 Ponho água no bule
 Passo e ofereço um cafezim
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço
 E jogo água fervendo
 Se você se aventurar

Eu solto o cachorro
 E, apontando pra você
 Eu grito: péguix...

⁵⁶ CARNEIRO, Júlia Dias. “‘Grito muito, mas quero eco’, diz Elza Soares sobre combate ao racismo”. BBC News Brasil, 10 de fevereiro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42912224>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

Eu quero ver
 Você pular, você correr
 Na frente dos vizinhos
 Cê vai se arrepender de levantar a mão pra mim

E quando tua mãe ligar
 Eu capricho no esculacho
 Digo que é mimado
 Que é cheio de denço
 Mal acostumado
 Tem nada no quengo
 Deita, vira e dorme rapidinho⁵⁷

Muitos foram os motivos para que Elza pensasse em desistir. Ver as causas que defende evoluindo tão lentamente ao longo dos anos poderia fazer com que a cantora se desse por vencida. Contudo, desde o início da carreira, quando Elza reverberou a mensagem de Wilson Simonal e colocou na sua voz a afirmação de que "Com uma canção também se luta, irmão" a cantora já mostrava que não estava disposta a parar de usar sua arma mais potente: sua voz.

Em 2019, antes de lançar oficialmente o disco "Planeta Fome", Elza gravou e disponibilizou ao público a música "Libertação", uma parceria com a banda BaianaSystem. A canção é um grito de coragem e resistência e Elza repete diversas vezes a frase "Eu não vou sucumbir" como se desse um recado aos que insistem em dizer que ela deveria parar de cantar:

Eu não vou sucumbir
 Eu não vou sucumbir

Avisa na hora que tremer o chão
 Amiga, é agora, segura a minha mão

A minha jangada foi pro mar
 Pra minha jogada arriscar

Você largou, largou, largou
 Não tem solução
 Largou, largou, largou
 É libertação⁵⁸

Imagem 23 - Traseira do último carro da escola Mocidade Independente de Padre Miguel - "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar" (2020) (G1)

⁵⁷ SOARES, Elza. "Maria de Vila Matilde". In: SOARES, Elza. "A mulher do fim do mundo". Circus Produções Culturais e Fonográficas, 2015.

⁵⁸ SOARES, Elza; BAIANASYSTEM. "Libertação". In: SOARES, Elza; BAIANASYSTEM. "Libertação". Deck, 2019.

Figura 23 - Traseira do último carro da escola Mocidade Independente de Padre Miguel - "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar" (2020) (G1)⁵⁹



Fonte: Site do G1

Na mesma onda de "Libertação", em que Elza responde em forma de canção as críticas à sua insistência em seguir cantando, a cantora gravou anteriormente a música "Mulher do Fim do Mundo", uma canção de Romulo Fróes e Alice Coutinho:

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como vendaval
Me joga na avenida que não sei qual é

Pirata e Super-Homem cantam o calor
Um peixe amarelo beija minha mão
As asas de um anjo soltas pelo chão
Na chuva de confetes deixo a minha dor

Na avenida deixei lá
A pele preta e a minha paz
Na avenida deixei lá
A minha farra minha opinião
A minha casa minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar

Quebrei a cara e me livreí do resto dessa vida

⁵⁹ "DESFILE da Mocidade; veja fotos". G1, 25 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2020/noticia/2020/02/25/desfile-da-mocidade-veja-fotos.ghtml>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou e vou até o fim cantar

Eu quero cantar até o fim
Me deixem cantar até o fim
Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou cantar, me deixem cantar até o fim

Até o fim eu vou cantar, eu quero cantar
Eu quero é cantar eu vou cantar até o fim
Eu vou cantar, me deixem cantar até o fim⁶⁰

Uma das mensagens da música e que é repetida diversas vezes por Elza traz um duplo sentido instigante. Ao pedir "Me deixem cantar até o fim", a cantora se refere ao fim de si própria ou ao fim das coisas como conhecemos, uma espécie de fim do mundo? Com uma trajetória como a de Elza, podemos descartar a primeira hipótese, já que, mesmo sem nunca ter morrido, não seria loucura considerar Elza imortal: nem sua morte será capaz de abafar a força de sua voz e a potência de seu grito. Resta então o segundo fim, do mundo como conhecemos. Lembrando que esta dissertação foi escrita durante a maior pandemia da história e, infelizmente, durante o fim de vários mundos, poder contar com a voz de Elza — em todos os sentidos — em um momento como esse, traz uma gota de esperança em meio ao caos.

⁶⁰ SOARES, Elza. "Mulher do fim do mundo". In: SOARES, Elza. "A mulher do fim do mundo". Circus Produções Culturais e Fonográficas, 2015.

Considerações finais

*Se quiser fumar eu fumo
Se quiser beber eu bebo
Não interessa a ninguém*

*Se o meu passado foi lama
Hoje quem me difama
Viveu na lama também*

*Comendo da minha comida
Bebendo a mesma bebida
Respirando o mesmo ar*

*E hoje por ciúme ou por despeito
Achar-se com o direito
De querer me humilhar*

*Quem és tu
Quem foste tu
Não és nada
Se na vida fui errada
Tu foste errado também*

*Não compreendeste o sacrifício
Sorraste do meu suplício
Me trocando por alguém*

*Se eu errei, se pequei
Pouco importa
Se aos teus olhos estou morta
Pra mim morreste também*

Lama

(Composição: Paulo Marques e Aylce Chaves / Interpretação: Elza Soares)

"Lama" foi a música que Elza Soares interpretou em sua primeira apresentação ao público, feita no programa "Calouros em desfile", apresentado por Ary Barroso. Embora o tema

mais comumente extraído da canção seja o conflito em um relacionamento amoroso, a letra permite outra interpretação. Na voz de Elza, a música soa como uma espécie de recado antecipado da cantora dizendo a que veio. Antes mesmo de iniciar sua apresentação no programa de Ary, Elza pôde sentir na pele que sua carreira artística não seria fácil. As risadas debochadas da plateia e do apresentador ao verem a menina humilde vestida com a roupa da mãe ajustada com alfinetes e, em seguida, o silêncio absoluto ao ouvir a potente voz de Elza, anteciparam como seria a trajetória da cantora: uma verdadeira roda-gigante, ora no topo, ora na lama.

A música já escolhida por Elza para aquele momento, antes mesmo de ser humilhada, dá um recado aos presentes naquele dia e aos tantos outros que dificultariam seu caminho no futuro: "Se o meu passado foi lama / Hoje quem me difama / Viveu na lama também". É justamente essa Elza, atrevida por natureza, que apareceu tantas vezes ao longo deste trabalho e que queremos evidenciar nesse momento final.

Nossa pesquisa teve como objetivo refletir sobre como o aniversário de 90 anos de Elza descortina momentos da sua trajetória que dão a ver tanto a sua construção enquanto celebridade quanto os valores da sociedade brasileira que transparecem nos eventos que cercam a cantora. Para tanto, iniciamos nosso trabalho mergulhando no profundo oceano que é Elza Soares. Como não gostaríamos de supor o que ainda nem havia sido anunciado pelo nosso objeto, mergulhamos de peito aberto para poder sentir e perceber o que a própria Elza indicava como caminho para sua análise.

O primeiro apontamento tem sua origem na construção da Elza enquanto sujeito, que, antes de ser artista e famosa, é uma mulher, negra e de origem pobre e periférica. Resgatando o que dissemos anteriormente, da cantora ser atrevida por natureza, uma forte característica que encontramos ao olhar para essa Elza negra e pobre é que ela teve e tem o atrevimento de não aceitar os tantos limites de um país machista, racista e marcado pelo preconceito de classe. A interseccionalidade, portanto, foi o que ajudou a moldar o nosso olhar para não ignorar a complexidade dos cruzamentos das opressões quando elas surgissem na nossa análise.

A noção de interseccionalidade nos serviu como uma valiosa ferramenta na leitura dos acontecimentos da carreira da cantora. Um exemplo foi o momento em que Elza foi perseguida pela mídia e pela sociedade civil ao se envolver com Garrincha ainda casado. Nesse ponto, o conceito nos ajudou a levantar questionamentos como: *O que a sociedade brasileira pensa sobre quem quebra valores? O que esses valores dizem sobre a manutenção das rígidas estruturas que aprisionam grande parte da população? O que há de específico no julgamento dessas pessoas que quebram os valores quando elas são mulheres, negras e pobres?*

Ainda guiados pelas perguntas, mais uma cruzou o nosso caminho e apontou para a necessidade de um segundo mergulho, agora nos estudos das celebridades: *O que um olhar sobre Elza Soares pode acrescentar aos tantos estudos sobre personalidades célebres?* A resposta não é simples, mas entendemos que o nosso trabalho foi caminhar no sentido de respondê-la. Se estudar as celebridades, de uma maneira geral, é mirar na figura célebre e acertar também nos elementos que a cercam, estudar uma celebridade que tem tanto em comum com grande parte da sociedade pode ser uma lente ainda mais poderosa na leitura dos contextos e do que nos define enquanto país.

Rojek (2008), um dos expoentes dos *celebrity studies* e que mencionamos ao longo do nosso trabalho, defende que as celebridades podem ser classificadas em três tipos que dizem respeito ao modo como essas figuras conquistam fama e/ou reconhecimento: conferida, adquirida e atribuída,. Para o autor, a celebridade conferida é a conquistada a partir de um lugar célebre, que, por si só, já atribui o status de celebridade, como por exemplo, presidentes e grandes empresários. Já a celebridade adquirida é caracterizada pelo esforço exemplar e tal fenômeno acontece com pessoas que adquirem fama como resultado da sua performance em espaços de visibilidade, como cantores e esportistas. Por fim, a celebridade atribuída é a que se dá a partir de uma aparição midiática ou por consequência de algum acontecimento, sendo este tipo o que mais depende do comportamento de uma audiência para a validação da fama do indivíduo. Personagens de vídeos que viralizaram na internet e ex-participantes de *reality shows*, por exemplo, compõem esse grupo.

Pensando nessa categorização proposta por Rojek (2008), o tipo que melhor contempla Elza Soares é o de celebridade adquirida. Essa é também a categoria de outros tantos cantores, artistas e atletas, que conquistaram a fama por meio do talento. *Sendo assim, o que difere o caminho trilhado por Elza e o feito por outras pessoas com talento?* A resposta, mais uma vez, não é simples. No entanto, nosso trabalho nos fez pensar que, por mais difícil que seja o caminho para a fama, ele pode ser ainda mais difícil para determinadas pessoas. Elza, apesar de um talento inquestionável e que merecia ser publicizado, além de não poder contar com a mídia para impulsionar sua carreira, teve os meios de comunicação e os comunicadores (jornalistas, radialistas, apresentadores etc) como mais uma pedra, das tantas que cruzaram seu caminho. A mídia, que é uma importante parceria para tantos artistas, no caso de Elza, além de não prestigiar a cantora, compartilhava da opinião pública de querer desmoralizá-la.

Portanto, grande parte das dificuldades encontradas por Elza ao longo da sua carreira não foram resultado da sua inexperiência ou de acasos "normais". Pelo contrário, esses buracos eram ainda mais profundos, rompiam com a normalidade e colocavam luz sobre como funciona

a sociedade brasileira e como é do interesse de alguns manter as coisas como estão. Um exemplo foi quando Elza foi substituída por Clara Nunes na gravadora Odeon. Como a cantora já havia presenciado outras situações de racismo na gravadora, não é difícil concluir que a troca foi feita porque para a empresa era mais interessante apostar na imagem de uma mulher branca do que na de uma mulher negra. Ou seja, o talento, as habilidades e outros "elementos célebres" de Elza não foram suficientes para derrubar o racismo e mantê-la na parceria com a gravadora.

Para organizar os aprendizados que este trabalho nos trouxe, seguiremos os sentidos que elencamos anteriormente para a análise do material selecionado. O primeiro sentido é o trabalho, fortemente presente na vida de Elza e de tantos outros brasileiros. Após a análise, o que podemos apreender é que a noção de trabalho que compartilhamos não é somente a ligada ao ofício, a algo que se faz para conseguir o sustento. O trabalho tem um lugar perverso na sociedade ao ser, em alguma medida, o definidor daquilo que somos. Não apenas muito trabalho não significa muitos ganhos, como o tipo de trabalho cristaliza os lugares e os status das pessoas. Elza apontou inúmeras vezes para a inconstância e a fragilidade do trabalho como fonte de sustentação da vida e em como é preciso que a classe trabalhadora tome consciência da injustiça que é produzir em excesso e possuir em escassez.

O segundo sentido é o tempo. Esse é um elemento evocado constantemente pela própria Elza e pelo público, que insistentemente reforça a inadequação da cantora às idades. Elza foi julgada, por exemplo, por ser nova demais para se casar pela primeira vez e velha demais para ter novos relacionamentos. Essa constante inadequação nos mostra que, para uma parcela do público e da mídia, ao que tudo indica, não sendo Elza um homem, branco e rico, qualquer idade é sempre incorreta. Como o tempo é um assunto constante para os que acompanharam a cantora ao longo de sua história, Elza se atreve a não ignorá-lo e o usa a seu favor, reforçando que seu nome é "agora" e que a idade é algo que ela não se importa.

Outro sentido que emergiu na nossa análise foi a fé, ou religiosidade, especialmente uma fé que chamamos de brasileira, por ser uma mistura, uma miscigenação, de várias concepções religiosas. É interessante perceber os contrastes dessa fé, que é, ao mesmo tempo, obediência e revolução. É pautada pelo cego respeito às divindades enquanto mantém os olhos bem abertos para acasos profanos da vida. Elza, por exemplo, professa acreditar no Deus cristão, sendo que a maior parte das religiões cristãs no Brasil tem nela um exemplo do que não ser. O questionamento que fica é se não deveríamos reconhecer como legítimo esse jeito brasileiro de professar a fé em vez de seguir tentando encaixar as nossas crenças em religiões que, muitas vezes, são mais um esforço de adequação eurocêntrica do que um meio para elevação.

Por fim, um último sentido que elencamos foi a voz, que talvez seja a noção mais imediatamente acionada quando falamos de Elza Soares. A cantora é dona de um timbre singular e tem um desempenho vocal excepcional desde sua primeira apresentação. Como ela mesma diz, sua voz é o seu dom. E esse dom Elza multiplica em vários. Além de usá-lo para encantar o público com sua música, a cantora utiliza sua voz para "dizer o que se cala", como reforça na canção composta por Douglas Germano. Elza se atreve novamente ao denunciar em espaços públicos situações que passam como normais pelos demais. Desde o início da sua carreira, a cantora fala de racismo, de machismo, de desigualdade, de violência policial e de tantos outros temas que marcam a sociedade brasileira. Isso nos faz pensar sobre a dupla injustiça que é ser oprimido: além de ter que sobreviver à opressão, é você quem precisa combatê-la.

Outro aprendizado que fica a partir da voz de Elza diz sobre sua sabedoria ancestral. A cantora dá voz a tantas outras que, dessa forma, se faz eterna e eterniza também a importância das lutas que carrega em sua garganta.

Durante a seleção dos materiais escolhidos para nos ajudar na leitura do aniversário de 90 anos da Elza Soares como acontecimento, o desfile da Mocidade Independente de Padre Miguel se mostrou uma potente lente de leitura para a história de Elza, de outros artistas ligados ao samba e das comunidades das Escolas de Samba. Partindo disso, um novo horizonte de análise que entendemos como interessante para ser explorado em trabalhos futuros é justamente a relação singular entre Elza e o Carnaval e entre o Carnaval e seus públicos, como um fenômeno comunicacional.

O início desta pesquisa foi atravessado por um medo: *será que um mergulho na história de Elza Soares não traria ainda mais desânimo sobre como é a realidade de uma mulher negra no Brasil?* Acontece que, ainda nos primeiros movimentos de investigação, o medo foi dando lugar a uma intensa curiosidade em entender como Elza conseguia se desviar de todos os obstáculos, por piores que fossem, e seguir escrevendo sua história. Portanto, o sentimento nessa reta final não é nem o medo do início, tampouco o desânimo que se anunciava, mas a força, da Elza, minha e das tantas mulheres negras que nos antecederam. Para concluir essa pesquisa em meio a uma das maiores pandemias da história da humanidade, a única alternativa foi extrair a força de todos os locais que meus olhos alcançavam. Um deles foi a própria história de Elza, que, agora, segue forte comigo.

Encerramos nosso trabalho reconhecendo que ele não esgota o tema proposto, que pode — e deve — ser explorado em trabalhos futuros. No entanto, entendemos que o que fizemos

aqui foi um passo, dos tantos que deveriam ser dados no Brasil, em direção ao reconhecimento do grande acontecimento que é Elza Soares.

Referências

- AFONSO, M.L.A. As mulheres que Andressa Urach pode ser: **celebridade, valores e gênero no Brasil contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- CAMARGO, Z. **Elza**. Rio de Janeiro: Leya, 2014.
- CASTRO, G. **Precisamos discutir o idadismo na comunicação**. Comunicação & Educação, v. 20, n. 2, p. 101-114, 2015.
- COLLINS, P. H. Pensamento feminista negro: **conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- COLLINS, P.H. Aprendendo com a outsider within: **A significação sociológica do pensamento feminista negro**. Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.
- CORRÊA, L. G.; GUIMARÃES-SILVA, P.; FURTADO, L.; BERNARDES, M. Entre o interacional e o interseccional: **Contribuições teórico-conceituais das intelectuais negras para pensar a comunicação**. Eco-Pós, v. 21, n. 3, p. 147-169, 2018.
- CRENSHAW, K. **A urgência da “interseccionalidade”**. Palestra da escritora estadunidense no evento Technology, Entertainment and Design (TEDWomen), 2016. Disponível em: <https://bit.ly/32zsDew>. Acesso em: 8 mai. 2020.
- CRENSHAW, K. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: **A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, vol. 1, art. 8, 1989.
- CRENSHAW, K. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em: <https://bit.ly/3fYxhK4>. Acesso em: 28 mai. 2021.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FRANÇA, V. R. V. Celebidades: **identificação, idealização ou consumo?** In: FRANÇA, V.R.V.; FILHO, J. F.; LANA, L.; SIMÕES, P. (Org.). Celebidades no Século XXI: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRANÇA, V. R. V. Louis Quéré: **dos modelos da comunicação**. Revista Fronteiras, estudos midiáticos, São Leopoldo-RS, v. V, n. 2, p. 37-51, dez. 2003.

FRANCA, V. R. V.; LOPES, S. C. Análise do acontecimento: **possibilidades metodológicas**. MATRIZES, v. 11, p. 71-87, 2017.

FRANÇA, V.R.V; SIMÕES, P. **Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos**. In: In: FRANÇA, V.; SIMÕES, P.; PRADO, D. (Org.). Celebidades no Século XXI: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte, Selo PPGCOM-UFMG. 2020. p. 31-57.

GEERTZ, Clifford. **Por uma teoria interpretativa da cultura**. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

GOES, E. **Interseccionalidade no Brasil, revisitando as que vieram antes**. Observatório de Análise Política em Saúde - OAPS/ISC/UFBA. Bahia, 2019.

GONZALEZ, L. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. In: SILVA, L.A.M. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília, ANPOCS, 1983.

GUIMARÃES-SILVA, P. Interseccionalidade: **Mais de três décadas de um conceito revolucionário**. Portal SER-DH, 2020. Disponível em: <https://serdh.mg.gov.br/repositorio-artigos/artigo/interseccionalidade-mais-de-tres-decadas-de-um-conceito-revolucionario>. Acesso em: 7 mai. 2020.

hooks, bell. **Não sou eu uma mulher?**. Mulheres negras e feminismo. 1ª ed. 1981. Lisboa: Tradução livre para a Plataforma Gueto, 2014.

LANA, L. C. C. As contradições da fama da periferia: **a celebração de Tati Quebra-Barraco**. In: FRANÇA, V.R.V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P.G. Celebidades no século XXI: transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LANA, L. C. C. Personagens públicas na mídia, personagens públicas em nós: **experiências contemporâneas nas trajetórias de Gisele Bündchen e Luciana Gimenez**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

LINS, L. A. O que as mulheres querem? **Publicidade, experiência e públicos nas redes sociais digitais**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2020.

LOPES, J. C. Elza Soares: **vida e obra sob o olhar da Fonoaudiologia**. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2018.

MEAD, G. H. **The Present as the Locus of Reality**. In: MEAD, G. H. *The Philosophy of the Present*. LaSalle, Illinois: Open Court, 1932. p. 1-31. Disponível em: http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_01.html. Acesso em 2 de novembro de 2020.

PEREZ, O.; RICOLDI, A. A quarta onda do feminismo? **Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos**. Comunicação, GT8 - Democracia e desigualdades, 42º Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 2018.

QUÉRÉ, L. A dupla vida do acontecimento: **por um realismo pragmatista**. In: FRANÇA, V. ; OLIVEIRA, L. (Org). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

QUÉRÉ, L. **De um modelo epistemológico a um modelo praxiológico da comunicação**. In: FRANÇA, V.R.V.; SIMÕES, P.G. (Orgs.) *O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação*. Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 15-48.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e o sentido: **a dualidade do acontecimento**. *Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação*, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.

RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 112 páginas, 2017.

ROJEK, C. **A celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SILVA, Cidinha. Feminismo Negro, de onde viemos: **aproximações de uma memória**. In: BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa (org.). *Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SIMOES, P. G. Celebidades na sociedade midiaticizada: **em busca de uma abordagem relacional**. *Revista Eco-Pós (Online)*, v. 16, p. 104-119, 2013.

SIMOES, P. G. **O acontecimento e o campo da comunicação**. In: FRANÇA, V. R.V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. C. (Org.). Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2014, p. 173-195.

SIMOES, P. G. O acontecimento Ronaldo: **a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

WERNECK, J. Nossos passos vêm de longe! **Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo**. In: Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux [en línea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2FO3ofV>>. Acesso em: 2 set. 2020.

ANEXO A: Descrição da matéria do programa *Domingo Espetacular*

O “Domingo Espetacular” é um programa no formato de revista eletrônica exibido aos domingos pela emissora RecordTV. A entrevista¹ que escolhemos foi ao ar no dia 9 de agosto de 2020 e se divide em duas partes, uma exibida na televisão e uma versão feita exclusivamente para as redes sociais do programa. A matéria é anunciada por Eduardo Ribeiro e Carolina Ferraz, apresentadores do programa. Eduardo começa dizendo que Elza foi eleita "Cantora do Milênio" e que, mesmo aos 90 anos, continua tendo uma voz potente. O apresentador encerra sua fala dizendo que a cantora garante que nunca deixou a fama subir à cabeça. Em seguida, Carolina diz que Elza os recebeu em sua casa, no Rio de Janeiro, e reforça: "mais que uma artista consagrada, ela é uma sobrevivente".

A reportagem começa com algumas imagens de bastidores de Elza ao fundo e, como trilha sonora, entra a música "Na Pele", gravada com a participação da cantora Pitty. Em seguida, a voz da entrevistadora Fernanda Sanches aparece junto à música de fundo dizendo que a rotina de Elza Soares é marcada pela agitação, tanto da agenda, quanto da própria vida. As cenas de bastidores e a canção "Na Pele" dão lugar à partes do videoclipe de "Negão Negra", parceria entre Elza Soares e Flávio Renegado. A entrevistadora interrompe o videoclipe para dizer que ele foi gravado dentro da casa de Elza. Em seguida, passam a ser exibidos frames das lives que Elza Soares fez durante a pandemia e a voz de Fernanda surge ao fundo: "aos 90 anos, ela se mantém moderna e tecnológica".

Feita essa apresentação, uma vinheta com o texto "Elza Soares, 90 anos de história" antecede a entrada das gravações feitas na casa de Elza. Fernanda Sanches começa a entrevista dizendo estar de frente a uma mulher que tem muita história para contar, já que teve uma infância difícil e muitos altos e baixos na carreira. Fernanda diz que vai começar a entrevista pelo final e pergunta: "tem alguma coisa que Elza Soares ainda não fez e gostaria de fazer?". Elza responde que, assim como todas as pessoas que estão vivas, ela tem sonhos e que o principal do momento é ver o país melhor. Fernanda completa: "Voltar para os palcos?" Elza concorda e diz que deseja voltar para os palcos e ver o país sorrindo e um povo mais feliz.

A entrevista continua e aparece a narração da entrevistadora dizendo que, como está seguindo as regras de isolamento social contra a Covid-19, Elza não sai de casa, mas aceitou

¹ “CANTORA Elza Soares recebe a equipe do Domingo Espetacular em sua casa no Rio de Janeiro”. R7, 9 de agosto de 2020. Disponível em: <http://bit.ly/2U6Tdap>. Acesso em 20 de jan. de 2021

receber a equipe do Domingo Espetacular seguindo todas as medidas de segurança. Fernanda aproveita o assunto e pergunta à Elza como está sendo a pandemia. A cantora responde: "A gente vai passando. É chato, mas tem vocês aqui. É chato ficar longe do palco, mas tenho meu palco em casa comigo. Assim a gente vai sobrevivendo." Depois dessa fala, é apresentado um frame de uma das lives em que a cantora canta um trecho da música "Maria de Vila Matilde":

Cadê meu celular?
 Eu vou ligar pro 180
 Vou entregar teu nome
 E explicar meu endereço
 Aqui você não entra mais
 Eu digo que não te conheço [...]²

Em seguida, um vídeo com a interpretação de Elza da música "Lama" aparece em volume baixo enquanto a voz de Fernanda Sanches anuncia a próxima parte: "Cada pergunta, uma viagem no tempo. Como surgiu a Elza cantora?". Elza responde que desde criança cantava com seu pai e completa dizendo que canta desde pequena, apesar de ainda ser pequena. Mais uma parte do vídeo de "Lama" é apresentado, seguindo a narrativa de mostrar a potente voz de Elza. A cantora completa: "Foi surgindo a Elza e foi indo, né? Um dia achei que cantava mesmo e fui num programa do Ary Barroso". Uma vinheta contando um pouco sobre o programa de Ary Barroso é exibida rapidamente e, em seguida, Elza completa: "Ele me perguntou de que planeta você veio, né? E eu disse, do mesmo planeta seu, Seu Ary! Ele me disse, qual é o meu planeta? E eu disse: planeta fome!"

Trechos de Elza Soares interpretando "Mambembe", canção de Chico Buarque, e de sua participação no filme "O vendedor de Linguíça", da série Mazzaropi, são apresentados enquanto Fernanda diz que a resposta inusitada e a voz diferente chamaram a atenção e, naquela noite da apresentação no programa de Ary Barroso, Elza mostrou que tinha um timbre e um jeito únicos.

Fotos de Elza Soares são apresentadas enquanto a repórter anuncia um novo momento da entrevista: "A vida nem sempre foi fácil. Nascida em uma favela do Rio de Janeiro, Elza da Conceição Soares se casou pela primeira vez aos doze anos e teve sete filhos. Aos trinta e seis se casou de novo, com Mané Garrincha. Os dois tiveram um filho e viveram juntos por dezesseis anos." A câmera volta para Elza, que diz: "Garrincha foi um grande amor na minha vida também". A fala é bruscamente cortada e a cena volta a ser Fernanda Sanches narrando por cima de fotos da vida de Elza: "mas a relação do ídolo do futebol com a cantora foi marcada por episódios de violência doméstica". O foco volta a ser Elza Soares sentada na sala de sua

² SOARES, Elza. "Maria de Vila Matilde". In: SOARES, Elza. "A mulher do fim do mundo". Circus Produções Culturais e Fonográficas, 2015.

casa e, por cima da imagem de Elza com um semblante triste, Fernanda diz que a cantora prefere deixar isso para trás. Elza, no entanto, completa dizendo que não se arrepende de nada em sua vida, só do que não fez. Cenas do videoclipe da música "Mulher do Fim do Mundo" são exibidas enquanto Elza canta o seguinte trecho:

Na chuva de confetes deixo a minha dor
 Na avenida, deixei lá
 A pele preta e a minha voz
 Na avenida, deixei lá [...]³

A narração de Fernanda novamente aparece dizendo que os dramas da vida de Elza inspiraram a maior parte de suas músicas e que são essas mensagens que a cantora faz questão de sempre passar. Em seguida, aparece o trecho do videoclipe da música "O que se cala", em que Elza canta:

Mil nações moldaram minha cara
 Minha voz, uso pra dizer o que se cala
 O meu país é meu lugar de fala [...]⁴

O foco volta a ser Elza em seu apartamento, que diz achar horrível que a mulher ainda sofra tanto, e reforça: "Mulher, pelo amor de Deus, para de sofrer! É 180! Denunciem, por favor!"

Trechos do videoclipe de "Negão Negra", exibido no início da reportagem, aparecem novamente ao fundo da fala de Fernanda, que introduz uma nova temática na conversa: "O mais recente trabalho fala de uma outra luta antiga, que continua mais viva do que nunca: o racismo e a violência contra os negros". Elza aparece novamente e completa: "Eu continuo gritando! O racismo está presente na vida de todo mundo, não é só na minha vida não. É na vida de nós todos, brasileiros, que estamos vivos, estamos vendo esse espetáculo horrível". A imagem de Elza em sua casa dá lugar à uma gravação de sua interpretação do trecho "A carne mais barata do mercado é minha carne negra", da música "Carne".

Na narração que introduz o novo bloco de perguntas, sobre as cenas de videoclipes e apresentações de Elza Soares, Fernanda diz que a carreira da cantora é premiada no mundo inteiro e que ela coleciona troféus, entre eles o do Grammy Latino, o oscar da música latina, com o melhor álbum. A entrevistadora segue dizendo que Elza também já foi eleita a Voz do Milênio e conclui reforçando que disso ninguém discorda. O foco volta a ser Elza, que diz: "Eu penso que valeu muito! Muito obrigada, meu Deus, por esses presentes dados! Divinos, porque

³ SOARES, Elza. "Mulher do fim do mundo". In: SOARES, Elza. "A mulher do fim do mundo". Circus Produções Culturais e Fonográficas, 2015.

⁴ SOARES, Elza. "O que se cala". In: SOARES, Elza. "Deus é mulher". Deck, 2018.

é uma obra divina de Deus, né? Uma menina que saiu de onde eu saí para ganhar tantos prêmios assim é uma obra divina. Por isso eu agradeço a Deus por tudo isso".

Fernanda segue a entrevista perguntando sobre os planos de Elza para o ano. A cantora responde que não costuma fazer muitos planos, prefere esperar que as coisas aconteçam. Nesse momento a imagem de Elza em sua casa dá lugar à uma gravação em que a cantora aparece interpretando, de forma emocionada, o trecho "me deixem cantar até o fim", da música "Mulher do Fim do Mundo".

Mais uma vez são apresentadas partes das lives que Elza fez ao longo da pandemia e a voz de Fernanda Sanches narra o seguinte texto: "Já foram nove lives na internet nos últimos quatro meses. Mas você também gosta de estar com a agenda cheia, né? Esse negócio de ficar parada não é com você não, né?". Elza responde que gosta da agenda sempre cheia, que trabalha muito e que não lhe falta trabalho e nem força de vontade.

A entrevistadora relembra a fala de Elza, que contou ser uma pessoa que se emociona facilmente, e pergunta: "O que mais te emociona?". Elza responde: "Filho emociona! Meus filhos me emocionam muito. Meus netos me emocionam muito". Fernanda prossegue e pergunta se Elza se considera uma pessoa feliz. A cantora responde de imediato: "Completamente feliz! Muito feliz! Quem tem Deus no coração tá feliz. Eu sou uma mulher feliz!".

Para encerrar a entrevista, Fernanda Sanches começa dizendo que 90 anos não são nada pra quem costuma dizer que não tem idade. A entrevistadora reforça que, para a cantora, idade é apenas uma contagem de tempo. Elza aponta para a câmera e diz: "Tenho muita coisa a aprender ainda ainda, gente! Ainda não sei nada, viu? A gente que tá aqui, enquanto tá vivo, tá aprendendo. Eu tô aprendendo muito!"

Na segunda parte do vídeo, feita exclusivamente para as redes sociais, Fernanda Sanches começa apresentando Elza Soares dizendo que a cantora tem muita história para contar, pois acabou de completar noventa anos de idade e setenta de carreira. A entrevistadora completa dizendo: "Elza, a gente tá falando agora com o pessoal da internet. Você tem muitos seguidores. Você tem mais de quinhentos mil seguidores no Instagram, mais de cem mil seguidores inscritos no seu canal no youtube. São mais de um milhão de inscritos nas suas redes sociais. Como que uma pessoa de noventa anos consegue ser tão ativa assim nas redes sociais? Você gosta? Você faz por prazer?". Diferentemente da versão da entrevista que foi ao ar na RecordTV, neste vídeo Elza está nitidamente nervosa e desconfortável. A cantora olha para a câmera e responde de forma enfática à pergunta de Fernanda: "Gente, eu tô viva! E muito viva e com muito prazer de fazer tudo isso. Muito ativa, graças a Deus!".

Fernanda insiste no tema do uso das redes sociais e pergunta se Elza teve alguma dificuldade com o uso, ao falar no telefone ou gravar. Elza não espera o fim da pergunta e interrompe Fernanda dizendo que não tem dificuldade alguma, que acha muito fácil usar tudo e que faz tudo sozinha.

A entrevistadora pergunta se Elza tem o hábito de ficar vendo a vida dos outros nas redes sociais e a cantora, mais uma vez, interrompe Fernanda e diz: "Não, da vida dos outros, não. Na internet eu gosto de saber da minha vida, né? O que está acontecendo na minha carreira. Ver os colegas também, o que está acontecendo. Isso é que é o importante".

Fernanda pergunta o que Elza achou de fazer uma live e a cantora não rende muito a resposta, dizendo apenas que achou ótimo e maravilhoso.

Encaminhando-se para o final do vídeo, a entrevistadora pergunta para Elza o que ela gosta de falar em suas redes sociais. A cantora suspira e responde: "Gente, eu falo muito com as mulheres. Eu falo muito que tá na hora de acordar, tá na hora de não marcar bobeira, tá na hora da gente não ter mais tempo para falar bobeira, tá na hora da gente começar a ver o mundo de uma maneira mais clara, séria, entendeu?". Fernanda conclui perguntando o que podemos esperar da Elza Soares na internet e a cantora diz: "Vida!".

ANEXO B: Descrição do episódio do podcast *G1 Ouviu*

O episódio¹ número 98 do “G1 Ouviu”, o podcast de música do G1, apresentado por Braulio Lorentz e Gabriela Sarmiento, foi ao ar o dia 19 de julho de 2020 e começou com um trecho da música "A Carne", composta por Seu Jorge e Marcelo Yuka e interpretada por Elza Soares. Em seguida, Braulio dá início ao programa, dizendo que Elza Soares fez 90 anos em 2020 e que eles não poderiam deixar a data passar em branco. Gabriela concordou e reforçou que, embora Elza já tenha sido considerada a cantora do milênio e recebido o Grammy Latino, nenhum desses e outros títulos recebidos pela cantora são suficientes para descrevê-la. Braulio completou dizendo que, apesar da dura história de vida, Elza conseguiu traduzir seus sentimentos em música, em arte e segue sem previsão de trégua. Gabriela disse que ouviu a própria Elza Soares e o programa do dia traz essa entrevista, além do comentário dos discos mais importantes, com a participação do crítico de música Mauro Ferreira.

Após tocar a vinheta do programa e um trecho da música "Hoje É Dia De Festa", composta por Jorge Benjor e gravada por Elza Soares, Braulio disse que a cantora nasceu Elza Gomes da Conceição, em 1930, e veio de uma família humilde da Vila Vintém, no Rio de Janeiro. Gabriela completou dizendo que o dia exato do nascimento sempre gera controvérsias e que Elza faz questão de não resolver esse dilema porque, para ela, idade não importa.

Gabriela: Eu conversei com a Elza e perguntei se esse aniversário tinha um gostinho diferente, por ser 90 anos, por ser em uma pandemia.

Elza: Não, eu acho tudo igual, né? Eu não sou de festejar muito não. Eu acho tudo igual. Só tem diferença por vocês, pelo carinho de vocês. Isso é diferente.

Braulio e Gabriela comentaram brevemente sobre o constrangimento que Elza passou no programa de calouros de Ary Barroso e sobre como a cantora usou a frase que disse ao apresentador naquele dia para intitular seu 34º disco.

Gabriela: Eu perguntei como é para ela ver que, depois de tantos anos, depois de tantas décadas, o mundo, e principalmente o Brasil, continuam na mesma situação de desigualdade.

Elza: Planeta Fome, né? Então, eu vim do planeta fome e continuo no Planeta Fome. É um país desigual, é uma coisa horrível. E a gente vive nisso.

Gabriela: A gente viu grandes protestos nos Estados Unidos quando o George Floyd morreu e aqui no Brasil várias pessoas, inclusive crianças negras, são mortas todos os dias. Você acha que aqui o movimento é diferente dos Estados Unidos?

¹ LORENTZ, Braulio; SARMENTO, Gabriela. “G1 Ouviu #98 – Elza Soares, 90 anos: entrevista e discografia comentada”. G1, 19 de julho de 2020. Disponível em: <http://glo.bo/3r9iVc7> . Acesso em 25 de jan. de 2021

Elza: Completamente! O povo aqui não tá nem aí. É mais um e vai embora. Lá não, lá grita mesmo, o protesto é feio, é bonito, é forte, é feito. Eu acho que lá tá certo.

Gabriela: E como você acha que a gente pode melhorar como sociedade pra sermos menos racista, menos machista, menos homofóbico?

Elza: Agindo, gritando e falando, sempre! Não silenciando. Porque o silêncio, às vezes, é bom, mas tem vez que o silêncio não é tão bom não. Você tem que gritar mesmo, tem que falar mesmo, tem que botar a boca no trombone, tem que gritar.

Gabriela aproveitou o fato da conversa com Elza ter sido sobre o presente para falar do recente lançamento da cantora, a música "Juízo Final", composta por Nelson Cavaquinho. Um trecho da canção foi apresentado (*É o juízo final / A história do bem e do mal...*) e, em seguida, Gabriela disse que perguntou a Elza o que fez a cantora gravar essa música agora.

Elza: Porque a letra é muito igual ao que está acontecendo com a gente. Você pega essa letra e você vê que coisa linda essa música, né? Adoro "Juízo Final"!

Gabriela: E como você avalia o que está acontecendo com a gente?

Elza: Meu amor, sinal de Deus. Eu não posso falar nada. São sinais que o ser humano tem que aceitar, ouvir, respeitar, se cuidar, olhar mais um para o outro. A gente tem mania de andar de cabeça erguida, de andar de cabeça baixa e não olhar para o próximo. Está no momento de se olhar para o próximo! Vamos nos olhar, vamos nos ver! É isso que está acontecendo. É um sinal.

Braulio Lorentz disse que, como Elza tem 90 anos de idade, é natural que todos tenham medo que ela pegue o coronavírus. Ele disse que fica imaginando se ela também compartilha desse medo. Gabriela disse que perguntou diretamente para Elza se a pandemia era algo que a assustava.

Elza: Nada me assusta e tudo me apavora!

Gabriela: E por que isso?

Elza: Porque eu vejo que com a gente acontece uma coisa: o ser humano é muito nada, absolutamente nada. Somos uma folhinha de papel que qualquer gota d'água desmancha. E o povo não acredita, não se conscientizou da fraqueza que ele é, entendeu?

Braulio reforçou a lucidez de Elza e disse que o jeito dela de falar sempre o impressiona. Em seguida, a cantora falou um pouco mais sobre a sua quarentena.

Elza: Eu faço fisioterapia, eu faço música, eu faço tanta coisa, meu Deus do céu, nesse meu silêncio. É um silêncio barulhento, entendeu? Parece que eu estou calada, mas não, eu estou fazendo muita coisa, mas muita coisa mesmo. Tomo meu banho de sol nua, que eu acho maravilhoso.

Gabriela Sarmiento disse que perguntou a Elza se ela tinha alguma ideia para um próximo disco ou projeto. A cantora disse que não, mas que, como sua cabeça não pára, logo surgirá alguma coisa. A apresentadora disse que, para finalizar a entrevista, perguntou a Elza

Soares qual é a mensagem que ela busca passar em suas músicas, desde o episódio com Ary Barroso, passando pelos dias atuais e, até mesmo, nas canções que ainda estão por vir.

Elza: Fé! Muita fé, muito amor. É o que está faltando no ser humano: amor e fé! Você tendo fé você, tem tudo. Você tendo amor, você não precisa de mais nada. Então, tendo amor e fé você tem tudo, minha amiga, não precisa de mais nada!

ANEXO C: Descrição da entrevista do programa “Metrópolis”

No dia 1 de agosto de 2020, o programa “Metrópolis”, exibido pela TV Cultura, apresentou uma entrevista¹ com Elza Soares em homenagem ao aniversário de 90 anos da cantora. A jornalista Adriana Couto, que é quem conduz a entrevista, inicia o programa falando da dura história de vida de Elza e agradecendo a cantora por aceitar recebê-la em sua casa, mesmo que virtualmente.

Elza: Obrigada, meu amor! Venha, venha sempre!

Adriana: Eba! Nossa, Elza, você que é uma mulher do palco, uma mulher que se constrói um pouco no palco, né? Para você, o palco é importante e imagino que você deve estar passando — como todos nós, mas você essa artista — por um período diferente, né?

Elza: Esse momento é trágico mas é a vida, "c'est la vie", né? Tem que ser e será. Vamos que vamos!

Adriana: Gosto assim "vamos que vamos"! Isso quer dizer que você está trabalhando, produzindo, tem projeto.. Está tudo rolando?

Elza: Lógico!

Adriana: Você fez uma regravação agora de Juízo Final, do Nelson Cavaquinho, que é uma música emblemática. E eu queria saber: por que é que você escolheu essa música para regravar? Porque você quis colocar essas palavras na sua boca de novo?

Elza: Deixa eu te contar, ela está tão atual. "É o juízo final" é tão atual, entendeu, que dá vontade de você cantar e falar sempre.

O trecho da canção é apresentado na tela do cenário. A letra completa da música segue abaixo:

O sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
O mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente

É o juízo final
A história do bem e do mal
Quero ter olhos pra ver
A maldade desaparecer²

Adriana: E você que é uma cantora que apresenta uma versatilidade muito grande também é uma referência para cantar samba, né? Ouvir Elza Soares cantando samba é uma referência. Aí você pega uma música do Nelson Cavaquinho e faz um arranjo *rock'n roll*. Eu gosto da Elza por isso.

¹ “ELZA Soares fala sobre trajetória e seus novos projetos | Entrevista”. Vídeo publicado na plataforma digital YouTube, canal Metrópolis, 10 de agosto de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fu5n91>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

² SOARES, Elza. “Juízo Final”. In: SOARES, Elza. “Juízo Final”. Deck, 2020.

Elza: Eu lancei agora uma música, que é "Negão Negra". Foi um lançamento meu também agora. Não é só samba não. Eu saí fora do samba há muito tempo. Eu venho buscando versatilidade, música atual, entendeu? Samba também, se for bom, eu canto, mas eu gosto de buscar música que, no momento, esteja presente. Cara, deixa eu te contar uma coisa, eu grito muito, eu falo muito. Eu não sei até quando vou ter que gritar mais, falar mais, mas a gente não pode parar de falar, não pode parar de gritar. Parece que a coisa está sempre presente na sua cabeça, na sua mente e, por mais que a gente grite, por mais que a gente fale, a coisa continua. Mas eu vou gritando, vou falando.

Um pequeno trecho da música "Negão Negra", uma parceria de Elza com o rapper Flávio Renegado, é apresentado enquanto Elza completa sua resposta. A letra completa da música segue abaixo:

Nunca foi fácil e nunca será
Para o povo preto do preconceito se libertar
Sempre foi luta, sempre foi porrada
Contra o racismo estrutural, barra pesada

Negão, negão, negão, negão
Negão, negão, negão, negão
Negra, negra, negra, negra, negra

Fala pro homem cordial e a sua falha engrenagem
Meu corpo é livre, com amor, cor e coragem
Pra cada um que cai, choramos rios e mares
Mas nunca calarão as nossas vozes milenares

Sem gênero ou preceito, humanos em nova fase
Wakanda é o meu mundo, Palmares setor a base
Quem topa esse rolê dá asas à liberdade
No feat filho do rei e a deusa Elza Soares

Todos os dias me levanto
Olho no espelho, sempre me encanto
Com o meu cabelo e a cor da pele dos meu ancestrais

Todas as noites no quarto escuro
Peço a Deus e aos orixás
Que a escravidão não volte nunca, nunca, nunca mais³

Adriana: Você tem esse sentimento de que, muitas vezes, tentaram te calar de alguma forma na sua carreira? É esse sentimento que você guarda ou não? É outra coisa?

Elza: Pelo contrário, eu cheguei aqui lutando e gritando. Nunca parei no espelho para ver a cor da minha pele. Nunca olhei a cor da minha pele, sempre olhei para o chão onde estou pisando e vou alcançando meu objetivo. Eu acho também que se a gente parar para falar muito em "negro, negro negro.." toda hora, também enjoa. O negócio é você lutar, buscar e vai embora, vá em frente. É o que eu faço. Ando sempre com a cabeça erguida e vou em frente.

³ SOARES, Elza; RENEGADO. "Negão Negra". In: SOARES, Elza; RENEGADO. "Negão Negra". Deck, 2020.

Adriana: Elza, nessa quarentena, você que é a "mulher-música", você é uma mulher que ouve música o dia inteiro ou a música está dentro da sua cabeça? Bom, eu imagino que a música está em você. Eu olho para você e vejo música, mas você é a pessoa que ouve música o dia inteiro? Você está ouvindo o que agora? O que a Elza está ouvindo?

Elza: Eu ouço o que eu ouço sempre. Ouço muito Chet Baker, Caetano, ouço meus bons cantores, entendeu? Vou ouvir Chico. Eu ouço muito meus cantores favoritos: Chico, Caetano... Vou ouvindo. Chet Baker não posso deixar de ouvir. Lógico, né? Mas eu escuto música o tempo todo. Música é o meu alimento.

Adriana: Você fez uma live. Como é que foi para você, que é essa mulher do palco, estar ali sem o público gritando "Elza", sem o público ali cara a cara? Foi uma experiência esquisita ou boa?

Elza: Uma experiência boa! Deixa eu te contar: você não pode também ficar só amargurada com o que está acontecendo. Dessas coisas você tira bons momentos também, sabe. Eu não sou de ficar presa só ao que está acontecendo e ficar triste não. Eu procuro buscar bons momentos também dentro desse momento.

Adriana: Elza, foi um prazer muito grande falar com você mais uma vez. É sempre bom ver uma artista como você, tão reluzente e nos inspirando. A sua história inspira muita gente. Muito obrigada!

Elza: Obrigada, amor! Obrigada!

ANEXO D: Descrição do desfile da Mocidade

Uma relação de verdadeira devoção entre artista e escola de samba não é exclusividade de Elza Soares e a Mocidade Independente de Padre Miguel. Vários sambistas e cantores da Música Popular Brasileira são integrantes e admiradores declarados de escolas de samba, do Rio de Janeiro, de São Paulo e, até mesmo, de outras cidades do Brasil. Comumente essa relação, em algum momento, acaba se transformando em tema dos desfiles das escolas e isso é algo muito aguardado pelo público que acompanha o Carnaval e, principalmente, pelos integrantes das comunidades das escolas.

A cantora Beth Carvalho, que já foi enredo de escolas de samba cinco vezes, afirma que “Não existe no mundo nada mais emocionante do que ser enredo de uma escola de samba. É a maior consagração que um artista pode ter”¹. Outro exemplo é o desfile de 2016, da escola carioca Estação Primeira de Mangueira, que conquistou seu 19º título com o enredo em homenagem aos 50 anos de carreira da cantora Maria Bethânia², fã da escola. Temos ainda a emocionante participação do sambista Arlindo Cruz que, mesmo com muitas sequelas do AVC que havia sofrido há dois anos, chegou de ambulância e cadeira de rodas para participar do desfile de 2019 da escola X-9 Paulistana, cujo enredo homenageava os 60 anos do cantor³.

Nascida e criada no mesmo bairro que a escola carioca Mocidade, Padre Miguel, a relação de Elza Soares com a verde e branco existe há bastante tempo e já rendeu algumas participações da cantora nos desfiles. Embora esses momentos tenham sido muito marcantes, um desfile inteiro em homenagem à cantora era algo esperado por aqueles que, de alguma forma, estão envolvidos com o carnaval. Em 2020, ano em que Elza completou 90 anos de idade, o presente veio: a Mocidade Independente de Padre Miguel levou para a avenida o enredo "Elza Deusa Soares", composto por Sandra de Sá, Igor Vianna, Dr. Marcio, Solano Santos, Renan Diniz, Jefferson Oliveira, Prof. Laranjo e Telmo Augusto, e interpretado por Wander Pires.

Lá vai menina
Lata d'água na cabeça
Vencer a dor, que esse mundo é todo seu

¹ “BETH Carvalho já foi enredo de escola de samba 5 vezes”. UOL/Setor 1, 30 de abril de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2Qhe4cx>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

² “MANGUEIRA celebra 50 anos de carreira de Bethânia com luxo e muitos artistas”. G1, 9 de fevereiro de 2016. Disponível em: <https://glo.bo/3ghx19K>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

³ REGADAS, Tatiana. “Arlindo Cruz desfila na X-9 Paulistana com a família e acompanhado por enfermeiros”. Disponível em: <https://glo.bo/32obOTx>. Acesso em: 9 de agosto de 2021.

Onde a água santa foi saliva
Pra curar toda ferida que a história escreveu

É sua voz que amordaça a opressão
Que embala o irmão
Para a preta não chorar
Se a vida é uma aquarela
Vi em ti a cor mais bela
Pelos palcos a brilhar

É hora de acender
No peito a inspiração
Sei que é preciso lutar
Com as armas de uma canção
A gente tem que acordar
Da lama nasce o amor
Quebrar as agulhas que vestem a dor

Brasil
Enfrenta o mal que te consome
Que os filhos do planeta fome
Não percam a esperança em seu cantar

Ó nega!
Sou eu que te falo em nome daquela
Da batida mais quente
O som da favela
É resistência em nosso chão

Se acaso você chegar
Com a mensagem do bem
O mundo vai despertar
Deusa da Vila Vintém
Eis a estrela
Teu povo esperou tanto pra revê-la

Laroyê é mojubá liberdade
Abre os caminhos pra Elza passar
Salve a Mocidade
Essa nega tem poder
É luz que clareia
É samba que corre na veia⁴

Para narrar a história de vida e artística de Elza Soares, a Mocidade levou para a avenida um desfile dividido em seis setores e vinte e oito alas.

Primeiro setor: "Com lata d'água na cabeça: nasce uma estrela"

O primeiro setor, chamado "Com lata d'água na cabeça: nasce uma estrela", vai da representação da dura infância de Elza até o famoso episódio da cantora no programa de Ary

⁴ PIRES, Wander. "Elza Deusa Soares". In: MOCIDADE INDEPENDENTE DE PADRE MIGUEL. "Sambas de enredo das escolas de samba 2020". Rio de Janeiro: Universal Music, 2019.

Barroso que, logo após ouvir Elza cantando, disse para a plateia: “Senhoras e senhores, nesse exato momento acaba de nascer uma estrela”.

Essa primeira parte do desfile começa pela Comissão de Frente "Ora direis ouvir estrelas: ouço o som da favela, resistência em nosso chão" representando a infância de Elza. Na encenação, algumas mulheres da própria comunidade em que a cantora nasceu fazem o papel de Elza e carregam latas d'água na cabeça. Ao redor, alguns homens, também da Vila Vintém, representam meninos que cresceram com Elza. Em determinado momento da coreografia, uma das "Elzas" é cercada pelos homens, que tapam sua boca e a jogam no chão. As outras "Elzas" aparecem e afastam os homens com firmeza. A cena relembra o primeiro contato de Elza Soares com Alaordes, com quem seria obrigada a se casar depois de ser flagrada em uma briga com o rapaz, e as tantas brigas que a cantora conta ter tido com os meninos da rua onde morava.

Logo após a comissão de frente, surge o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira com a fantasia "A inspiração do louva-a-deus". O inseto foi uma das primeiras referências sonoras de Elza, que gostava do barulho que ele fazia e tentava imitar com a garganta. O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira de uma escola de samba é responsável por conduzir e apresentar a bandeira da escola durante o seu desfile no carnaval. O Mestre Gabi, presidente da Federação das Escolas e Entidades Carnavalescas do Estado de São Paulo (Fesec), afirma que "Eles apresentam toda aquela comunidade. Aquela nação toda é representada por aquele pedacinho de pano de 120 por 90 centímetros. Muita gente já se emocionou, apanhou, brigou por conta dele"⁵. Portanto, ao trazer o louva-a-deus para compor o ritual de abertura do desfile, a Mocidade Independente de Padre Miguel mostra que sua bandeira, naquela noite, seria a voz de Elza, no sentido literal e no sentido do que a voz da cantora representa.

Em seguida, o Tripé-pede passagem, "Abre os caminhos pra Elza passar", traz o símbolo da Mocidade Independente de Padre Miguel e uma representação do cenário da Fábrica de Tecidos Bangu, onde o pai de Elza trabalhou.

A primeira ala, "Central do Brasil - A conexão entre o centro e a periferia" representa os antigos trens da estação Central do Brasil, que, quando criança, Elza embarcava para ajudar sua mãe e, já adulta, para se apresentar em diversos estabelecimentos da cidade do Rio de Janeiro. O primeiro setor do desfile termina no primeiro carro, chamado "Nasce uma estrela". A alegoria é composta por importantes cenários da carreira e vida de Elza Soares: seu lugar de nascimento e o palco do programa de Ary Barroso, em que Virna Soares, neta de Elza, desfila com um vestido ajustado com alfinetes, representando a avó.

⁵ VIDICA, Leticia. "Mestre-sala e porta-bandeira devem girar em sentido contrário no desfile de carnaval; veja regras". G1, 1 de março de 2019. Disponível em: <https://glo.bo/3eodDVX>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Segundo setor: "Credo - Minha fé quem faz sou eu"

O segundo setor do desfile, intitulado "Credo - Minha fé quem faz sou eu" é um verdadeiro altar que reúne as diversas crenças de Elza. A primeira ala do setor foi batizada de "A Água Santa foi saliva para curar toda ferida", trecho do samba-enredo da escola, e representa o episódio em que uma vaca lambeu o rosto de Elza quando ela ainda era uma criança. Anos depois, a cantora interpretou a lambida como uma bênção de uma entidade sagrada.

Em seguida, três figuras são apresentadas nas alas que se sucedem. A primeira é São Jorge, que Elza conta ter aparecido para ela e dito que a cantora apanharia muito durante a vida, mas que isso a tornaria forte. A segunda figura é o caboclo "Bem fechado", que Elza conta ter visto em sonho quando ainda era criança. O caboclo apareceu para a cantora mas não queria conversar, apenas abençoá-la, por isso Elza o chama de "Bem fechado". Por fim, surge a ala com o Anjo Negro, personagem de outro sonho da cantora. Na visão, um anjo-pássaro dourado de rosto negro era enxotado de todos os ninhos e Elza entende que essa parábola representa sua luta contra o preconceito.

O segundo setor se encerra com o tripé "Laroyê Ê Mojubá - Minha fé quem faz sou eu", que reúne representações da escrava Anástácia, Exus, santos católicos, Buda e outros elementos que compõem a fé de Elza.

Terceiro setor: "Credo - A metamorfose da deusa: as muitas faces de Elza"

O terceiro setor é dedicado às transformações que Elza passou ao longo da vida e foi batizado de "A metamorfose da deusa: as muitas faces de Elza". A primeira ala desse bloco retrata a dura rotina de Elza na fábrica de sabão Veritas, no Engenho de Dentro, onde Elza trabalhava para sustentar seus três filhos. A próxima ala recebe o nome de "Loucura e preconceito - Nesse mundo louco, de tudo um pouco" e apresenta as humilhações que a cantora sofria quando era empregada doméstica e quando trabalhou em um manicômio.

O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira do desfile se apresenta com a fantasia "A africanidade de Mercedes Baptista", uma homenagem a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que convidou Elza para cantar na peça "É tudo Juju-Frufrú". A ala que vem a seguir também segue a temática da peça e foi chamada de "Nos bailes da vida -

Os primeiros passos como crooner". O bloco representa o momento em que, também a convite de Mercedes Baptista, Elza se apresenta na Argentina, junto com a Orquestra de Bailes Garam.

As duas últimas alas do terceiro setor do desfile são uma passagem por dois importantes momentos da carreira de Elza Soares. O primeiro foi o lançamento do seu disco primogênito, "Se acaso você chegasse", em 1969. O segundo foi quando a cantora se apresentou em Vinã del Mar, sede da Seleção Brasileira da Copa de 1962, e ganhou o título de "madrinha da seleção". A ala representa o início do romance de Elza com Mané Garrincha.

O carro intitulado "De Padre Miguel para o mundo" fecha essa terceira parte do desfile mostrando como a menina pobre de Padre Miguel começou a ganhar o mundo. A alegoria faz referência ao momento em que Elza cantou ao lado de Louis Armstrong e quando fez shows na Itália, na Argentina e em Nova York.

Quarto setor: "Quero ser a pioneira - É samba que corre na veia"

Após apresentar a infância de Elza, suas variadas fontes de fé e seus primeiros passos na música, a Mocidade levou para a avenida um setor inteiro dedicado à relação de Elza com o samba e o carnaval. A primeira ala desse setor representa o desfile da escola de samba carioca Acadêmicos do Sanguêiro, em 1969, em que Elza se consagrou como a primeira mulher a cantar o samba-enredo de uma escola do Grupo Especial do Rio de Janeiro. A ala seguinte fala sobre a primeira vez em que Elza cantou o samba-enredo da Mocidade, em 1973.

Em seguida, para abrir passagem para a "Não existe mais quente", como Elza chama a bateria da escola, a Rainha Giovana Angélica desfila com a fantasia "Eis a Estrela!", representando Elza como sendo a estrela de Padre Miguel, a luz que ilumina os caminhos da comunidade e traz força para os dias difíceis.

Neste desfile em homenagem à Elza Soares, a bateria da Mocidade recebeu o nome de "Salve a Mocidade - O Mestre André sempre dizia", uma referência ao samba "Salve a Mocidade", imortalizado na voz de Elza, e à amizade entre a cantora e o Mestre André, um dos primeiros regentes da bateria da escola. Elza presenteou o Mestre André com uma batuta que ele usou todos os anos em que esteve à frente da bateria. Após o falecimento de Mestre André, em 1980, a batuta ganhou um valor simbólico e é mantida em um local de destaque na quadra da Mocidade. Somente no dia do desfile, o mestre da bateria pode ter acesso e usá-la na avenida.

As três alas que sucedem a bateria seguem o viés de homenagem aos feitos de Elza no carnaval da Mocidade. A primeira representa a vez em que a cantora cantou o samba-enredo

"A festa do divino", em 1974, e conquistou o Estandarte de Ouro para a Mocidade. A segunda ala apresenta o episódio em que Elza interpretou o samba-enredo "O mundo fantástico de Uirapuru", que exaltava as histórias brasileiras a partir do pássaro símbolo de sorte. E a terceira ala traz o último carnaval em que Elza defendeu um samba pela Mocidade, em 1976, com o enredo que homenageava a famosa Iyalorixá baiana Mãe Menininha do Gantois.

O terceiro carro de som do desfile entrou para fechar o quarto setor e resumiu as alas anteriores. Nele, Elza foi exaltada pelo feito de ser a primeira mulher a cantar samba-enredo em desfile oficial de escola de samba do Rio de Janeiro.

Quinto setor: O circo dos horrores - Sentindo na pele a opressão do machismo e do preconceito

O penúltimo setor do desfile parte da temática circense para apresentar ao público e aos jurados as bandeiras levantadas por Elza. A metáfora não é apenas uma licença poética para falar de questões tão caras à cantora e, logo na primeira ala do setor, o motivo do tema circense é apresentado: em uma das diversas fases difíceis da vida e da carreira, Elza foi cantar em um circo em São Paulo, foi hostilizada pela opinião pública e sofreu vários ataques preconceituosos.

As alas seguintes, portanto, são um desdobramento desse e de outros episódios em que a cantora foi atacada. Em vez de sucumbir às ofensas, Elza segue ainda mais convicta de que sua voz pode ser usada como arma contra diversas opressões. A ala "Machismo - Os selvagens do circo" usa a referência de alguns "homens das cavernas" para falar do comportamento machista. A ala "Bailarina da dor - Dançando conforme a música" simboliza todas as perdas de Elza, que aprendeu a dançar conforme a música. A ala "Domador do circo: a censura e o chicote" representa os episódios em que a cantora sofreu ameaças, foi apedrejada e teve sua casa metralhada e invadida pelo DOPS - Órgão do governo brasileiro durante o período militar. Por fim, a ala "Cobras e Lagartos - A língua que difama, a mão que apedreja" apresenta a forma com que a opinião pública usou de força desmedida para julgar e condenar cada passo de Elza.

Antes do carro que encerra o quinto setor do desfile, a Mocidade apresenta uma passista em destaque com a fantasia "A força indomável de uma pantera negra". A escolha pela pantera como símbolo de resistência parece partir da mesma razão que motivou os Panteras Negras, movimento voltado ao combate da violência policial contra os negros durante a década de 60 nos Estados Unidos. Ao ser atacada, o primeiro extinto de uma pantera é o recuo. O animal é capaz de recuar inúmeras vezes e isso faz com que ela acumule força enquanto o inimigo gasta

energia atacando. Quando a pantera decide contra atacar, o golpe é tão intenso que é capaz de destruir o inimigo por completo, como se a intensidade dos ataques sofridos fosse armazenada e devolvida pela pantera ao agressor. Além disso, essa analogia da pantera se encaixa também no conselho que Elza conta ter ouvido de São Jorge: o que a faria forte seriam justamente os ataques que sofreria ao longo da vida.

É justamente esse clima de um ser que armazena os ataques e os transforma em força própria que o carro "O circo da vida - apanhou à beça mas é dura na queda" apresentou. A alegoria mostra que, como uma pantera, Elza sobreviveu e enfrentou todos os malabarismos da vida.

Sexto setor: "Resistência, arte e engajamento: essa nega tem poder!"

Após trazer a pantera para falar de confronto, no último setor do desfile, a Mocidade fala de renascimento. Para isso, logo na primeira ala, chamada "Fênix - A reinvenção da deusa", a escola usa a metáfora do ser mitológico que Elza tem tatuado no calcanhar para mostrar como a cantora renasce das próprias cinzas.

A ala que vem a seguir carrega no nome o trecho da música "Não tá mais de graça" para falar sobre a menina Agatha, assassinada em 2019 por uma bala perdida na cidade do Rio de Janeiro: "Alvo - Não é perdida, é bala autografada". As alas "Canto de Luta - Porta-voz LGBT", "Canto de resistência - Porta-voz das mulheres" e "Canto que reverbera - A carne mais barata não está mais de graça" seguem o tom de protesto e representam três lutas que Elza faz questão de reforçar que podem contar com sua voz no coro pela justiça.

A última ala do desfile traz o único pedido de Elza à Mocidade: uma homenagem aos professores. O carnavalesco Jack Vasconcelos conta⁶ que mergulhou na biografia da cantora e, quando apresentou o projeto, Elza gostou de tudo e só pediu para acrescentar a homenagem. "Pedi isso porque sou muito grata ao professor Hélio Alonso [fundador das Faculdades Integradas Hélio Alonso e morto em 2015]. Ele abria as portas da instituição para muita gente e deu bolsas aos meus filhos"⁷. O pedido de Elza foi atendido e a ala "A educação é a mensagem do bem" se apresentou bem na sua frente, antes do carro de encerramento do desfile.

⁶ BALTAR, Anderson. "Mocidade homenageia professores a pedido de Elza Soares, a 'dona' do enredo. UOL, 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3tHPFvc>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

⁷ VANINI, Eduardo. "Na véspera do desfile em sua homenagem na Mocidade, Elza Soares prevê fortes emoções: 'Acho que vou chorar bastante'". O Globo, 22 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://glo.bo/2QGYLd8>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

O quinto e último carro da Mocidade foi batizado "Você tem fome de quê? Que os filhos do Planeta Fome não percam a esperança em seu cantar". A alegoria trazia um verdadeiro trono com Elza Soares em destaque. Ao seu lado, alguns familiares, amigos e empresários. O carro contava também com uma imagem de uma boca gigante, que, no lugar da garganta, tinha um megafone. Além disso, integrantes da alegoria carregavam bandeiras com diversos símbolos, como um punho negro cerrado, as cores da pauta LGBTI+ e alguns símbolos feministas. A frase "Nós não vamos sucumbir" encerrou o desfile estampada na parte traseira da alegoria. É como se a potente voz da Elza estivesse reverberando sua arte e sua luta por todos os lados.